

**Dedico este livro a todos os filhos e filhas
Da Santa Mãe Igreja
Que se tornaram discípulos atentos da Palavra
E que por isso a trazem nos lábios
Como uma espada flamejante
Que torna os corações humanos
Abrasados de amor por Nosso Senhor Jesus Cristo.**

**Sou profundamente grato àqueles que me ensinaram
A tomar gosto pela Sagrada Escritura.**

**Pe. François Rubeaux, Pe. Gérard Levron
e Pe. Arlindo Moura, todos eles Oblatos da
Santíssima e Imaculada Virgem Maria.**

Índice

Prefácio.....	9
Apresentação.....	11
O Semeador (Mt 13,1-8).....	15
O Joio (Mt 13,24-29).....	23
O Grão de Mostarda (Mt 13,31-32).....	29
O Fermento (Mt 13,33).....	31
O Tesouro (Mt 13,44).....	33
A Pérola (Mt 13,45-46).....	37
A Rede (Mt 13,47-50).....	41
Parábola do Servo Cruel (Mt 18,23-35).....	43
Os Operários da Vinha (Mt 20,1-15).....	51
Os Dois Filhos (Mt 21,28-31).....	59
Os Lavradores Homicidas (Mt 21.33-41).....	65
A Festa das Bodas (Mt 22,1-14).....	71
As Dez Virgens (Mt 25,14-30).....	81
Os Talentos (Mt 25,14-30).....	89
O Bom Samaritano (Lc 10,25-37).....	99
O Homem Rico (Lc 12,13-21).....	109
A Figueira Estéril (Lc 13,6-9).....	115
A Ovelha Perdida (Lc 15,1-7).....	119
A Moeda Perdida (Lc 15,8-10).....	125
O Filho Pródigo (Lc 15,11-32).....	129
O Administrador Infiel (Lc 16,1-13).....	143
O Rico e Lázaro (Lc 16,19-31).....	151
O Juiz Iníquo (Lc 18,1-8).....	159
O Fariseu e o Publicano (Lc 18,9-14).....	165

Prefácio

Quando Pe. Gilson me falou que havia escrito um livro comentando versículo por versículo de cada parábola bíblica, fiquei admirado com o empreendimento que se propusera, pois como biblista, bem sabia que tal tarefa havia sido bastante exaustiva.

As parábolas contadas por Jesus fascinaram não só aqueles que as escutaram a viva voz, como também a nós que, passados séculos, continuamos também a nos fascinar quando as lemos.

Os comentários detalhados por Pe. Gilson, ao trazer elementos culturais, históricos e linguísticos da época, nos ajudam a compreender mais ainda as parábolas e a sentirmos a força da mensagem que Mestre Jesus quis nos transmitir ao contá-las.

Um dos méritos de seu trabalho se dá justamente pelo fato de ter transformado a rigorosa exegese bíblica, num instrumento de fácil compreensão e numa linguagem acessível à todos.

Nosso povo tem uma enorme necessidade de conhecer melhor a Palavra de Deus. Quantas não são as nossas lideranças: ministros da Palavra, animadores de comunidade, catequistas, pregadores, etc, que desejando aprofundar suas reflexões nem sempre encontram material que seja de fácil compreensão e ao mesmo tempo de um profundo conteúdo. As reflexões dadas por Pe. Gilson no seu livro, creio eu, ajudarão nosso povo na sua busca por tal aprofundamento.

Deus abençoe Pe. Gilson que em meio a tantas ocupações para com os mais sofredos, ainda encontra tempo para escrever e nos ajudar a refletir a beleza que é a Palavra do Mestre Jesus. Já estou aguardando o próximo da coleção sobre os milagres de Jesus.

DOM PEDRO LUIZ STRINGHINI

Bispo da Diocese de Franca – São Paulo

Apresentação

“Quando encontrei tuas palavras, alimentei-me; elas se tornaram para mim uma delícia e a alegria do coração” (Jer 15,16).

**“E falou-lhes muitas coisas
por parábolas” (Mt 13,3).**

Muitos povos utilizam-se de “pequenas histórias”, para transmitir uma verdade importante sobre a vida, a ética e a moral. Daí é que aparece a expressão célebre que até hoje utilizamos quando contamos uma delas: moral da história!

Para o povo judeu essas histórias que eles chamavam de *mashal*, continham ensinamentos importantes da lei que deveriam ser transmitidos de geração em geração. Era comum, durante o ensino da Torá, o rabino contar uma ou mais dessas histórias para seus discípulos, a fim de memorizarem com maior rapidez o conteúdo da lei. Eis aí uma das primeiras utilidades desse recurso pedagógico; facilitar a memorização e por isso mesmo, ainda hoje, é tão utilizado na hora de ensinar algo que seja vital para um grupo ou uma pessoa.

Jesus, o Divino Mestre, fez bastante uso desses recursos que ficaram registrados nos Evangelhos pelo nome de parábolas – que foi o termo grego pela qual a *Septuaginta* traduziu o *mashal* dos judeus. É claro que Jesus utilizou-se de outras formas para transmitir as mensagens do Reino, como os sermões, os discursos, as exortações, mas sem dúvida as parábolas ocuparam-lhe um lugar especial.

Por que razão Jesus contou tantas parábolas como nos diz o versículo no início deste texto? A primeira dela nós já dissemos. Elas eram um recurso fácil que ajudava o povo, sobretudo, os mais simples que não tinham acesso à escrita, guardarem verdades fundamentais sobre o Seu ensinamento; a segunda porque Jesus, como um bom conhecedor do coração humano sabia que a pessoa só assumiria uma verdade para si, quando ela mesma fosse capaz de tirar as suas próprias conclusões, coisa que as parábolas fazem de maneira singular e brilhante.

Quem um dia não chorou ao escutar a parábola do Filho Pródigo e, identificando-se com ela, não resolveu voltar para a casa do Pai? Quem não se comoveu ao ler a parábola da Ovelha Perdida, e de como o pastor a encontrou, e não viu ali sua história de vida? Parábolas como a do Bom Samaritano ajudou muita gente a colocar-se mais próximo de quem sofre – inclusive nós do Caminho -. Este é o trecho do Evangelho que inspirou nosso Carisma: ***“Como a do tesouro escondido levou muitos a deixarem tudo por amor a Jesus Cristo, a pérola preciosa”***.

O que me motivou a escrever esse livro foi a necessidade que vi nas pessoas que, por onde eu pregava vinham a mim pedindo que lhes ajudassem a conhecer melhor a Sagrada Escritura. Homens e mulheres com fome da Palavra de Deus e com um desejo enorme de torná-la conhecida e amada. A exemplo do Apóstolo São Pedro que com ousadia e intrepidez anunciou com voz forte, logo após o acontecimento de Pentecostes, em plena praça, para todos os habitantes da Judéia e Jerusalém que Deus constituiu Jesus Crucificado Senhor e Cristo (At 2,14-36), também nós possamos com ousadia e intrepidez ***“ad salvandas animas”***, salvar o maior número de almas.

Pax Vobiscum

PE. GILSON SOBREIRO

O Semeador

Mt 13,1-8

¹Naquele dia, saiu Jesus e sentou-se à beira do lago. ²Acercou-se dele, porém, uma tal multidão, que precisou entrar numa barca. Nela se assentou, enquanto que a multidão ficava à margem. ³E seus discursos foram uma série de parábolas. ⁴Disse ele: “Um semeador saiu a semear. E, semeando, parte da semente caiu ao longo do caminho; os pássaros vieram e a comeram. ⁵Outra parte caiu em solo pedregoso, onde não havia muita terra e , nasceu logo, porque a terra era pouco profunda. ⁶Logo, porém, que o sol nasceu, queimou-se, por falta de raízes. ⁷Outras sementes caíram entre os espinhos: os espinhos cresceram e as sufocaram. ⁸Outras, enfim, caíram em terra boa: deram frutos, cem por um, sessenta por um, trinta por um. ⁹Aquele que tem ouvidos, ouça”.

V-1 Naquele dia, saiu Jesus e sentou-se à beira do lago.

A expressão “no mesmo dia” nem sempre tem uma referência direta a um tempo existente, as vezes ela é usada para demarcar situações que acontecerão conforme um tempo divino (Kairós). O versículo nos mostra que Jesus está sentado à beira do lago, um local público, portanto, não demoraria em ser reconhecido.

V-2 Acercou-se dEle, porém, uma tal multidão que precisou entrar numa barca. Nela se assentou enquanto a multidão ficava à margem.

Jesus senta-se na barca, assumindo assim a postura típica dos mestres judeus (rabinos), enquanto que a multidão de pé assume a postura dos discípulos, e começa a ensinar em parábolas. Esse ensino ficou conhecido também como o Sermão à Beira mar, tal como o Sermão da Montanha.

V-3 E seus discursos foram uma série de parábolas.

O ensino por meio de parábolas era um recurso bastante utilizado na época. De fácil entendimento, as parábolas conseguiam atrair a atenção dos que as escutavam , assim como a sua participação e envolvimento na mesma, haja visto que elas objetivavam criar uma interação entre quem as contavam e quem as escutavam, pois eram estes que deveriam tirar suas próprias conclusões.

V-4 Disse Ele: “Um semeador saiu a semear. E semeando, parte da semente caiu ao longo do caminho; os pássaros vieram e a comeram.

O versículo nos apresenta uma paisagem tipicamente interiorana, a das estradas cercadas de ambos os lados por grandes plantações. A diferença quem sabe, é que nos dias de hoje são protegidas por cercas de arame. O semeador da parábola, ao lançar as sementes deixa cair algumas delas nas estradas de terra batida, onde bandos de aves já se encontram espreita para comê-las.

V-5 Outra parte caiu em solo pedregoso onde não havia muita terra e nasceu logo porque terra era pouco profunda.

Era comum na Palestina aproveitar das encostas para aí fazerem plantações. O problema é que muitos desses locais continham uma enorme quantidade de pedregulho misturado em meio à terra.

V-6 Logo, porém que o Sol nasceu queimou-se por falta de raízes.

Os raios do sol em contato com o solo pedregoso tornavam demasiadamente quente, provocando assim a queima dos brotos que, por não terem raízes profundas, não puderam nutrir-se da umidade da terra.

V-7 Outras sementes caíram entre os espinhos: os espinhos cresceram as sufocaram.

Outra situação comum a nós. Sabe-se que quando uma terra é cultivada num ano, geralmente no ano seguinte ela “descansa”. Foi o que aconteceu na parábola. A terra que fora deixada de lado, era paralela à que tinha sido preparada para o plantio e estava repleta de plantas espinhosas, pois durante o tempo de descanso, o agricultor deixa que as ervas daninhas, os matos, cresçam à vontade. Algumas das sementes lançadas caíram nesse terreno e à medida que os espinhais cresceram foram sufocadas.

V-8 Outras enfim, caíram em terra boa: deram frutos cem por um, sessenta por um, e trinta por um.

Caíram na terra que fora preparada, arada e adubada. Nela não tinha nem pedras e nem espinhos. Estava toda limpa. A semente aí lançada só poderia crescer e produzir frutos. Uma boa safra poderia produzir de trinta a sessenta por cento, acima daquilo que se plantara. Uma excepcional safra poderia chegar a cem por cento. As sementes lançadas produziram não só aquilo que se esperava, produziram a sua quantidade máxima.

V-9 Aquele que tem ouvidos, ouça!

Por diversas vezes e em diferentes situações Jesus fez uso dessa expressão. Era a maneira usada pelos mestres da época para chamar a atenção dos seus discípulos para a importância do que estava sendo dito.

Explicação da Parábola do Semeador (Mt 13,18-23).

¹⁸ “Ouvi, pois, o sentido da parábola do semeador: ¹⁹ quando um homem ouve a palavra do Reino e não a entende, o Maligno vem e arranca o que foi semeado no seu coração. Este é aquele que recebeu a semente à beira do caminho. ²⁰ O solo pedregoso em que ela caiu é aquele que acolhe com alegria a palavra ouvida, ²¹ mas não tem raízes, é inconstante: sobrevindo uma tribulação ou uma perseguição por causa da palavra, logo encontra uma ocasião de queda.

²² O terreno que recebeu a semente entre os espinhos representa aquele que ouve bem a palavra, mas nele os cuidados do mundo e a sedução das riquezas as sufocam e a torna infrutuosa. ²³A terra boa semeada é aquela que ouve a palavra e a compreende e produz fruto: cem por um, sessenta por um, trinta por um”.

V-18 “Ouvi, pois, o sentido da parábola do semeador”

Assim como Jesus terminara essa parábola chamando a atenção dos seus ouvintes, assim também Ele começa a sua explicação chamando a atenção dos seus discípulos para os “mistérios do Reino” que Ele começa a revelar.

V- 19 “A todo que ouve a palavra do Reino e não a entende, vem o Maligno e arrebatava o que foi semeado no seu coração. Este é aquele que recebe a semente à beira do caminho”.

A semente é a Palavra semeada. O coração é a estrada de terra batida. Simboliza aqui a dureza do coração que alguns possuem e que os tornaram insensíveis para acolher a Palavra que está sendo anunciada, como dissera Jesus no versículo 15 citando o profeta (Is 6,10): “*Porque o coração desse povo se endureceu*”.

O Maligno aqui é representado pelas aves. Em diversas culturas algumas aves são consideradas mensageiras do mal. Basta lembrarmos tantas histórias que permeiam o imaginário popular, nas quais as aves, sobretudo o corvo e a gralha, são animais de estimação das bruxas. O canto de algumas aves é considerado para muitos como mau presságio ou como se diz, mau agouro. Na literatura grega era chamada de “augure” a pessoa que fazia “adivinhações” através do canto das aves, daí a origem da palavra agouro. Há dessa forma, uma dupla impossibilidade de tais indivíduos acolherem a palavra: a primeira por terem um coração endurecido e a segunda porque o maligno está sempre atento para arrebata-la.

V-20 O solo pedregoso em que ele caiu é aquele que acolhe com alegria a Palavra ouvida.

Ao contrário dos primeiros que repulsam de imediato a Palavra, esses ainda a acolhem e chegam a se alegrarem com ela. Esse solo pedregoso representa um bom número de pessoas que se empolgam de imediato com a pregação que escutam, com o testemunho que vêem.... Emocionam-se, choram, chegam até a dar testemunho do que Deus fez em suas vidas, mas não passam de “fogo de palha”, logo acaba.

V-21 “Mas não tem raiz, é inconstante: sobrevindo uma tribulação ou uma perseguição por causa da Palavra, logo encontra uma ocasião de queda”.

Estava indo tudo muito bem, mas a Palavra que deixou alegre se torna também exigente, tornando-o alvo de perseguição. Quando chega o momento da conversão

verdadeira e de exercer a profecia, imediatamente “pula fora”. Pensou que seguir Jesus era só “oba-oba”. Infelizmente não criou raiz.

V-22 “O terreno que recebeu a semente entre os espinhos representa aquele que ouviu bem a Palavra, mas nele os cuidados do mundo e a sedução das riquezas sufocaram a Palavra e a tornaram infrutífera”.

Ao que tudo indica, essa terceira atitude representa aqueles que ouvem, acolhem e por um certo tempo permanecem na Palavra, entretanto, nela não perseveraram por não conseguirem superar os dois obstáculos que mais à frente lhes aparecem:

- *Os cuidados do mundo*: Com o passar do tempo resolve dedicar-se inteiramente aos seus interesses particulares. Já não tem mais tempo para perder com “essas coisas de Igreja”. O que importa agora é o seu bem - estar, o seu status social, o seu próprio prestígio e ascensão.

- *A sedução das riquezas*: Essa atitude é decorrente da outra. Para manter um certo padrão de vida”, se faz necessário buscar a todo custo, e muitas vezes a qualquer preço, riquezas materiais. Seu “deus” torna-se o dinheiro, o luxo, as vantagens econômicas.

V-23 A terra boa semeada é aquele que ouve a Palavra e a compreende e produz fruto: cem por um, sessenta por um, trinta por um.

Podemos verificar na parábola, que o semeador era o mesmo; mesmas eram também as sementes, o que mudavam eram os tipos de terra. Por fim, a semente encontrou terra boa onde pode crescer e frutificar. Essa é coração daquele que ouviu e compreendeu a Palavra, ou seja, o coração daquele que se maravilhou com a mensagem salvífica de Jesus e nela permaneceu, superando as tentações do maligno, das riquezas e dos interesses particulares, sendo fiel no tempo da tribulação e da perseguição. Deu conforme aquilo que tinha, e segundo suas capacidades produziu frutos em abundância.

O Joio Mt 13,24-29

²⁴Jesus propôs-lhes outra parábola: “O Reino dos céus é semelhante a um homem que tinha semeado boa semente em seu campo. ²⁵Na hora, porém, em que os homens repousavam, veio seu inimigo, semeou o joio no meio do trigo e partiu. ²⁶O trigo cresceu e deu fruto, mas apareceu também o joio. ²⁷Os servidores do pai de família vieram e disseram-lhe: ‘Senhor, não semeaste bom trigo em teu campo? Donde vem, pois o joio?’

²⁸Disse-lhes ele: ‘Foi um inimigo que fez isto!’ Replicaram-lhe: ‘Queres que vamos e o arranquemos?’

²⁹*Não, disse ele; arrancando o joio, arriscais a tirar também o trigo.* ³⁰*Deixai-os crescer juntos até a colheita. No tempo da colheita, direi aos ceifadores: arrancai primeiro o joio e atai-o em feixes para o queimar. Recolhei depois o trigo no meu celeiro”.*

V - 24 O Reino dos céus é semelhante a um homem que tinha semeado boa semente em seu campo.

Notemos que a semente aqui utilizada para a semeadura é de boa qualidade, o que supõe que houve anteriormente, por parte do semeador, a preocupação de selecionar as melhores, aquelas que ao serem lançadas na terra nasceriam e produziriam frutos.

Tal seleção pressupõe que as sementes ruins, de ervas daninhas e de outras infrutíferas foram lançadas fora. Por outro lado, supomos também que, além de todo o trabalho cuidadoso que tivera quanto à escolha da boa semente, tivera também para com o lugar do plantio. “Seu campo” já estava limpo e preparado. Tudo garantia para que tanto o plantio, como a colheita fossem um sucesso.

Somos como essas sementes, não só escolhidos, como gerados pelo próprio Deus à Sua imagem e semelhança. Ternos que afirmar essa verdade, de que fomos feitos para o bem e que somos bons. Já nos disse o autor do Gênesis no relato da criação, que tudo o que Deus criou, viu que era bom (Gn 1,31), o que significa dizer que tanto as sementes que somos - cada um de nós - quanto o campo, que é o mundo, na sua essência foram criados para o bem.

Apesar de nossas quedas e fracassos, dos muitos erros que cometemos, mesmo assim, nada pode anular que divina é a matéria com o qual fomos feitos. Quantas vezes não nos autocondenamos com frases do tipo: “Eu sou um erro de Deus; eu nunca deveria ter nascido; tudo o que faço é errado”.

Nunca se esqueça: Você não é um erro de Deus, pois Deus nunca erra. Você é e sempre será um acerto de Deus. Creia, Ele acertou em tudo quando te fez, por isso mesmo, como nos diz o restante da parábola, esperará o tempo certo para realizar a colheita.

V - 25 Na hora, porém, em que os homens dormiam, veio o seu inimigo, semeou joio no meio do trigo e partiu.

Embora sendo uma parábola, essa estória é baseada em fatos reais. Era comum no Oriente lançar no tempo da semeadura do trigo, sementes de joio às escondidas como ato de vingança. Faziam isso no momento em que todos descansavam ao que tudo indica, na calada da noite quando menos se espera. O inimigo é astuto. Fica esperando o tempo certo para agir.

A *cizânia*, palavra grega para joio, conhecida entre os botânicos pelo nome de “*lelium temulentum*” não se difere em nada do trigo quando em fase de crescimento.

Tentar separar uma da outra nesse período é tarefa praticamente impossível. A única maneira de fazê-lo, se dá somente durante o tempo em que as espigas começam a aparecer e que se percebe a diferença. É o que nos mostra o próximo versículo.

V - 26 Quando o trigo cresceu e começou a espigar, apareceu o joio.

No versículo 28 quando Jesus explica a seus discípulos o sentido da parábola, Ele vai dizer que o joio são os filhos do maligno. Aparentemente, isso parece contradizer a afirmação inicial de que somos todos filhos de Deus e que, portanto, somos bons. De modo algum nossa natureza é má. Conforme diz Santo Agostinho, *“o problema é que nós, na nossa liberdade nos deixamos corromper pelo maligno, quando por nossas atitudes nos associamos à sua natureza”*. São João vai dizer que o diabo é o pai da mentira, o que nos leva a afirmar que todas as vezes que mentimos, enganamos, tramamos, etc., nos associamos à sua natureza nos tornando seus filhos (Jo 8,44). Se assim o é, podemos entender o que Jesus quis dizer quando utilizou a expressão ‘filho do maligno’.

As páginas dos Evangelhos nos mostram que a atitude com a qual Jesus vai bater de frente com os fariseus é a hipocrisia.

Hipocrisia no grego significa máscara. Possui o mesmo sentido hoje quando dizemos “tal pessoa é mascarada”, ou seja, não é sincera, diz ser uma coisa e é outra, é mentirosa. O joio, portanto, é imitação do trigo. Parece com o trigo, mas não é. Cresce no mesmo campo que o trigo, como nos diz o versículo Como aquela pessoa que conheceu a Deus, Seu projeto de amor e que aparentemente demonstrou ser uma pessoa religiosa, praticante, só que não passa de aparência. Como os fariseus que Jesus com quem Jesus tanto divergia.

V - 27 Os servos do proprietário vieram e disseram-lhe: “Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Onde vem, pois o joio?”.

Os servos aqui são aqueles que viram todo o trabalho que o seu patrão tivera para selecionar a semente, pois eles ajudaram na escolha e no plantio. Ora, se tinham feito tudo da maneira certa, de onde viera, pois o joio? Estavam espantados com o acontecimento; não encontravam razões plausíveis que pudessem explicar o fato.

Quantas vezes nós também ficamos assim quando nos encontramos em uma situação parecida com essa. Quando vocês, pais, até se culpam pelas atitudes erradas de um filho e se perguntam: “Onde foi que erramos? Demos a ele tudo o que demos aos outros”. Temos a mesma atitude de perplexidade que os empregados da parábola tiveram, quando participantes da mesma Igreja, paróquia ou grupo e nos perguntamos diante de certos comportamentos de irmãos nossos: Puxa vida, será que essa pessoa não entendeu nada do que disse Jesus? Faz anos que participa da comunidade; por que continua agindo do mesmo jeito?”.

V - 28 Disse-lhes ele: “Foi um inimigo que fez isto!”.

O dono do campo foi direto e incisivo na resposta. Tal ato de vingança só poderia ser obra de um ser inteligente e malicioso. De fato, só o inimigo poderia tramar tamanha maldade; semear cizânia no campo do Senhor.

E os servos disseram: “*Queres que vamos e o arranquemos?*”.

Bravos com o que acontecera, a vontade dos servos era a de resolver tudo o mais rápido possível. Geralmente é assim que agimos. Tomados por um impulso momentâneo queremos resolver as coisas do nosso jeito, sem ao menos pararmos para analisar com cuidado a situação, isso porque quase sempre reagimos diante das situações. Na maioria das vezes, reações como essa em vez de solucionar o problema, o faz aumentar. Uma pequena parábola do nosso tempo nos ajudará também a compreender tudo isto.

O colunista Sydney Harris acompanhava um amigo à banca de jornal... O amigo cumprimentou o jornaleiro amavelmente, mas como retorno recebeu um tratamento rude e grosseiro. Pegando o jornal que foi atirado em sua direção, o amigo de Sydney sorriu atenciosamente e desejou ao jornaleiro um bom final de semana. Quando os dois amigos desciam pela rua, colunista perguntou?

- Ele sempre te trata com tanta grosseria?
- Sim, infelizmente é sempre assim.
- E você é sempre todo atencioso e educado com ele?
- Sim, sou.
- Por que você é tão educado já que ele tão rude com você?
- Porque não quero que ele decida como eu devo agir.

V- 29 ‘Não! Disse ele; arrancando o joio arriscais a tirar também o trigo’.

Ao contrário dos seus servos, o proprietário é um homem prudente que sabe agir no tempo certo e de maneira sábia. Conforme vimos no versículo 26, o trigo estava começando ainda a espigar, o que não permitia diferenciá-lo com precisão do joio. A possibilidade de que, ao arrancar o joio, o trigo fosse também arrancado era enorme e a situação se agravava ainda mais pela impaciência dos servos que estavam com os ânimos alterados.

A atitude do dono do campo nos ensina duas coisas: primeiro que não é bom tomarmos decisões movidos pelo impulso e pela emoção; segundo que é preciso confiar plenamente em Deus. Ele sabe como agir e quando agir e seguramente Suas decisões serão as melhores para nós.

V - 30 “Deixai-os crescer juntos até a colheita”.

Que sábia decisão. De fato, esse homem sabia bem o que estava fazendo. O trigo era precioso demais para que se corresse o risco de arrancar prematuramente o joio. Foi ele quem escolheu cada sementinha uma por uma; ele as selecionou. Cada trigo era importante. Tal decisão não foi fácil de ser tomada. Ele bem sabia que o joio ao crescer junto com o trigo poderia sufocá-lo, mas, mesmo assim ele a tomou. Sabia que suas sementes eram boas, vigorosas e nada as impediria de crescer. Por isso, tenha calma quando se encontrar em uma situação semelhante a essa. Joios sempre estarão aonde houver um pé de trigo. Deus não só sabe disso como Ele permitirá como o dono do campo, que ambos cresçam juntos. Não esqueça, porém, que Ele cuidará do trigo até que ele cresça e produza seus frutos, os quais serão recolhidos e guardados no Seu celeiro, que aqui representa o lugar da vida, o Céu. Quanto ao joio, no tempo da colheita, como nos diz o versículo, ele será o primeiro a ser arrancado e jogado no fogo, pois não servirá para outra coisa.

O GRÃO DE MOSTARDA

Mt 13, 31-32

³¹ Em seguida, propôs-lhes outra parábola: “O Reino dos céus é comparado a um grão de mostarda que um homem toma e semeia em seu campo.

³² É esta a menor de todas as sementes, mas, quando cresce, torna-se um arbusto maior que todas as hortaliças, de sorte que os pássaros vêm aninhar-se em seus ramos”.

V - 31 Propôs-lhes outra parábola dizendo: “O Reino dos céus é comparado a um grão de mostarda que um homem toma e semeia em seu campo”.

Uma vez mais, Jesus utiliza-se da imagem do agricultor e de seu trabalho para falar do Reino. A parábola do grão de mostarda destaca, assim como as outras duas anteriores, a “aventura” da semente. A primeira parábola destacou os diversos lugares em que as sementes foram lançadas; a segunda parábola nos falou da presença de um “inesperado intruso” que lançado na mesma terra que as sementes de trigo, cresceu junto com elas, e essa terceira parábola nos fala da pequenez da semente e da grandeza que ela traz em si.

Podemos aqui fazer recurso de dois conceitos da filosofia de São Tomás de Aquino: ato e potência.

Ato: É aquilo que já se é. A finalidade última para a qual algo foi criado.

Potência: É aquilo que ainda não se é, mas que já traz em si a capacidade de ser. A semente de mostarda é um bom exemplo disso. Ela traz, contida já no seu pequenino tamanho, a possibilidade (potência) de se tornar um grande arbusto.

V- 32 “É esta a menor de todas as sementes, mas, quando cresce torna-se um arbusto maior que todas as hortaliças, de sorte que os pássaros vêm aninhar-se em seus ramos”.

Creio que para compreender esta parábola não precisamos entrar numa polêmica botânica na qual, frequentemente ela têm sido envolvida. Sabemos, que a mostarda conhecida cientificamente pelo nome de *brassica juncea* nunca chegaria ao porte de uma grande árvore. O importante nesta parábola, como em todas as outras, é, sobretudo, a mensagem que ela quer provocar naqueles que a ouvem. A semente aqui pode ser de qualquer tipo, que de certo modo obteria o mesmo resultado, afinal, é espantoso pensar que toda árvore, inclusive a maior que já vimos, um dia foi uma pequena semente.

Quando Jesus compara o Reino à semente de mostarda, Ele está falando da sua pequenez e da sua fragilidade. Começou às margens dos grandes centros de poder, na periferia da humanidade, numa minúscula cidade, entre os animais e os pobres (Belém). Pouco a pouco foi crescendo e se desenvolvendo: da carpintaria de José à margem do mar da Galiléia e daí para todos os lugares: vilas, cidades, vales e caminhos. No começo, um pequeno grupo de seguidores; hoje milhões. Gente de toda cor, língua, etnias e culturas. Abrigo seguro aonde as aves vêm fazer seus ninhos.

O FERMENTO **Mt 13,33**

³³ Disse-lhes, por fim, esta outra parábola. “O Reino dos céus é comparado ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha e que faz fermentar toda a massa”.

V – 33 Disse-lhes outra parábola: “O Reino dos céus é comparado ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha e que faz fermentar toda a massa”.

Na mentalidade semita, o fermento é quase sempre símbolo da maldade; o próprio Jesus faz uso deste sentido, quando preveniu Seus discípulos contra o fermento dos fariseus e saduceus (Mt 16,11) e também de Herodes (Mc 8,15). A forma como Ele usa nesta pequena parábola modifica, entretanto, seu sentido habitual: aqui o fermento é comparado ao próprio Reino.

Como muitas das parábolas, Jesus conta-as a partir de elementos do dia-a-dia, da vida de Seu povo. Não exageraríamos ao dizer que Ele próprio viu Sua mãe fazer pães. Os detalhes com os quais Ele conta a parábola nos permite dizer isso. Ao usar o simbolismo do fermento, Jesus quer dizer com isso, que o Reino chegaria em toda parte do mundo e que, aonde ele chegasse, faria uma enorme diferença, assim como faz o fermento na massa de trigo.

Quem cozinha sabe muito bem disso. Pode-se, por exemplo, colocar todos os ingredientes numa massa para se fazer o bolo: ovos, manteiga, açúcar, essência, mas se

faltar o fermento, o bolo vai sair duro. Ao contrário, quando se coloca o fermento, o bolo, como muitos dizem para atestar o seu sabor “vai sair fofinho, fofinho”. Basta uma pitada de fermento para crescer toda a massa. É como o Reino que começou bem pequeno e contagiou todo o mundo, representado na parábola pelo numero três que é um símbolo de totalidade.

O TESOIRO

Mt 13,44

44 “O Reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido no campo. Um homem encontra, mas o esconde de novo. E, cheio de alegria, vai, vende tudo o que tem para comprar aquele campo”.

V – 44 O Reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido no campo. Um homem encontra, mas o esconde de novo. E, cheio de alegria, vai, vende tudo o que tem para comprar aquele campo.

Estórias sobre tesouro sempre estiveram presentes na imaginação popular. Prova disso, são os inúmeros filmes sobre piratas que mostram baús repletos de moedas de ouro, joias, pedras preciosas, sendo enterrados, bem guardados e que sem a ajuda de um mapa seria impossível ser encontrado.

Ao contar essa parábola, Jesus bem sabia da forte repercussão que teria no imaginário dos seus ouvintes, a comparação do Reino a um valiosíssimo tesouro escondido.

Esconder coisas no campo era uma prática comum na cultura local. Vemos um exemplo em *Jer. 41,8*, quando, para não serem decapitados por Ismael, um grupo de peregrinos israelitas, suplicando lhe diz: “*Não nos ,mate. Temos no campo provisões escondidas de trigo, cevada, azeite e mel*”. Tal prática não era algo de se estranhar, afinal de contas, por falta de um local seguro, nada melhor que proteger seus bens, enterrando-os bem escondidos em algum lugar do campo. Não esqueçamos que não havia, como hoje, bancos ou cofres de segurança.

Ao que tudo indica, o homem encontra o tesouro de maneira acidental, o que significa dizer que não estava procurando ou que, nem mesmo estava entregue ao seu cotidiano, onde nada de extraordinário acontecia. Um dia para ele era igual a todos os outros. Vivía entregue ao tédio do trabalho, dos problemas, dos relacionamentos conflitivos, agindo sempre da mesma maneira; e não é de se estranhar que por isso mesmo, obtinha sempre os mesmos resultados. Viver, para esse homem era um fardo.

Um certo dia, porém, tudo muda. Voltando do trabalho para casa, ao passar por um terreno baldio a fim de cortar caminho, aquele homem cabisbaixo tropeça acidentalmente em algo e cai; levanta-se murmurando e vai à busca da pedra que o

havia derrubado. Começa a escavar a seu redor e se dá com aquilo que parecia ser a ponta de um antigo baú. Com muito esforço ele consegue cavar o suficiente para arrancá-lo. Seu coração palpita, ele fica curioso para saber o que aquele velho baú contém.

Com algumas batidas, consegue abrir o cadeado enferrujado e para sua surpresa, aquele velho baú estava cheio de moedas de ouro. Apreensivo, esconde o baú e volta correndo para sua casa. Sua mulher nunca o vira chegar daquele jeito tão eufórico; seus filhos ficam parados olhando o pai deslocar-se de um lado para outro da casa, falando em voz alta: “Tenho que fazer alguma coisa. Preciso dar um jeito para comprar aquele terreno e ficar com o tesouro. Vou vender tudo o que tenho: casa, terrenos, animais, móveis, roupas; não importa, contando que consiga comprar aquele terreno e com ele o tesouro”, o que era algo totalmente legal, pois segundo a lei judaica, quem adquiria um terreno tinha direito a tudo o que estava nele.

Sua mulher gritava: “Você está ficando louco! Vender nossa casa, que história é essa?”. Ele não escuta. Seus pensamentos estão naquele baú cheio de ouro. Mais uma vez ele sai correndo, vai à busca do dono do terreno até encontrá-lo. Em pouco tempo consegue resolver tudo e por fim, compra o terreno. Uma alegria toma conta de todo o seu ser. Ele não sabe como conter tão grande emoção. Por onde passa, as pessoas notam sua felicidade. Sua vida, nem a de sua família seriam mais a mesma.

Quis usar da imaginação aqui para que. Com todos esses detalhes pudéssemos nos sentir como esse homem da parábola. Assim como ele, isso também aconteceu um dia conosco. Vivíamos absorvidos por nossos problemas pessoais e a única coisa que nos interessava eram nossos bens materiais, nosso patrimônio, bem-estar, etc.

Sentíamos, porém, que lá no fundo faltava algo que nada podia preencher. Era como se dentro de nós houvesse um buraco. Foi quando de repente, como aqueles encontros inesperados, batemos de frente com Ele. O coração acelerou, sentíamos que tudo iria mudar. Aquela sensação de vazio já não existia mais. O dia-a-dia já não era tão pesado assim. As coisas que até então eram importantes, já não são mais diante desse bem maior, de valor inigualável. Nos sentimos livres como nunca tínhamos sentido antes. Agora sim, somos felizes, pois encontramos, ou melhor, fomos encontrados por esse grande, único e valioso tesouro: Jesus.

A PÉROLA **Mt 13,45-46**

⁴⁵ “O Reino dos Céus é ainda semelhante a um negociante que procura pérolas preciosas. ⁴⁶ Encontrando uma de grande valor, vai, vende tudo o que possui e a compra”.

⁴⁵ V – O Reino dos Céus é ainda semelhante a um negociante que procura pérolas preciosas.

Diferente da outra parábola onde o tesouro é encontrado “por acaso”, nessa, a pérola é encontrada pelo esforço incansável do negociante, o que nos revela as diferentes maneiras pelas quais nos encontramos com Jesus.

Na época de Jesus, mais que nos dias de hoje, a pérola era um bem inestimável, chegando a superar até mesmo outras pedras preciosas como o rubi, a safira, a esmeralda. Uma ostra levava bastante tempo para produzir uma pérola e quanto maior, mais tempo ainda, o que a tornara rara. Hoje em dia, com a ajuda de técnicas mais modernas esse processo é acelerado, o que reduziu consideravelmente o seu valor.

Somente as pessoas mais ricas e abastadas como os reis, rainhas, príncipes e princesas é que as usavam, pois podiam comprá-las, o que indica que esse negociante deveria ser alguém bem sucedido nos negócios e com capital suficiente para comprar pérolas.

Os relatos da época nos mostram que tais negociantes viajavam para lugares muitos distantes, como é o caso da Índia, na intenção de conseguir pérolas mais raras, como esse negociante que, como nos diz o versículo, buscava pérolas preciosas.

Imaginemos a estória:

Desejando aumentar o seu rico patrimônio Abadiel já sente no corpo o cansaço da empreitada. Por todos os lugares, mercados, vilas e cidades a resposta é a mesma: “Sinto muito senhor, mas a pérola que procuras não existe”. E, mostrando a pérola em sua mão aberta o vendedor lhe fala: “Esse é o maior tamanho que o senhor vai encontrar”. Abadiel, porém não desistia e continuava sua diligente busca. No final de um dia de calor escaldante, fadigado de tanto procurar a pérola de seus sonhos, Abadiel escuta alguém lhe chamando: “Senhor, senhor!”. Ao se virar, percebe que a voz vinha de um homem de idade bastante avançada: “Ouvi dizer que o senhor procura pérolas preciosas para comprar”. Abadiel responde que sim, mas já se sentia bastante cansado. Pensara que ela não existira, mas nem por isso, parara de tentar. O velhinho então lhe respondeu: “Eu tenho a pérola que você procura”. Os olhos de Abadiel se arregalaram. “Tem?”, disse ele. “Sim”, respondeu o ancião. “Ela foi encontrada pelo meu bisavô que a deu para o meu avô, e meu avô a deu para meu pai que a deu para mim. Além de seu valor material, ela tem também um valor sentimental, pois pertenceu a três gerações de minha família. Como não tenho filhos e já estou velho e não tenho ninguém por mim, pensei em vendê-la”.

Abadiel não pensou duas vezes e foi logo dizendo: “Mostre-me a pérola, quero vê-la para saber se é verdade o que você está me dizendo”. O velhinho levou-o para um lugar mais tranquilo e colocando a mão no bolso da túnica, tirou um lenço de seda vermelho. À medida que desenrolava o lenço, Abadiel ficava cada vez mais apreensivo por saber que de fato, chegara o momento que tanto esperava. A pérola então surgiu: era grande, a maior que ele já tinha visto. Perfeita, sem nenhuma falha! Ele pediu para colocá-la em sua mão. O velhinho, porém lhe disse: “Só quando você comprá-la”. Então disse Abadiel, gaguejando: “Diga logo quantos custa, diga!”. Ele então deu o preço. Era

um valor altíssimo. Abadiel sabia que para comprá-la teria que desfazer de todos os bens que acumulara durante toda sua vida. O desejo, porém, de posuí-la era maior. Abadiel desfez-se de tudo quanto tinha e comprou a pérola de valor inestimável.

A mensagem central da parábola vai à mesma direção que a primeira: Por mais precioso que sejam os bens que acumulamos, nada, absolutamente nada se compara à pérola mais preciosa que é Jesus. Sabemos que para muitos não foi fácil encontrá-Lo e foi preciso tempo, esforço e perseverança. A busca, porém foi recompensada quando O vimos e O sentimos. Valeu a pena, por tudo o que Ele poderia fazer em nós. Como aquele negociante, não medimos nenhum sacrifício para estar com Ele. Entramos assim nas fileiras dos apóstolos, mártires, santos e cristãos que tudo deixaram para segui-Lo. Disso é o que nos fala tão bem o apóstolo Paulo: *“Na verdade julgo como perda todas as coisas em comparação com esse bem supremo: o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por amor do qual tudo perdi e considero todas as coisas como esterco para ganhar a Cristo”* (Fl 3,8).

A REDE **Mt 13, 47-50**

⁴⁷ “O Reino dos Céus é semelhante ainda a uma rede que, jogada ao mar, recolhe peixes de toda espécie. ⁴⁸Quando está repleta, os pescadores puxam-na para a praia, sentam-se e separam nos cestos o que é bom e jogam fora os que não prestam. ⁴⁹Assim será no fim do mundo: os anjos virão separar os maus do meio dos justos ⁵⁰e os arrojão na fornalha, onde haverá choro e ranger de dentes”.

V - 47 O Reino dos céus semelhante ainda a uma rede que jogada ao mar recolhe peixes de toda a espécie.

A rede, qual se refere o texto, não é uma rede pequena, uma espécie de tarrafa, em grego δίκτυα (diktua) como aparece em (Mt 4,18-19), mas sim, uma grande rede daquelas que precisariam de vários homens para manuseá-la. Por isso, é que de uma vez ela pegaria uma quantidade tão grande e diversa de peixes.

V – 48 Quando está repleta, os pescadores puxam-na para a praia, sentam-se e separam nos cestos os que são bons e jogam fora os que não prestam.

Recolhida a grande rede com uma enorme quantidade de peixe, o trabalho agora seria de separar os que servirão para a alimentação, para uso medicinal e para a fabricação de óleo, daqueles que não possuem valor algum.

V – 49 Assim será no fim do mundo: Os anjos virão separar os maus do meio dos justos.

O final da parábola é semelhante a do joio que vimos anteriormente e a de tantas outras que Jesus contara. Fala do grande julgamento, onde haverá num primeiro momento a separação dos bons e dos maus, pois estão misturados e para isso Deus contará com o ministério angelical e, no segundo momento a sentença final conforme nos diz o último versículo.

V – 50 E os lançarão na fornalha de fogo onde haverá choro e ranger de dentes.

Os maus aqui são os injustos, ou seja, aqueles que viveram junto com os justos, aparentemente cumpriram as mesmas obrigações, frequentaram a mesma Igreja, ouviram a mesma palavra, receberam os mesmos sacramentos, mas que nada fizeram pelo próximo. Eram indiferentes ao sofrimento humano dizendo: “Isso não é problema meu”, ou quando não, sensibilizados deixavam sair um “Coitado desse pobrezinho. Deus seja por ele”. Se por um lado nunca fizeram nada de “mau”, por outro lado nunca fizeram nada de bem, portanto, suas mãos abertas não tem nada para oferecerem. São como o servo inútil da parábola dos talentos.

A sentença final é retratada como um lugar pavoroso: uma fornalha de fogo, espécie de incinerador onde se joga o lixo para ser queimado.

Choro e ranger de dente são expressões usadas para descrever do e sofrimento.

PARÁBOLA DO SERVO CRUEL

Mt 18,23-35

²³ “Por isso, o reino dos Céus é comparado a um rei que quis ajustar contas com seus servos. ²⁴ Quando começou a ajustá-las, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. ²⁵ Como ele não tinha com que pagar, seu senhor ordenou que fosse vendido, ele, sua mulher, seus filhos e todos os seus bens para pagar a dívida. ²⁶ Este servo, então, prostrou-se por terra diante dele e suplicava-lhe: ‘Dá-me um prazo que eu te pagarei tudo!’.

²⁷ Cheio de compaixão, o senhor o deixou ir embora e perdoou-lhe a dívida. ²⁸ Apenas saiu dali, encontrou um de seus companheiros que lhe devia cem denários. Agarrou-o na garganta e quase o estrangulou, dizendo: ‘Paga o que me deves!’ ²⁹ O outro caiu-lhe aos pés e pediu-lhe: ‘Dá-me um prazo e eu te pagarei!’ ³⁰ mas, sem nada querer ouvir, este homem o fez lançar na prisão, até que tivesse pago sua dívida.

³¹ Vendo isto, os outros servos, profundamente tristes, vieram contar a seu senhor o que se tinha passado.

³² Então o senhor o chamou e lhe disse; ‘Servo mau, eu te perdoei toda dívida porque suplicaste. ³³ Não devias também tu compadecer-te de teu companheiro de serviço, como eu tive piedade de ti?’ ³⁴ E o senhor, encolerizado, entregou-o aos algozes, até que pagasse toda a sua dívida. ³⁵ Assim vos tratará meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar a seu irmão, de todo o seu coração”.

V – 23 “Por isso o reino dos Céus é comparado a um rei que quis ajuntar contas com seu servo”.

Dois tipos de personagens aparecem aqui: o rei e os servos. O primeiro, dotado de absoluto poder e incontável riqueza, na interpretação da parábola é o próprio Deus, e o segundo que são os servos ou conforme uma melhor tradução, os escravos δούλων (doulon), representam toda a humanidade. A expressão “ajustar contas” se refere ao

juízo final onde Deus individualmente emitirá Sua sentença de acordo com as atitudes que cada homem teve para com o seu semelhante.

V – 24 “Quando começou a juntá-los, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos”.

Cada talento equivaleria a seis mil denários (moedas de ouro) o que correspondia a uma dívida de sessenta milhões de denários. Era uma dívida exorbitante, impossível de ser paga. O montante indica por outro lado, a confiança que tal servo gozava do rei, do contrário nada justificaria tão grande empréstimo.

V – 25 “Como ele não tinha com o que pagar, seu senhor ordenou que fosse vendido ele, sua mulher, seus filhos e todos os seus bens para pagar dívida”.

O presente versículo nos permite dizer que o servo não tinha com que pagar tal dívida, porque teria usado o dinheiro de forma irresponsável, abusando assim da confiança do rei. Tudo isso, o colocou numa situação bastante delicada diante do rei que não poderia ter outra atitude a não ser de fazer cumprir a lei mosaica: “Se um homem não tiver como restituir os bens de outrem, será vendido...” (Ex 22, 3).

Já que a parábola associa Deus à figura do rei, se faz necessário aqui aprofundarmos um pouco mais a questão. Não podemos, de forma alguma, atribuir gratuitamente a Deus tal juízo, senão, estaríamos concordando com a imagem de que Deus é um Deus implacável tirano. Ao contar essa parábola, Jesus queria nos dizer que as atitudes daquele servo mereciam veredicto mais rigoroso e severo possível. Mesmo que toda a sua família e bens fossem vendidos, nada seria suficiente para pagar tão grande dívida. O mesmo acontece conosco; nada do que possamos fazer será capaz de “pagar” todo o bem que Deus tem feito por nós, e o maior deles foi o de nos ter dado o Seu próprio Filho. Tal dívida, portanto, só poderia ser paga por um ato de misericórdia de Deus; é o que veremos adiante.

V – 26 “Este servo então prostrou-se diante dele e suplicava-lhe: ‘Dá-me um prazo e eu te pagarei tudo’.

O homem fez tudo o que poderia ser feito: prostrou-se diante do rei reconhecendo sua autoridade e que ele, teria o poder de livrá-lo, assim como toda a sua família, da penosa escravidão e da parte total de seus bens e lhe suplicou um prazo maior para pagamento da dívida. Numa tradução mais precisa do grego, o servo rogava ao rei “sê paciente” para comigo. Era o pedido de que o rei usasse de longanimidade para com ele. Uma coisa, porém, faltou a este servo, o mais importante: uma verdadeira retidão. O que ele estava tentando fazer era somente uma negociação momentânea, que como veremos, não o levará a uma verdadeira mudança de atitude.

V – 27 “Cheio de compaixão, o senhor o deixou ir embora e perdoou-lhe a dívida”.

A palavra *compaixão* remota aos órgãos internos: os intestinos, tidos para os antigos como o lugar das emoções, o que seria para nós hoje o coração. Entendido o sentido da

palavra, é fácil imaginar, portanto, que as entranhas do rei se contorceram diante de tal situação, o que levou a perdoar toda a dívida daquele servo.

O rei perdoa a dívida não porque o servo merece, e nem tampouco pelo gesto que fizera, perdoa a dívida assegurado somente na compaixão. Que coisa incrível, saber que Deus age assim. O que motiva Deus a nos perdoar é o próprio fato de saber que jamais poderemos pagar nossas dívidas, aumentadas cada vez mais por nossas infidelidades.

A compaixão de Deus ao perdoar as nossas dívidas se reverte em fontes de benefícios para nós, como nos mostra a parábola. O ato compassivo do rei para com esse servo lhe garante sua liberdade e a de sua família; lhe salda toda a dívida em vez de dar-lhe somente um prazo como houvera pedido, e se não bastasse, ao que tudo indica, ele ainda continua sendo merecedor dos favores do rei.

V – 28 “Apenas saiu dali, encontrou um de seus companheiros de serviço que lhe devia cem denários. Agarrou-o na garganta e quase o estrangulou dizendo: paga o que me deves!”.

Mal acabar de experimentar tão grande gesto de misericórdia por parte do rei e aquele servo não fora capaz de perdoar a dívida de alguém que era igual a ele, um companheiro seu de serviço e que comparada ao tamanho da sua, a dívida daquele servo era insignificante, apenas cem denários ou cem reais.

Haja visto que o perdão do rei em nada retirou seus prestígios e bens, a quantia devida a ele, em nada alteraria sua situação financeira. Se tivesse o mínimo de misericórdia, poderia ter perdoado tal dívida tranquilamente. Infelizmente, não é o que faz. De forma implacável lança-se sobre o companheiro tentando estrangulá-lo. O tempo verbal aqui é o imperfeito – “sufocava” – o que denota uma ação contínua, ou seja, que durante todo o acontecido permanecia segurando pelo pescoço.

Quantas vezes não agimos também assim? Mesmo reconhecendo as graves ofensas que cometemos contra Deus e Ele nos perdoando, não somos capazes de perdoar as ofensas que nos causam. Como esse servo nos tornamos juízes implacáveis que pedem misericórdia para si e “justiça” para os outros.

V – 29 O outro caiu-lhe aos pés e rogava-lhe: “Dá-me um prazo e eu te pagarei”.

Ele faz exatamente o que o outro fizera antes, diante do rei; jogando-se a seus pés, suplica que tenha paciência que ele irá pagar a dívida. Não podemos duvidar de sua sinceridade, pois sua dívida era relativamente baixa diante da dívida do outro, o que possibilitava o pagamento, diferente do primeiro que jamais conseguiria pagar a dívida. Havia verdade no que ele falava. Era só uma questão de tempo.

V- 30 Mas sem nada querer ouvir, este homem o fez lançar na prisão até que tivesse pago a sua dívida.

Atentemo-nos para com a maneira desse servo agir; o versículo nos diz, que ele não quis conscientemente perdoar seu companheiro. Continuava a agir como se não houvesse recebido o perdão. Em nada tinha mudado, mesmo diante de tão grande gesto que o rei lhe fizera. Incompassível, leva o caso para o tribunal e pede que seja aplicada a mais alta pena que a situação pedia. Julgado pela “justiça humana”, o coitado do servo é jogado na prisão até pagar sua dívida.

Apesar de, no ponto de vista jurídico, a penalidade aplicada tenha sido correta, no ponto de vista do rei não. Todo ato desprovido de compaixão e misericórdia que não dá ao outro o direito de recomeçar, jamais será aceito por Deus. É o que veremos nos versículos finais da parábola.

V – 31 Vendo isto, os outros servos profundamente tristes vieram contar a seu senhor o que se tinha passado.

Podemos intuir que estes servos tenham visto a atitude do rei para com aquele servo impassível e que não achavam justo o que fizera com o outro. Além disso, podemos ainda dizer que estes servos haviam também recebido o perdão de suas dívidas e que, por isso, tendo mudado suas formas de agir não aceitaram o que viram, entristecendo-se com o ocorrido. Fato este que é demonstrado pela maneira com que procederam diante do fato. Não agiram movidos pelo ódio, pelo contrário, sentiram tristeza porque, diferente deles, o outro servo em nada mudara.

V – 32 Então o senhor o chamou e lhe disse: “Servo mau, eu te perdoei toda a dívida porque me suplicaste”.

Servo mau. É como o rei agora chama aquele homem. Chama-o assim porque sabe que só uma pessoa má é capaz de mesmo diante de tão grande perdão que lhe fora dado, não ter sido capaz de perdoar dívida tão pequena. Tamanha desumanidade só poderia vir de um ser que, por ingratidão rejeitara a experiência do perdão.

V – 33 Não devias também tu compadecer-te de teu companheiro de serviço como eu tive compaixão de ti?

O rei não podia compreender como alguém que teve uma dívida impossível de ser paga, perdoada, não fosse capaz de praticar um único e tão pequeno gesto de misericórdia. Para o rei, quem foi perdoado deveria perdoar. Notemos bem, que a palavra que aparece aqui é “dever”. Isso mesmo! O perdão não é algo sentimentalista como muitos pensam: “Quando eu esquecer eu perdoo”. Não! O perdão é uma exigência evangélica; um valor inestimável, um verdadeiro dever, como também nos ensinou Jesus na oração do Pai Nosso... *“Perdoai as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores...”* (Mt 6,12).

V – 34 E o senhor indignado entregou-o aos algozes até que pagasse toda a sua dívida.

O servo, diferente da primeira vez, nem sequer tentou dissimular. Dava para perceber estampada na cara quão grande era sua indignação.

A primeira decisão foi o rei que a tomou. Essa agora quem toma é o próprio servo, ou seja, a sua maldade é quem o manda para o suplício dos algozes (aterrorizadores).

Temos aqui, salvaguardada a missão de Jesus que não veio para condenar o mundo, mas para salvá-lo: “Pois Deus não enviou o Filho ao mundo para condená-lo, mas para que o mundo seja salvo por ele” (Jo 3,17). O que acontece é que na sua liberdade, a pessoa pode rejeitar a salvação, por mais que Cristo a tenha dado na Sua morte redentora.

Os Operários da Vinha Mt 20,1-15

¹“Com efeito, o Reino dos céus é semelhante a um pai de família que saiu ao romper da manhã, a fim de contratar operários para a sua vinha. ²Ajustou com eles um denário por dia e enviou-os para a sua vinha. ³Cerca da terceira hora, saiu ainda e viu alguns que estavam na praça, sem fazer nada. ⁴Disse-lhes ele: ‘Ide também vós para minha vinha e vos darei um justo salário’. ⁵Eles foram. À sexta hora saiu de novo e igualmente pela nona hora, e fez o mesmo. ⁶Finalmente, pela undécima hora, encontrou outros ainda na praça e perguntou-lhes: ‘Por que estais todo o dia sem fazer nada?’ ⁷Eles responderam: ‘É porque ninguém nos contratou’. Disse-lhes ele, então: ‘Ide vós também para minha vinha’.

⁸Ao cair da tarde, o senhor da vinha disse a seu feitor: ‘Chama os operários e paga-lhes, começando pelos últimos até os primeiros’. ⁹Vieram aqueles da undécima hora e receberam cada qual um denário. ¹⁰Chegando por sua vez os primeiros, julgavam que haveriam de receber mais. Mas só receberam cada qual um denário. ¹¹Ao receberem, murmuravam contra o pai de família, dizendo: ¹²Os últimos só trabalharam uma hora... e deste-lhes tanto como a nós que suportamos o peso do dia e do calor’. ¹³O senhor, porém, observou a um deles: ‘Meu amigo, não te faço injustiça. Não contrataste comigo um denário? ¹⁴Toma o que é teu e vai-te. Eu quero dar a este último tanto quanto a ti. ¹⁵Ou não é permitido fazer dos meus bens o que me apraz? Porventura vê com maus olhos que eu seja bom?’.

V- 1 Com efeito, o Reino dos céus é semelhante a um pai de família que saiu ao romper da manhã, a fim de contratar operários para sua vinha.

O “homem da casa”, segundo a tradução literal do grego (*antropos oikodespote*) representa Deus que é o Senhor do universo, da mesma forma que o rico proprietário da parábola da vinha.

Ele saiu de madrugada em busca de homens que pudessem trabalhar na colheita de uvas. Interessante notar, que ele sai bem cedo, ao raiar do dia, isso porque durante o tempo da colheita corria-se o risco de faltar mão-de-obra, por ser muito grande a demanda. Outro fato que deve ser notado é que o próprio dono da vinha é quem vai

pessoalmente. Ele não manda nenhum encarregado. O acordo é feito diretamente com ele, como mostra o versículo seguinte.

V -2 Ajustou com eles um denário por dia e enviou-os para sua vinha.

O denário ou dracma como também é chamado, era a principal moeda romana nesse período. Corresponhia a um dia de trabalho que para o judeu vai do nascer ao pôr do sol.

V – 3 Cerca da terceira hora, saiu ainda e viu alguns que estavam na praça sem fazer nada.

Como ma vinha era grande e vendo que os contratados não dariam conta da colheita, saiu pela segunda vez, precisamente às nove horas da manhã para contratar mais trabalhadores. Dirigindo-se a praça, lugar onde costumavam estar quem procurava trabalho, percebe que há um grupo de homens conversando sem nada afazerem.

V – 4 Disse-lhes ele: “Ide também vós minha vinha e vos darei o justo salário.

O dono aqui não fala da quantia exata, diz apenas que o pagamento seria justo, o que os trabalhadores interpretaram que seria um pouco abaixo de um denário.

V – 5 Eles foram. À sexta hora saiu de novo e igualmente pela nona hora e fez o mesmo.

O motivo com certeza foi o mesmo. A vinha era grande e os trabalhadores poucos. O fruto não podia se estragar no pé e a necessidade de novos operários era urgente.

Sai, portanto, ao meio-dia e as três da tarde e procede da mesma maneira. Convida aqueles homens desocupados e lhes promete um justo salário.

V – 6 Finalmente, pela undécima hora encontrou ainda outros na praça e perguntou-lhes: “Por que estais todo o dia sem fazer nada?”.

O dia está quase terminando; já são exatamente dezessete horas. Há muita uva ainda por ser colhida. Num ímpeto, aquele homem saiu em busca de mais trabalhadores. Chegando à praça percebe que ainda tem muita gente desocupada. Alguns cabisbaixos já sem esperança, outros quem sabe já alcoolizados.

Quem passou por isso, com certeza compreende bem a situação desses trabalhadores desempregados. Não existe coisa pior para um pai de família que estar desempregado. É como se o mundo todo caísse sobre sua cabeça. Quando as contas começam a chegar e não se tem como pagá-las e os filhos começam a chorar por comida, para muitos a saída é “encher a cara”. Por isso, é provável que não poucos desses trabalhadores desempregados, se encontrassem em tal situação.

V – 7 Eles responderam: ‘É porque ninguém nos contratou’. Disse-lhes ele então: ‘Ide vós também para minha vinha’.

A resposta daqueles homens revela uma triste realidade. Não foram contratados porque eram considerados velhos demais e inaptos para o serviço.

Quantos pais de família estão desempregados, porque o mercado de trabalho os julga desqualificado por já terem seus quarenta anos.

Essa lógica perversa, porém, não é a de Deus. Na Sua vinha todos têm vez e lugar, sobretudo, aqueles que, por falta de oportunidade ou de ajuda se perderam nos caminhos tortuosos da vida.

Aqueles que, por terem sido desacreditados a vida toda, já nem acreditam mais em si mesmos. Os últimos, como aquele ladrão que na última hora foi socorrido (Lc 23,40-43). A essas alturas para aquele proprietário, já não era mais nem a sua vinha o mais importante, mas sim a vida de cada um daqueles homens. Com voz ativa, então exclama: “Ide vós também para minha vinha!”.

Imaginemos a reação daqueles homens. Era uma mistura de gratidão e perplexidade: “Mas o dia já está chegando ao fim. Não vamos poder fazer nada!”. Para o dono da vinha, isso é o que menos importava. É o que veremos no decorrer da parábola.

V – 8 Ao cair da tarde, os senhor da vinha disse ao seu feitor: “Chama os operários e paga-lhes, começando pelos últimos até os primeiros”.

Ao que tudo indica, a décima segunda hora (18 horas) é o momento em que, conforme a lei mosaica (Dt 24,15), os empregados deveriam ser pagos. Para isso, envia seu feitor que faz exatamente o que ele pede e começa o pagamento pelos últimos que foram contratados.

Sem dúvida, aqui o feitor representa o próprio Cristo. É Ele quem faz cumprir a palavra do Pai. É Ele o administrador da nossa salvação.

Como comentamos no versículo anterior, essa parábola rompe por completo com uma lógica utilitarista, no qual o ser humano é avaliado pela sua capacidade produtiva. Conforme essa lógica, os primeiros a serem pagos deveriam ser os que chegaram no início do dia, afinal, tinham passado doze horas trabalhando sob um sol forte e estavam exaustos. Acontece, porém, o contrário. Os últimos são os primeiros da fila que deveria ser enorme, pois durante todo o dia foram contratados vários grupos de trabalhadores.

A surpresa é geral. Ninguém podia acreditar no que estava acontecendo, nem mesmo aqueles que chegaram por último. Mal sabiam que mais surpresas os aguardavam.

V – 9 Vieram aqueles da undécima hora e receberam cada qual um denário.

Quando o feitor começa a pagá-los, mal acreditam no que estão vendo. Se não bastasse terem sido colocados no início da fila, mesmo não se sentindo merecedores, vêm em sua mão um denário, que corresponde ao salário de um dia de serviço. Se grande foi a alegria daqueles homens, maior foi a do proprietário, ao saber que agora poderiam

voltar para suas casas tendo o suficiente para pagar as contas e ainda comprar o necessário.

V- 10 Chegando por sua vez os primeiros, julgavam que haviam de receber mais. Mas só receberam cada qual um denário.

Os outros trabalhadores que observavam tudo atentamente, ao ver o que se passava, começaram a imaginar que se aqueles que trabalharam apenas uma hora ganharam uma moeda, eles que trabalharam mais, ganhariam uma moeda por hora de trabalho. Os que chegaram no início do dia estavam radiantes de alegria, pois pensavam que ganhariam uma doze moedas. À medida, porém, que o feitor pagava cada grupo, forma percebendo que lhes eram dadas também uma moeda apenas.

V – 11 Ao receberem, murmuravam contra o dono da casa.

No grego o verbo murmurar aparece no imperfeito, o que subteme uma ação contínua, ou seja, a de que aqueles homens fizeram por um longo tempo um verdadeiro escarcéu.

V – 12 “Os últimos só trabalharam uma hora e os igualastes a nós que suportamos a fadiga do dia inteiro e um forte calor”.

A reclamação daqueles homens se baseava em argumentos até hoje bastante utilizados:

a) Os últimos só trabalharam uma hora.

Traduzidos geralmente por fases do tipo: “Nós chegamos aqui antes”, “quem você pensa que é para ir chegando e ocupando nosso lugar”, “Nós temos mais direito que você”.

b) Os igualastes a nós.

O que revela toda uma carga de preconceito: “Como? As prostitutas e os coletores de impostos nos precederão no Céu? Nós somos melhores, pois cumprimos ‘fielmente’ a lei”.

c) Suportamos a fadiga e o dia inteiro de intenso calor.

“Fomos nós quem construímos essa Igreja; enfrentamos chuva, sol e todo o tipo de dificuldade, portanto, quem manda aqui somos nós”.

V – 13 O senhor, porém, disse a um deles: “Meu amigo, não te faço injustiça. Não contratastes comigo um denário?”.

Percebamos que o proprietário responde a uma única pessoa que provavelmente deveria ser o líder do grupo. Geralmente é assim nos “grupinhos” que se formam dentro de nossas paróquias, comunidades e pastorais; sempre tem aquele ou aquela que encabeça o grupo e que, na maioria das vezes, incita a todos de forma manipuladora a não permitir que ninguém se aproxime de seus “cargos”. Esse grupo tende a rejeitar tudo aquilo que possa colocar em risco sua autoridade, prestígios, ideias, etc.

Diferente desses trabalhadores, aos quais os últimos que chegaram para ajudar eram verdadeiros inimigos, o dono da casa tem uma atitude surpreendente. Com toda cordialidade, dirige-se ao líder do grupo chamando-o de amigo. No grego a palavra usada é “etaine”, que significa companheiro. Com isso o dono da vinha nos lembra que o serviço ao Reino deve nos tornar amigos e irmãos uns dos outros. É triste ver que para algumas pessoas, o serviço tornou-se “cargo” e motivo de divisão.

Isso me faz lembrar de uma pessoa muito querida que conheci na minha paróquia de origem, dona Margarida. Era a senhora responsável pela limpeza da Igreja. Sempre que podia voltar à minha cidade, ao ir à Igreja percebia que ela, já de idade avançada estava lá, silenciosa, levantando banco por banco; e olha que não eram poucos. Cuidadosamente com sua vassoura ia deixando tudo limpo. Essa cena se repetiu durante anos. Nunca me lembro, porém, de ter visto alguém brigar pela vassoura da dona Margarida. Por que será? A resposta, quem sabe é porque vassoura não dá status como o microfone, a coordenação de algum grupo pastoral ou algum ministério. Dona Margarida, sem saber, me ensinou com sua vassoura como devemos servir.

V – 14 “Toma o que é teu e vai-te. Eu quero dar a este último tanto quanto a ti”.

O episódio nos sugere que o servo tenha jogado sua moeda no chão, como num gesto de indignação e de protesto por não ter recebido mais que os outros. Querendo dar um ponto final à discussão, o dono da vinha pede que se retire, dando-lhe mesmo que não precisasse, o motivo pelo qual assim procedera, como veremos no último versículo.

V – 15 “Não me é lícito fazer o que quero do que é meu ou é mau aos teus olhos que eu seja bom?”.

Na sua sabedoria, o proprietário coloca o motivo pelo qual agira daquele modo em forma de duas perguntas, cuja resposta, quem daria ao final seria o próprio servo.

A primeira nos lembra que Deus faz o que faz porque é Deus. Em Si mesmo está a resposta para agir como bem desejar.

A segunda nos diz que tudo o que Ele faz é pensando no nosso bem. Deus sempre quer o melhor para nós.

O patrão pagara um denário a cada um daqueles homens, não por causa do tempo que trabalharam, mas porque grande era a necessidade.

Os Dois Filhos Mt 21, 28-31

²⁸ *“Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Dirigindo-se ao primeiro, disse-lhe: ‘Meu filho, vai trabalhar hoje na vinha.’* ²⁹ *Respondeu ele: ‘Não quero’. Mas, em seguida, tocado de arrependimento, foi.* ³⁰ *Dirigindo-se depois ao outro, disse-lhe a mesma coisa. O filho respondeu: ‘Sim, pai!’, mas não foi.* ³¹ *Qual os dois fez a*

vontade do Pai?” – ‘O primeiro’, responderam-lhe. E Jesus disse-lhes: ‘Em verdade vos digo: os publicanos e as meretrizes vos precedem no Reino de Deus!’.

V – 28 Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Dirigindo-se ao primeiro, disse-lhe: “Meu filho, vai trabalhar hoje na vinha”.

Jesus está no templo ensinando, quando aparecem os sumos sacerdotes e os anciãos e começam a questioná-Lo perguntando com que autoridade Ele fazia aquilo. Jesus responde com três parábolas: a dos dois filhos que estamos começando a analisar, a dos lavradores homicidas e a das festas das bodas.

Na primeira, Jesus fez com que Seus inquisidores constatem suas infidelidades e desobediência a Deus. Na segunda, os obriga a se autossentenciarem e na última, como que profetiza o fim de tais autoridades.

Essa parábola segue a mesma dinâmica que as outras: o pai aqui é Deus e os filhos representam a humanidade. Precisamente duas maneiras de agir: a dos que prometem, mas não cumprem e a dos que rejeitando de início, arrependidos voltam atrás.

O pai ama igual aos dois filhos. O pronome possessivo “meu” na frente de “filho”, enfatiza que ambos são frutos do seu particular amor.

O pedido do pai, se bem notamos é feito de uma forma individual, pois a resposta deve ser individual. Apesar do tom de ordem, o pai respeita a decisão que o filho tomar.

V – 29 Respondeu ele: “Não quero”, mas em seguida tocado de arrependimento foi.

A resposta do filho é enfática e imediata: “Não quero”. Tal resposta, para a maioria dos pais teria sido motivo para uma grande discussão e com toda a razão. Qualquer pai ao ouvir tal coisa de seu filho diria: “Como não vai? Você é meu filho e enquanto estiver aqui, vai fazer o que eu quero!”.

Se não quisesse argumentar utilizando-se do recurso da autoridade, diria com toda a sensatez: “Filho, essa vinha não é minha; ela também é sua e um dia é você quem vai trabalhar nela, do contrário como irá se sustenta?”.

O pai da parábola, porém, sem nada dizer ou retrucar sai e vai procurar o outro filho. A atitude do pai toca profundamente o coração daquele filho que “entristecido” segundo uma tradução literal do grego *απηλθεν* (*apelthen*) volta atrás na sua decisão e vai para a vinha.

O modo de proceder desse filho nos faz lembrar os jovens que acolhemos em nossas casas, muitos deles marcados pelo flagelo das drogas, da criminalidade e por uma história familiar fragmentada e violenta. Nos primeiros meses não aceitam de forma alguma que lhes falemos de Deus. Alguns chegam mesmo a dizer que nem sequer acreditam nEle. Com o passar do tempo, à medida que vão se sentindo amados e valorizados, paulatinamente vão mudando de opinião. Essa também pode ter sido a sua

maneira de proceder. No começo, ainda com o coração duro como pedra, chegou a apontar o dedo em riste para Deus, não aceitando nada daquilo que ele em seu amor tinha para te dar. Depois, arrependido de tê-lo magoado pela aspereza de suas palavras e do seu proceder, resolveu alegrar o coração do pai “indo para a vinha”, pois sabia que nada alegria mais o coração de Deus do que fazer sua vontade.

V – 30 Dirigindo-se depois ao outro disse a mesma coisa. O filho respondeu: “Sim pai!”. Mas não foi.

A resposta desse filho poderia sem dúvida ter alegrado o coração do pai, se sua maneira de proceder correspondesse à sua fala, o que não acontece. Esse filho é aquele que vive das aparências do tipo “fala, mas não faz”. Se acostumou a ir levando tudo com “jeitinho”, dando um sorriso aqui, um sim ali, contanto que a fama de “bom mocinho” fosse mantida.

V – 31 “Qual dos dois fez a vontade do pai?”. “O primeiro”, responderam-lhe. E Jesus disse-lhes: “Em verdade vos digo. Os publicanos e as meretrizes vos precedem no Reino de Deus”.

A parábola de Jesus coloca as autoridades judaicas num beco sem saída. A pergunta final que geralmente acompanha muitas parábolas obriga tais autoridades a darem, eles próprios o parecer sobre si mesmo. Ao responderem com precisão que o primeiro filho foi o que cumpriu a vontade do pai, o constrangimento se apossou daqueles homens, pois, se aperceberam de imediato que eles eram o segundo filho. Tinham consciência de que viviam uma religião de aparências, que eram capazes de cumprir todos os rituais ortodoxamente, mas que no fundo, só “faziam de conta” que cumpriam as pesadas regras que eles mesmos fizeram. Como disse Jesus em outro momento: *“Colocavam pesados fardos sobre os ombros dos outros que nem mesmo eles podiam carregar”* (Mt 23,4).

Se não bastasse tal conclusão, Jesus explicita ainda quem é o primeiro filho: publicanos e meretrizes. O constrangimento dá lugar agora a um ódio mortal por Jesus. Jamais poderiam imaginar que Jesus fosse tão longe assim. Publicanos e meretrizes eram considerados para os judeus os piores tipos de pessoas, ao ponto deles declararem que lhes era impossível até mesmo a possibilidade de se arrependerem. Dizer que eles os antecipariam no Reino de Deus era uma afirmação bombástica que tocava o cerne da lei judaica construída em cima dos conceitos de pureza, da retribuição e da observância.

O que tenho observado durante todo o tempo que trabalho com os jovens em situação de marginalidade é que quando um deles resolve mudar de vida, é para valer que o fazem. Lembro-me quando um deles me disse um dia: “Não tenho nada a perder, padre. Todos sabem da minha vida, ela é um livro aberto. Já me droguei, roubei, bati, já me prostituí”. A fala desse filho é bastante reveladora.

É verdade quando diz: “que sua vida é um livro aberto”, pois publicamente era conhecido por todos do seu bairro, que sabiam muito bem de tudo o que fora capaz de

fazer, justamente aí reside a sinceridade da sua conversão iniciada. Não tem nada o que esconder e nem tampouco precisa se fingir de “santo”. O seu “passado” como muitos chamam, torna-se fonte de testemunho para muitos outros que viviam de modo semelhante.

Muito diferente é o nosso caso, que nos reconhecemos como “homens e mulheres de religião”. Por termos uma imagem a zelar e a manter e por medo do que possam pensar de nós se errarmos, vamos nos arrastando numa vida escondida de pecado. Dizia São Cláudio La Colombière: *“Eu preferiria ter de converter um grande pecador, a lidar com uma pessoa religiosa que se deixou levar pela tibieza. É um mal quase sem remédio. Poucos conheço que se emendam e a idade, que remedia outros defeitos da natureza, só faz aumentar este”*.

Os Lavradores Homicidas

Mt 21,33-41

³³Ouvi outra parábola: havia um pai de família que plantou uma vinha. Cercou com uma sebe, cavou um lagar e edificou uma torre. E, tendo-a arrendado à lavradores, deixou o país. ³⁴Vindo o tempo da colheita, enviou seus servos para recolher o produto de sua vinha. ³⁵Mas os lavradores agarraram os servos, feriram um, mataram outro e apedrejaram o terceiro. ³⁶Enviou outros servos em maior número que os primeiros e fizeram o mesmo. ³⁷Enfim, enviou seu próprio filho, dizendo: ‘Hão de respeitar meu filho’. ³⁸Os lavradores, porém, vendo o filho, disseram uns aos outros: ‘eis o herdeiro! Matemo-lo e teremos sua herança!’ ³⁹Lançaram-lhe as mãos, conduziram-no para fora da vinha e o assassinaram. ⁴⁰Pois bem: Quando voltar o senhor da vinha, que fará ele àqueles lavradores?’ ⁴¹Responderam-lhe: “Mandarão matar sem piedade aqueles miseráveis e arrendará sua vinha a outros lavradores que lhe pagarão o produto em seu tempo”.

V- 33 Ouve outra parábola: “Havia um pai de família que plantou uma vinha. Cercou com uma sebe, cavou um lagar e edificou uma torre. E, tendo-a arrendado à lavradores, deixou o país”.

Ainda estava bem fresca a conclusão da parábola dos dois filhos na mente das autoridades judaicas, quando Jesus inicia outra parábola. Começa chamando a atenção dos Seus ouvintes como quem diz: “Ainda não terminei; tenho outras verdades para lhes falar. Ouve esta outra estória”.

Se na outra parábola Jesus os levou a fazerem uma constatação acerca do seu modo de proceder, nessa Ele revela do que serão capazes de fazer.

Como na outra, o personagem central é o pai que representa Deus; o herdeiro é Jesus; os agricultores são os judeus e na estória aqui contada, as autoridades religiosas. Os servos são os profetas e o povo no versículo 46 é a Igreja gentílica. A vinha pode ser

comparada aqui ao Reino de Deus, que é confiada a Israel. O cultivo de uvas estava entre as mais importantes produções agrícolas dos judeus. Isso porque o retorno financeiro era promissor. Por outro lado, exigia cuidados especiais e uma total dedicação por parte de quem as cultivasse, como nos mostra o versículo:

- a) *É o próprio dono que planta a vinha.* O que significa dizer que é ele quem prepara a terra, limpando-as e adubando-a; seleciona as sementes e espera o tempo certo para semeá-la.
- b) *Cerca-a com uma sebe (cerca)* geralmente feita de plantas espinhosas com o objetivo de proteger a vinha contra animais.
- c) *Constrói uma torre* para oferecer ao vigia a melhor guarda contra ladrões.
- d) *E por fim constrói um lagar*, do grego “*lenos*” que significa gamela. O nome, porém, era usado para designar todo o conjunto de equipamentos usados para fazer o vinho.

Depois de ter cuidado de tudo e feito o acordo com os arrendatários de que parte da colheita seria sua, o proprietário então parte para outro país.

V – 34 Vindo o tempo da colheita, enviou seus servos aos lavradores para receber seus frutos.

Mesmo longe, o proprietário não esquecera sua vinha e dia após dia, incansavelmente, ele esperava chegar o tempo da colheita. Chegando o dia, enviou seus servos para que fossem buscar os frutos que eram seus por direito. Sabia que naquele ano a safra seria muito boa, pois ele próprio havia tomado as devidas providências.

V – 35 Mas os lavradores agarraram seus servos, feriram um, mataram outro e apedrejaram o terceiro.

Tudo isso é uma alusão ao que aconteceu durante grande parte da história de Israel. Por mais de quatrocentos anos, desde a saída do povo do Egito até João Batista, muitos dos profetas enviados por Deus a Israel foram mortos.

V – 36 Enviou outros servos em maior número que os primeiros e fizeram-lhes o mesmo.

O que se nota, é que com o passar dos anos, o abuso de poder e as infidelidades se fizeram aumentar. Diante disso, Deus envia um número maior de profetas com a esperança de que Israel pudesse deixar suas obras más e voltar-se para Ele novamente. O que acontece, porém, é o contrário. A presença de mais profetas fez aumentar ainda mais sua sede de sangue.

V – 37 Enfim enviou Seu próprio filho, dizendo: “Hão de respeitar meu filho”.

O evangelista São Marcos é ainda mais enfático quando nos apresenta os fatos: “*Restava-lhe ainda seu filho único, a quem muito amava*” (Mc 12,6). Também São

Lucas usa a expressão “amado” (Lc 20,13). Dito isto, a parábola se torna mais dramática.

Não se tratava de um dos filhos do proprietário, mas do seu único e amado filho. Para o pai estava assegurado que, se ele enviasse o seu próprio filho, eles o respeitariam e toda essa chacina terminaria. O original no grego soa ainda mais forte. O verbo “Ἐντραπήσονται” (entrapesontai) literalmente significa “voltar-se para”. A ideia aqui é a de que os arrendatários *ao voltarem-se para o filho, cairiam em si e o respeitariam*.

V – 38 Os lavradores, porém vendo o filho, disseram uns aos outros: “Eis o herdeiro! Matemo-lo e teremos a sua herança”.

Eis os herdeiro! Acontecera como o pai imaginara. Eles o reconheceram, mas o que sucederá daí por diante, superará em muito os limites da maldade humana.

Ao dizer isso, Jesus sabia que as autoridades religiosas já estavam tramando matá-lo.

V – 39 Lançaram-lhe as mãos, conduziram-no para fora da vinha e o assassinaram.

O detalhe aqui apresentado está em total consonância ao que mais tarde aconteceria. Jesus morreria fora de Jerusalém, que era o grande símbolo da vinha de Deus, tanto que a entrada do grande templo era adornada pela figura de uma vinha.

O sentido do texto aponta também para o fato de Jesus ter sido rejeitado no meio dos Seus, como nos diz Jo1,11.

V – 40 “Pois bem: Quando voltar o senhor da vinha, que fará ele àqueles lavradores?”.

A pergunta de Jesus nos dá a certeza de que Deus haverá de voltar, e como nos diz a oração do Credo, para julgar os vivos e os mortos.

A conclusão final é mais que uma simples resposta; é a própria sentença que aquelas autoridades estavam dando a si mesmas.

V – 41 Responderam-lhe: “Mandaré matar sem piedade aqueles miseráveis e arrendará sua vinha a outros lavradores que a seu tempo lhe entreguem os frutos”.

Esse último versículo revela não só o fim trágico que receberão tais servos, mas também aponta para a esperança que virá. Não nos esqueçamos que é o tempo da colheita e que a vinha está dando frutos sem parar. Tais frutos precisam ser colhidos e para isso ele arrendará a vinha para outros lavradores que deverão ser fiéis entregando-lhe os frutos que lhe pertencem. Este novo povo será a Igreja nascente da qual hoje nós somos membros. Não podemos incorrer nos mesmos erros que os primeiros arrendatários, achando-nos donos da vinha e que, portanto, podemos fazer o que bem quisermos dela. Não nos esqueçamos que o verdadeiro proprietário espera que lhe entreguemos os frutos que lhe pertencem.

E por falar nisso, que frutos você e sua comunidade estão produzindo para o Senhor?

A Festa das Bodas

Mt 22,1-14

¹Jesus tornou a falar-lhes por meio de parábolas: ²“O Reino dos céus é comparado a um rei que celebrava as bodas de seu filho. ³Enviou seus servos para chamar os convidados, mas eles não quiseram vir. ⁴Enviou outros ainda, dizendo-lhes: ‘Dizei aos convidados que já está preparado o meu banquete; meus bois e meus animais cevados estão mortos, tudo está preparado. Vinde às bodas!’ ⁵Mas, sem se importarem com aquele convite, foram-se um a um a seu campo e outro para seu negócio. ⁶Outros lançaram mãos de seus servos, insultaram-nos e os mataram. ⁷O rei soube e indignou-se em extremo. Enviou suas tropas, matou aqueles assassinos e incendiou-lhes a cidade. ⁸Disse depois a seus servos: O festim está pronto, mas os convidados não foram dignos. ⁹Ide as encruzilhadas e convidai para as bodas todos quantos achardes. ¹⁰Espalharam-se eles pelos caminhos e reuniram todos quantos acharam, maus e bons, de modo que a sala do banquete ficou repleta de convidados. ¹¹O rei entrou para vê-los e viu ali um homem que não trazia a veste nupcial. ¹²Perguntou-lhe: Meu amigo, como entraste aqui, sem a veste nupcial? O homem não proferiu palavra alguma. ¹³Disse então o rei aos servos: Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o nas trevas exteriores. Ali haverá choro e ranger de dentes. ¹⁴Porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos”.

V – 1 Jesus tornou-lhes a falar por meio de parábolas.

Vamos encontrar em (Lc 14,16-21) o paralelo dessa mesma parábola. As diferenças entre ambas são bem poucas. Enquanto muitos dizem que se trata da festa de casamento do filho do rei, Lucas diz apenas que um certo homem ofereceu um grande banquete. Outras diferenças aparecem quanto à maneira de representar os motivos da recusa do convite à festa, que em Lucas é mais detalhada. Mateus por outro lado, acrescenta o detalhe da veste nupcial ao final, uma pequena parábola dentro de outra parábola.

V – 2 O Reino dos céus é comparado a um rei que celebrava as bodas de seu filho.

A dinâmica da parábola vai seguir a mesma linha da que vimos anteriormente. O destaque aqui é para a figura do filho. O pai prepara para ele uma grande festa que duraria vários dias, provavelmente uma semana, conforme o costume da época. Um banquete deste porte revela a todos os habitantes do Reino, o quanto esse filho é querido e amado pelo pai. Para ele, o pai dá o que tem de melhor. Ao que tudo indica, as bodas é também a festa de apresentação do filho como futuro herdeiro do trono.

V – 3 Enviou seus servos para chamar os convidados, mas eles não quiseram vir.

Supõe-se que os convites foram feitos com antecedência. Os servos aqui estão somente cumprindo o costume de, horas antes, confirmar os convidados que realmente viriam para as bodas. Semelhante a isso seria o costume atual de saber quem virá para o casamento pelos presentes enviados com antecedência. Acontece o imprevisto: os convivas recusaram-se a ir as bodas. Como Israel, que não quisera reconhecer Jesus como o Filho de Deus.

V – 4 Enviou outros ainda, dizendo-lhes: ‘Dizei aos convidados que já está preparado o meu banquete; meus bois e meus animais cevados estão mortos, tudo está preparado. Vinde às bodas!’

O rei, porém, mesmo diante de tão grande ingratidão não desiste e volta a enviar outros servos, dessa vez não só para insistir no convite, mas para falar com detalhes de como seria a festa. As expressões “meu banquete”, “bois” e “cevados” indicam o cuidado com que o rei pessoalmente tinha preparado a festa e a fartura de comida que teria na mesma. Tudo estava antecipadamente preparado, só faltavam os convidados.

Esses servos que se incumbiram de tal tarefa, nos faz lembrar os discípulos de Jesus que se empenharam em anunciar com sua própria vida que o Reino já chegou e que basta nele tomar parte.

V – 5 Mas, sem se importarem com aquele convite foram-se um a um a seu campo e outro a seu negócio.

Lucas em seu Evangelho fala ainda de um outro que estava ocupado com o seu casamento.

Tais motivos continuam sendo os mesmos, pelos quais muitos ainda hoje rejeitam Jesus e o Seu Reino.

Campo – São aqueles que nunca têm tempo para Deus porque estão sempre desfrutando das comodidades da vida. O final de semana é para irem à sua chácara, às festas com os amigos, ao piquenique, ao shopping...

Negócio - Diferente dos primeiros, esses só pensam em ganhar dinheiro. Não podem ocupar-se das coisas de Deus, pois isso seria perda de tempo. Para esses, “*time is Money*” (tempo é dinheiro).

Casamento – Simboliza aqueles que estão unicamente preocupados com a sua felicidade pessoal e o seu bel prazer. Não querem nada com a religião, pois isso lhes exigiria certas renúncias e sacrifícios.

Existe ainda, um quarto motivo, como veremos abaixo.

V – 6 Outros lançaram mãos de seus servos, insultaram-nos e os mataram.

Essa é a maneira com que agem as lideranças religiosas judaicas, sobretudo, se levarmos em conta que quando os Evangelhos foram escritos, seus autores já tinham sido testemunhas oculares da matança iniciada contra os cristãos.

Se observarmos bem, seremos capazes de perceber que não foram “os indiferentes” que cometeram os homicídios, mas sim aqueles que se diziam representantes de uma lei divina. Infelizmente em “nome de Deus” se continua cometendo tais atos. Exemplo disso são as guerras entre católicos e protestantes na Irlanda ou em maior proporção ainda, entre cristãos norte-americanos e grupos fundamentalistas islâmicos. Se não quisermos ir muito longe, olhemos para o Brasil e vejamos os insultos e agressões causados por grupos cristãos também de tendências fundamentalistas.

V – 7 O rei soube e indignou-se em extremo. Enviou suas tropas, matou aqueles assassinos e incendiou-lhes a cidade.

Muitos autores costumam dizer que esse episódio é uma referência direta à destruição de Jerusalém que aconteceu no ano 70 d.C., sob o governo de Tito e Vespasiano. De qualquer maneira, o objetivo final desta terceira parábola é dizer para as autoridades do templo, que fim terão por não aceitarem Jesus como Messias.

V – 8 Disse depois a seus servos: “O festim está pronto, mas os convidados não foram dignos”.

Mesmo diante do ocorrido, o banquete continuava preparado. A festa não poderia acabar, nem tampouco a comida se estragar por causa da indignidade dos convidados.

V – 9 “Ide às encruzilhadas e convidai para as bodas todos quantos achardes”.

A palavra “ide” mostra a prontidão dos servos em atender a ordem do rei. Mesmo tendo ido outras vezes e nada conseguindo, eles não discutem a ordem e muito menos reclamam do cansaço.

Assim devemos ser. Mesmo que muitos não aceitem o convite, mesmo diante do desânimo, da fadiga, temos que acreditar que haverá sempre quem escute e aceite a mensagem da Boa-Nova.

Aqui o termo “encruzilhada” é uma tradução do grego διεξόδους (*diexodous*), que literalmente seria “caminhos que atravessam”. A ideia aqui é de que os servos deveriam ir às ruas principais e também àquelas que as atravessavam, ou seja, as ruas menores. Isso demonstra a universalidade do Evangelho que deve chegar a toda parte e a todas as pessoas, de maneira particular aos mais pobres, aos aleijados, aos cegos e aos coxos (Lc 14,21) que ainda hoje continuam perambulando pelas ruas principais de nossa cidade, atrás de uma esmola ou de um prato de comida, dormindo nas praças e viadutos ou aglomerados nos bolsões de miséria: subúrbios, cortiços e favelas.

V – 10 Espalharam-se eles pelos caminhos e reuniram todos quantos acharam, maus e bons, de modo que a sala do banquete ficou repleta de convidados.

O convite feito para todos não exclui a ninguém, nem mesmo aqueles que pela vida que levam seriam considerados maus. Pelo contrário, a esses é que o anúncio precisa chegar

com urgência. O trecho de Lucas evidencia bem isso, quando o servo ao comunicar para o rei que ainda havia lugar no salão, o rei pede que trouxessem então mais pessoas para a festa. A única coisa que se pede é que aceitem o convite. Este é o critério inicial para participarmos do Reino, aceitar Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo. Por conseguinte, o processo de transformação se daria à medida que a graça e o esforço humano fossem trabalhando juntos para a santificação.

Essa parábola nos faz repensar nossos métodos de evangelização. Muitas vezes, só buscamos aqueles que são considerados os certinhos. Há muitas comunidades e grupos que querem trabalhar com os mais pobres, mas desde que eles não bebam, não se droguem, não sejam violentos, nem indecentes. A experiência que temos nesses anos de proximidade com aqueles que vivem em situação de marginalidade, nos ensinaram que dificilmente vamos encontrar essa figura “romântica do pobre”. Pela própria situação em que vivem e pela história de vida que cada um trás, muitos aprenderam e se acostumaram a enganar, a manipular, roubar, agredir, etc. Acreditamos, e é isso o que estamos vendo, que para muitos a experiência de serem amados como são, gratuitamente, como Jesus nos amou, tem possibilitado que, pouco a pouco, num processo às vezes demorado, assumam uma nova vida. São Paulo vai dizer *que a grande prova de amor de Deus por nós é Cristo ter morrido por nós quando ainda éramos pecadores* (Rm 5,8).

V – 11 O rei entrou para vê-los e viu ali um homem que não trazia veste nupcial.

Com a intenção de não deixar dúvidas sobre o que acabara de dizer, Mateus acrescenta aqui uma espécie de segunda parábola. Nela como dissemos anteriormente, Jesus nos mostra que além do convite inicial feito, que é a graça da salvação dada a toda a humanidade por meio de Jesus Cristo, é necessário também, retidão pessoal por uma vida santa e justa simbolizada na parábola pelas vestes brancas, numa alusão aqui ao profeta Isaías: *“Rejubilarei no Senhor e minha alma exultará de alegria em Deus, porque me fez revestir as vestimentas da salvação e me envolveu com o manto da justiça, como um noivo cinge o turbante e uma noiva se enfeita com suas jóias”* (Is 61,10).

A chegada do rei para ver seus convidados no salão, lembra o julgamento final, onde o próprio Deus se encarregará de emitir a sentença (Mt 25,31-46).

V – 12 Perguntou-lhe: “Meu amigo, como entrastes aqui, sem a veste nupcial?”. O homem não proferiu palavra alguma.

Em consonância com todo o conjunto da parábola, dá-se a entender que à medida que os convidados chegavam, recebiam vestes novas, apropriadas para a ocasião. O que comprova que provavelmente esse conviva tenha entrado por outro lugar, sendo assim *“persona non grata”*. Em outra ocasião, Jesus falara algo parecido ao que aqui estamos nos referindo: *“Quem não entra pela porta do aprisco, mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador”* (Jo 10,1).

O grego expressa com veemente força, o silêncio que o homem fizera após ser questionado pelo rei. A expressão εφύμωθη (*efimothē*) que alguns traduzem por “emudeceu”, literalmente seria “amordaçou” como se faz a um animal. O uso dessa expressão sinaliza para o fato que, aquele homem fora amordaçado pela consciência de que quisera usar de meios inapropriados para entrar naquele lugar.

Não são poucos os que assim procedem. Mesmo tendo conhecido a Palavra, recebido os sacramentos, aprofundado a fé, muitos nada fazem para viver uma autêntica vida de discípulos. Pelo contrário, movidos pela famosa lei do “menor esforço” até mesmo discursam dizendo: “Não precisa tudo isso para seguir Jesus”. Critica quando alguém reza: “Para que rezar tanto?”. Isso é porque já não reza mais. Quando alguém jejua diz: “Já passou esse tempo, isso é coisa dos antigos”. Já não é capaz de fazer nem pequenos sacrifícios. Nada escapa às suas críticas. Se alguém ajuda os pobres costuma dizer que isso é “assistencialismo” e que é preciso lutar e se organizar. Que pena que isso só fica no discurso, pois nunca o vemos nas cadeias, nas favelas, nas ruas, no meio dos pobres. Vive sossegado levando uma vida cômoda e abastada.

V – 13 Disse então o rei aos servos: “Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o nas trevas exteriores. Ali haverá choro e ranger de dentes”.

Já que estava com a consciência amarrada, o rei então pediu aos servos que terminassem o restante, amarrando as mãos e os pés daquele que nada fizera para merecer estar ali. Grande foi o desespero daquele homem que, depois de ter visto a fartura do banquete, a beleza do salão, a alegria dos convidados, ser agora lançado fora, onde só havia trevas, frio e solidão. Na Carta aos Hebreus, há um paralelo bastante semelhante a esse: *“Porque aqueles que foram uma vez iluminados, saborearam o dom celestial, participaram dos dons do Espírito Santo, experimentaram a doçura da Palavra de Deus e as maravilhas do mundo vindouro e apesar disso se desviaram...”* (Heb 6,4-5).

V – “Porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos”.

A conclusão que sai dos lábios de Jesus fecha com chave de ouro a parábola, ou melhor, as parábolas.

As Dez Virgens

Mt 25,1-13

¹ *“Então o Reino dos céus será semelhante a dez virgens, que saíram com suas lâmpadas ao encontro do esposo. ²Cinco dentre elas eram tolas e cinco, prudentes. ³Tomando suas lâmpadas, as tolas não levaram óleo consigo. ⁴As prudentes, todavia, levaram de reserva vasos óleo junto com as lâmpadas. ⁵Tardando o esposo, cochilaram todas e adormeceram. ⁶No meio da noite, porém, ouviu-se um clamor: ‘Eis o esposo, ide-lhe ao encontro. ⁷E as virgens levantaram-se todas e prepararam suas lâmpadas. ⁸As tolas disseram às prudentes: ‘Dai-nos do vosso óleo, porque nossas lâmpadas estão se apagando’. ⁹As prudentes responderam: ‘Não temos o*

suficiente para nós e para vós; é preferível irdes aos vendedores, a fim de o comprar para vós'. ¹⁰Ora, enquanto foram comprar, veio o esposo. As que estavam preparadas entraram com ele para a sala das bodas e foi fechada a porta.

¹¹Mais tarde chegaram também as outras e diziam: 'Senhor, Senhor, abre-nos!'¹² Mas ele respondeu: 'Em verdade vos digo: Não vos conheço!'

¹³Vigiai, pois, porque não sabeis nem o dia nem a hora".

V – 1 Então o Reino dos céus será semelhante a dez virgens, que saíram com suas lâmpadas ao encontro do esposo.

O capítulo 25 é composto por duas parábolas em que antecedem o Juízo final. Esta que estamos começando a ver, que só se encontra em Mateus, e a parábola dos talentos encontrada também em Lucas.

A parábola das dez virgens nos diz que quando o Senhor voltar (parousia), deverá encontrar seus discípulos atentos e preparados.

São dez as virgens que formam o cortejo do noivo. A palavra virgem é tradução do grego παρθενοις (parthenos), a mesma palavra usada para se referir a Maria (Lc 1,23). Alguns autores atribuem sentido simbólico ao fato de serem dez. Na cultura semita, dez era o número perfeito e total, pois são eles que vão formar todos os outros números. São considerados números primários. A título de curiosidade, basta lembrar que são dez os mandamentos, dez era o número mínimo de uma família para celebrar a Páscoa, dez era o número dos judeus que se compunha uma sinagoga e dez eram as lâmpadas com que se formavam os cortejos.

Cada virgem tomou sua lâmpada em particular, o que nos lembra que embora formassem um único cortejo, a preparação no que tange a providência das coisas, é pessoal.

Cada um de nós somos responsáveis pela nossa própria salvação. Por isso, precisamos estar sempre de prontidão. Tal tarefa é intransferível a outra pessoa, como bem veremos no decorrer da parábola.

V – 2 Cinco delas eram insensatas e cinco providentes.

Notemos bem que a classificação entre os dois grupos, não se dá por algumas serem más e outras boas. Todas as virgens eram boas. A parábola apenas realça o fato de algumas estarem mais atentas, “mais alertas” que as outras, o que nos mostra que a atitude pela espera do senhor deve ser uma qualidade primordial do verdadeiro discípulo.

Não basta somente saber que ele virá. Em outras palavras, não é suficiente só conhecer Jesus teoricamente através da catequese ou de uma boa teologia. De nada tais coisas servirão se não se traduzem em uma vida de santidade e serviço.

V – 3 Tomando suas lâmpadas, as insensatas não levaram óleo consigo.

Com toda certeza, não fora por esquecimento que não levaram o óleo, ao contrário, pensavam que o óleo que tinham colocado em suas lâmpadas fosse suficiente para acompanhar o cortejo do começo ao fim. Justamente aí residiu o erro dessas cinco moças.

As lâmpadas que cada uma delas portava, significava a pertença externa à comunidade cristã e o óleo, o Espírito Santo. O que aconteceu com essas cinco jovens é o que comumente acontece conosco. Depois de frequentarmos durante alguns anos uma paróquia, um grupo ou um movimento, achamos que já “sabemos” demais e passamos a acreditar em nossas próprias convicções, nos tornando presunçosos e auto-suficientes, tendo sempre uma resposta lógica e racional. Já não recorremos mais ao auxílio da graça divina dada pelo Espírito, que não pode fazer morada em nós, pois estamos ocupados com outros hóspedes: o orgulho, a auto-suficiência, a soberba, etc. Reduzimos o cristianismo a meras expressões externas da fé, ou quando não, o transformamos numa “entidade civil sem fins lucrativos”.

V – 4 As providentes, todavia, levaram de reserva vasos de óleo junto com as lâmpadas.

É a atitude de quem se coloca sempre à disposição da graça. Suas lâmpadas brilhavam repletas de óleo e como não desejassem faltar, levam consigo suprimento extra. O noivo poderia demorar e foi o que sucedeu, mas elas estavam precavidas.

V – 5 Tardando o noivo, cochilaram todas e adormeceram.

O fato de terem adormecido não significa dizer que o grupo todo “relaxou-se” com a demora. O versículo nos diz que primeiro cochilaram, o que demonstra que tentaram lutar contra o sono. Entretanto, seus olhos ficaram pesados e já não mais aguentando, é que adormeceram.

V – 6 No meio da noite, porém, ouve-se um clamor: “Eis o noivo: Sai-lhe ao encontro!”.

Aquelas dez jovens devem ter acordado em pânico. Sobressaltadas pelo grito e pela escuridão da noite, elas jamais imaginavam que o noivo pudesse chegar em hora tão avançada. Não fora por falta de aviso. Ele já dissera antes que tardaria: *“Vigiai e orai, pois não sabeis nem o dia, nem a hora”* (Mt 25,13). A expressão “meio da noite” quer indicar que a espera demorará, o importante, porém, é estar preparado, alimentando a expectativa de sua chegada. A única certeza que podemos ter é que não importa o tempo da espera, Ele virá. Aquelas jovens foram acordadas por um forte grito. Literalmente traduzido seria: “Eis um grito” que indica que a promessa feita de que a segunda vinda não é uma promessa para o passado, nem para o futuro, ela é para o tempo presente. Precisamos todos os dias ser despertados por esse grito: **Eis Jesus!**

V – 7 E as virgens levantaram-se todas e preparam suas lâmpadas.

É nesse momento que começa a separação. Até então, todas apareciam ser iguais. Eram jovens, tinham suas lâmpadas acesas, faziam parte de um único cortejo e, responderam com prontidão ao grito de aviso levantando-se todas ao mesmo tempo. Quando começam a preparar cada uma a sua lâmpada, cinco delas percebem que faltava algo, o mais importante.

V- 8 As insensatas disseram as providentes: “Dai-nos de vosso óleo porque nossas lâmpadas estão apagando”.

Sem demora, aquelas cinco virgens acedem suas lâmpadas e é quando se dão conta que, por falta de óleo, começam a apagar. Ao olharem para as outras, as veem colocando óleo nas suas lâmpadas e como que num único clamor, suplicam-lhes por ajuda.

V – As providentes responderam: “Não, pois decerto não chegaria para nós e para vós; ide antes aos vendedores, a fim de comprar para vós”.

Aparentemente a atitude das providentes não parece ser desumana. Se é verdade que essas cinco virgens representam todos aqueles que são movidos pelo Espírito, não estariam elas aqui indo de encontro ao que professam? Por mais dura que seja sua resposta, não teriam como proceder de outra forma.

Vimos um pouco antes que esse “óleo” é intransferível e que por mais que elas quisessem, não poderiam distribuir do seu azeite para as outras. A preparação e manutenção da lâmpada é individual. Ninguém pode fazer por mim, nem tampouco eu posso tomar emprestado de outra pessoa. É isso que Jesus está querendo ensinar nesta lição, que é necessário nos preparar previamente. Não deixar para a última hora como fizeram as virgens imprevidentes.

V – 10 Ora, enquanto foram comprar, veio o noivo. As que estavam preparadas entraram com ele para a sala das bodas e foram fechadas as portas.

As virgens imprevidentes saíram para comprar o óleo. Devem ter saído às pressas na esperança de voltarem logo. Sabiam que não ia ser fácil encontrar lugar aberto que lhes vendesse óleo àquela hora da noite. As providentes deviam estar apreensivas, tanto pela chegada do noivo quanto pela partida das outras virgens. Nesse ínterim, o noivo chega e o texto aqui dá uma espécie de salto. Não se fala de continuação do cortejo; entra-se direto no salão das festas, o que dá uma ideia de urgência. Já não dá mais para perder tempo.

V – 11 Mais tarde, chegaram as outras virgens e disseram: “Senhor, Senhor, abrem-nos”.

Ao que tudo indica, conseguiram encontrar óleo para suas lâmpadas e por isso voltaram. Encontrando a porta da casa já fechada, começam a gritar para que abrissem. Há então

uma súbita mudança; algo incomum acontece. O noivo torna-se o dono da casa, o Senhor. A palavra para Senhor em grego é “*Kirios*”. Quando usada, tem o sentido de um senhorio absoluto de Deus, indicando que Ele é o Senhor de todas as coisas e que compete a Ele o julgamento final.

V – 12 Mas ele respondeu: “Em verdade vos digo: Não vos conheço”.

A resposta ainda que dura é solene. Vem antecipada pela famosa expressão, “em verdade”, em grego “*Amém*”. Jesus a utiliza sempre que profere uma sentença irrevogável. A resposta de Jesus não pode ser entendida como uma espécie de punição por causa do atraso daquelas cinco virgens; ela ganha seu sentido, quando entendida a partir de uma outra passagem na qual Jesus diz: “*Nem todo aquele que me diz Senhor, Senhor entrará no Reino dos céus, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não pregamos nós em vosso nome e não foi em vosso nome que expulsamos os demônios e fizemos muitos milagres? E, no entanto, eu lhes direi: nunca vos conheci*” (Mt 7,21-23).

V – 13 “Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora”.

A recomendação final de Jesus é que Seus discípulos façam da vigilância um modo de proceder contínuo e diário. Nos seus lábios tal pedido chega a nós como um verdadeiro imperativo a se cumprir. Eis a ordem para que vivamos sempre com nossas lâmpadas preparadas, com a reserva de óleo garantida, numa atitude de constante expectativa.

Os Talentos Mt 25,14-30

¹⁴ *Será também como um homem que, tendo de viajar, reuniu seus servos e lhes confiou seus bens.* ¹⁵ *A um deu cinco talentos; a outro, dois; a outro, um, segundo a capacidade de cada um. Depois partiu.* ¹⁶ *Logo em seguida, o que recebeu cinco talentos negociou com eles; fê-los produzir, e ganhou outros cinco.* ¹⁷ *Do mesmo modo o que recebeu dois, ganhou outros dois.* ¹⁸ *Mas, o que recebeu apenas um, foi cavar a terra e escondeu o dinheiro de seu senhor.*

¹⁹ *Muito tempo depois, o senhor daqueles servos voltou e pediu-lhes contas.* ²⁰ *O que recebeu cinco talentos, aproximou-se e apresentou outros cinco: ‘Senhor, disse-lhe, confiaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco que ganhei’.* ²¹ *Disse-lhe seu senhor: ‘Muito bem, servo bom e fiel; já que foste fiel no pouco, eu te confiarei muito. Vem regozijar-te com teu senhor’.* ²² *O que recebeu dois talentos, adiantou-se também e disse: ‘Senhor, confiaste-me dois talentos; eis aqui os dois outros que lucrei’.* ²³ *Disse-lhe seu senhor: Muito bem, servo bom e fiel; já que foste fiel no pouco, eu te confiarei muito. Vem regozijar-te com teu senhor’.*

²⁴ *Veio, por fim, o que recebeu um só talento: ‘Senhor, disse-lhe, sabia que és um homem duro, que colhes onde não semeaste e recolhe onde não espalhaste.* ²⁵ *Por*

isso, tive medo e fui esconder seu talento na terra. Eis aqui, toma o que te pertence’.
²⁶ *Respondeu-lhe seu senhor: ‘Servo mau e preguiçoso! Sabias que colho onde não semeei e que recolho onde não espalhei.* ²⁷ *Devias, pois, levar meu dinheiro ao banco e à minha volta eu receberia com juros o que é meu.* ²⁸ *Tirai-lhe este talento e dai ao que tem dez.* ²⁹ *Dar-se-á ao que tem e terá em abundância. Mas ao que não tem, tirar-se-á mesmo aquilo que julga ter.* ³⁰ *E a esse servo inútil, jogai-o nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes”.*

V- 14 Será também como um homem que, tendo de viajar, reuniu seus servos e lhes confiou os seus bens.

Essa parábola segue o mesmo sentido que as outras duas anteriores. A saída do homem de sua pátria por um certo tempo alude também, a “*parousia*”. O detalhe aqui, é que antes de partir confere a seus a administração de seus bens.

V – 15 A um deu cinco talentos; a outro, dois; e a outro um, segundo a capacidade de cada um. Depois partiu.

Um talento corresponde a seis mil denários (moedas de prata). Como vimos na parábola dos operários da vinha, um denário equivale a um dia de trabalho, logo, um talento corresponde a dezoito anos de trabalho. Ao todo, aquele homem deu aos seus empregados quarenta e oito mil moedas de prata. Uma quantia bastante elevada, o tipo de investimento que não se faria com empregados. Isso já nos mostra que mesmo não merecendo, Deus nos cumula de bênçãos e de graças de acordo com nossas necessidades e possibilidades. Deus dá o que tem de melhor para nós. Admirados, podemos indagar como salmista: “*O que é o homem Senhor para que dele cuide com tanto carinho?*”(Sl 8,5).

V – 16 Logo em seguida o que recebeu cinco talentos negociou com eles; fê-los produzir, e ganhou outros cinco.

O servo não perdeu tempo, o que já nos indica o caráter de prontidão e urgência da parábola; imediatamente sai e negocia o montante recebido. O resultado não poderia ser melhor; seus bens multiplicam-se e ele agora tem o equivalente a sessenta mil moedas.

V – 17 Do mesmo modo o que recebeu dois, ganhou outros dois.

Ou seja, recebida a quantia equivalente as suas capacidades e necessidades, imediatamente saiu para negociá-la. Tendo agido sabiamente, também ele vê seu dinheiro multiplicar-se de doze mil moedas para vinte e quatro mil moedas de prata.

V – 18 Mas o que recebeu apenas um, foi cavar a terra e escondeu o dinheiro de seu senhor.

Deparamo-nos aqui com a mesma situação que apareceu na parábola anterior. Assim, como aquelas cinco virgens imprevidentes não são por si más, assim também é esse servo. Ele não usa de má fé no caso do dinheiro: “Já que meu senhor tarda a voltar, vou aproveitar da grana que está comigo para fazer o que bem quero”. O problema desse servo, é que ele não teve a iniciativa de empregá-lo, a fim de obter mais lucros como os outros dois, tornando-se assim um servo improdutivo.

V – 19 Muito tempo depois, o senhor daqueles servos voltou e pediu-lhes contas.

Por mais longa que fosse a demora, o certo é que o senhor retornaria. Aqui vemos a alusão a “parousia” ou segunda vinda do Senhor, que como o personagem da parábola, pedirá contas aos seus servos quando, após demorado retorno se fizer presente outra vez.

V – 20 O que recebeu cinco talentos, aproximou-se e apresentou outros cinco: “Senhor, disse-lhe, confiaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco que ganhei”.

Esse servo sabia que seu senhor voltaria e que cobraria os bens que ficaram sob sua responsabilidade, por isso, é que ele não foi pego de surpresa. Essa atitude é demonstrada logo que o senhor viajou, pois, naquele mesmo instante já começou seu incansável trabalho. Com certeza, teve que ouvir coisas do tipo: “Chega, você já fez demais; para quê tudo isso?”. Nada, porém, foi capaz de fazê-lo parar. Enquanto muitos “descansavam” ele trabalhava. Sabia da confiança que seu senhor havia depositado nele e não o decepcionaria. Deu o melhor de si e agora com passos firmes e determinados avançava de cabeça erguida em direção ao seu senhor.

Peçamos a Deus, a mesma intrepidez desse servo, para que também nós, um dia possamos de igual maneira nos apresentar diante de sua Divina Majestade com as mãos cheias de dons multiplicados, a dizer: “Eis aqui meu Senhor: Amor incondicional, caridade fraterna, serviço aos pequeninos do teu Reino, obras de justiça, respeito pela vida, vida de oração. Eis os frutos que eu tenho...”.

V – 21 Disse-lhe seu senhor: “Muito bem, servo bom e fiel; já que foste fiel no pouco, eu te confiarei muito. Vem regozijar-te com teu senhor”.

Os lábios do senhor se abrem e de sua boca sai uma pequena palavra *Ev (em)* que significa “bem” e que expressa a grandeza do que o senhor está sentindo quando vê o que aquele servo lhe mostra. Deveras, seu senhor está muito satisfeito e contente por ele ter sido bom e fiel.

Proferidas pelo senhor, estas duas palavras são mais que meros adjetivos. Elas são os motivos do seu contentamento. Aquele servo foi bom porque amou o seu senhor – a tradução mais fiel de servo “bom” seria servo “amoroso”, pois no grego está escrito *ἀγαθέ (agaphe)* e “fiel” = fé *πιστέ (piste)*, porque mesmo diante das tribulações, perseguições e críticas, não esmoreceu.

Por isso, seu senhor considera que tudo o que ele recebera ainda é pouco diante daquilo que ainda pode receber e assim sendo, lhe confia mais. E o que é esse mais? É o convite que o senhor faz ao servo para regozijar-se na sua presença.

Na tradução mais literal seria: “compartilha do gozo do teu senhor”. Gozo *χαράν* (*charan*) é mais que uma grande alegria; é um estado contínuo de quem vive eternamente numa festa. Aqui podemos entender porque muitas vezes o Céu é comparado a uma festa.

V - 22 O que recebeu dois talentos, adiantou-se também e disse: “Senhor, confiaste-me dois talentos; eis aqui os dois outros que lucrei”.

Também esse servo apresenta seus talentos multiplicados, por isso, com a mesma determinação que o primeiro, aproxima-se do seu senhor.

V – 23 Disse-lhe seu senhor: “Muito bem, servo bom e fiel; já que foste fiel no pouco, eu te confiarei muito. Vem regozijar-te com teu senhor”.

Apesar de parecer muito aos olhos humanos o que o Senhor confiou ao servo, nada se compara ao gozo de poder habitar por toda a eternidade ao Seu lado. Disso nos fala o salmista: *“Felizes os que habitam vossa casa; para sempre haverão de vos louvar”* (Sl 83,5).

V - 24 Veio, por fim, o que recebeu um só talento: “Senhor, disse-lhe, sabia que és um homem duro, que colhes onde não semeaste e recolhe onde não espalhaste”.

Vamos explicar parte por parte o enunciado aqui, de maneira detalhada, a fim de que tenhamos clareza do mesmo, haja visto, que para muita gente ele não goze de fácil entendimento.

a) *Veio o que recebera um talento*: No início da parábola precisamente no versículo 15, vimos que os talentos foram dados de acordo com a capacidade de cada um. Disposto desta maneira, o senhor evitaria que os servos pudessem reclamar porque uns receberam mais que os outros. Por outro lado, ao confiar um talento a esse servo, o senhor por conhecer suas limitações, tinha esperança de que conseguiria com uma grande probabilidade, negociá-lo. Percebemos assim, que a atitude do senhor para com aquele servo era a melhor possível, por isso, o que queria era somente ajudá-lo.

b) *Sabia que és um homem duro*, do grego *σκληρός* (*Skleros*=severo).

Isso revela a errada imagem que aquele homem tinha do seu senhor. Por causa dessa terrível imagem é que vai proceder de maneira incorreta. Aquele servo não é mau, como já vimos. O problema é que tudo o que faz, diferente dos dois primeiros que tudo fazem por amor, o faz por temor, no sentido aqui de medo de ser punido por esse “Deus” severo e castigador que Ele próprio criou.

c) A expressão “*colhes onde não semeaste e recolhes onde não espalhaste*” é um adágio popular para se referir àquela pessoa que no tempo da colheita, colhe onde outrora jogara a palha fora, ou seja, a palha jogada continha sementes que cresceram e no tempo da colheita produziram frutos. O servo utiliza deste ditado para reforçar ainda mais a imagem da severidade do seu senhor. Na sua concepção o seu senhor é um tirano, pois, “exige aquilo que ele não fez”. Além de nada ter feito, o servo ainda joga toda a culpa no seu senhor.

V – 25 “Por isso, atemorizado fui esconder teu talento na terra. Eis aqui, toma o que te pertence”.

Na cabeça daquele servo a única coisa que ele deveria fazer era guardar o que pertencia ao seu senhor. Contanto que entregasse intacto o que lhe fora confiado, tudo estaria bem.

É claro, que Jesus está se referindo aqui a Israel e as suas autoridades religiosas que tinham uma postura jurídicista e rubricista da lei e que não foram capazes de enxergar a novidade do Reino que o Messias trouxera. Quantas vezes, também nós nos comportamos da mesma maneira. Quantas frases já não escutei de pessoas de comunidades que me diziam: “Aqui nós sempre fizemos assim e não é agora que vamos mudar”. Até mesmo nas coisas pequenas do tipo: “Nós sempre cantamos esses cantos; não podemos cantar outros. Sempre arrumamos a igreja deste jeito”, etc.

Não que tenhamos que correr atrás das “novidades”, mas, precisamos saber se, agindo assim, não estamos tendo a mesma postura desse servo.

V – 26 Respondeu-lhe seu senhor: “servo mau e preguiçoso! Sabias que colho onde não semei e que recolho onde não espalhei”.

Assim como o senhor da parábola foi capaz de reconhecer a bondade dos dois servos pelas suas atitudes, da mesma forma será capaz de reconhecer a maldade desse último servo também pelas suas ações.

Até então, a maneira de proceder daquele servo aparentemente parecia ser correta, porém, quando se inicia “a prestação de contas” o senhor o considera como sendo incorreta. Os dois termos que o senhor usa para classificar aquele servo são “*pomeré* e *okneré*” traduzido por *mau e preguiçoso*. Literalmente, também pode significar enfadado e letárgico o que quer dizer que seu julgamento se dará por não ter feito absolutamente nada. Para o senhor não basta manter as coisas como estão, é preciso ir além, como bem demonstraram os outros servos.

O senhor continua a sentença repetindo o mesmo adágio que o servo utilizou e a partir dela dá a sentença final.

V – 27 “Devas, pois, levar meu dinheiro aos banqueiros e à minha volta eu receberia com os juros o que é meu”.

Ao usar do próprio argumento do servo, o seu senhor estava revelando que ele era mentiroso e que não passava de um servo preguiçosos, pois se é verdade o que disse acerca do senhor, então, isso já seria motivo mais do que suficiente para entregar seu dinheiro aos negociantes, que pelo menos pagariam os juros devidos.

Os banqueiros eram nada mais que cambistas que ao efetuarem o câmbio das moedas cobravam uma taxa a qual pagavam seus investidores.

V – 28 “Tirai-lhe este talento e dai ao que tem dez”.

O senhor quer demonstrar com isso, que aquele que fora capaz de multiplicar os cinco talentos em dez, seria capaz de fazer multiplicar mais este, como nos dirá o próximo versículo.

V -29 “Dar-se-á ao que tem e terá em abundância. Mas ao que não tem, tirar-se-á mesmo aquilo que julga ter”.

Enquanto é dado em abundância ao servo que soube administrar bem o que lhe fora confiado, é tirado daquele que não soube, até aquilo que ele julga ser dele, que não fora lhe dado pelo senhor. Diz um antigo provérbio judeu que: *“o que não aumenta, diminui”*.

V – 30 “E a esse servo inútil jogai-o nas trevas exteriores: Ali haverá choro e ranger de dentes”.

A conclusão é semelhante a parábola das bodas. O servo, considerado inútil por nada ter feito é lançado fora do gozo eterno, dado pela companhia do seu senhor. As três palavras em destaque dirão a desesperadora situação em que viverá: trevas, choros e rangidos.

O Bom Samaritano

Lc 10,25-37

²⁵*Levantou-se um doutor da lei e, para pô-lo à prova, perguntou: “Mestre, que devo fazer para possuir a vida eterna”* ²⁶*Disse-lhe Jesus: “Que está escrito na lei? Como é que lês?”* ²⁷*Respondeu ele: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu pensamento (Dt 6,5); e a teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19,18).* ²⁸*Falou-lhe Jesus: “Respondeste bem; faze isto e viverás”.* ²⁹*Mas ele, querendo justificar-se perguntou a Jesus: “E quem é meu próximo?”.*

³⁰*Jesus então contou: “Um homem descia de Jerusalém a Jericó e caiu nas mãos de ladrões, que o despojaram; e depois de o terem maltratado com muitos ferimentos, retiraram-se, deixando-o meio morto.* ³¹*Por acaso desceu pelo mesmo caminho um sacerdote, viu e passou adiante.* ³²*Igualmente um levita, chegando àquele lugar, viu-o e passou também adiante.* ³³*Mas um samaritano que viajava, chegando àquele lugar, viu-o e moveu-se de compaixão.* ³⁴*Aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando*

nelas azeite e vinho; colocou-o sobre a sua própria montaria e levou-o a uma hospedaria e tratou dele. ³⁵*No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: ‘Trata dele e, quanto gastares a mais, na volta to pagarei’.* ³⁶*Qual destes três parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões?”* ³⁷*Respondeu o doutor: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”. Então Jesus disse: “Vai, e faz tu o mesmo”.*

V - Levantou-se um doutor da lei e, para pô-lo à prova, perguntou: “Mestre, que devo fazer para possuir a vida eterna?”.

A passagem paralela a essa do Evangelho de Marcos (12,28-34) diz que ele era um escriba, ou seja, um estudioso das leis. Ele se aproxima de Jesus não com a intenção de aprender algo, mas somente para pô-lo à prova ou, conforme diz o texto, de tentá-lo. No Evangelho de Mateus vamos encontrar a razão pela qual age assim. Quando os fariseus ficaram sabendo que Jesus fizera calar os saduceus, reuniram-se todos a fim de tramarem contra Jesus. A conclusão da reunião era a que deveriam fazer com que Jesus fosse desacreditado pela multidão, mostrando que Ele não era qualificado para interpretar a lei e que suas ideias eram heréticas e dignas de condenação (Mt 22,34ss). A pergunta que o doutor da lei faz, equivale a mesma pergunta feita nos textos de Marcos e Mateus: “Mestre, qual é o maior de todos os mandamentos da lei?” Aparentemente a pergunta é simples, mas a resposta não o é. Havia diversas disputas entre os judeus para saber qual o maior dos mandamentos e qual deles é o que garante com exatidão a vida eterna. Não esqueçamos que havia na época seiscentos e treze preceitos que deveriam ser observados. Jesus poderia, ao citar qualquer um deles, abrir espaço para uma grande polêmica que era justamente o que Seu inquisidor esperava. Como doutor da lei, ele sabia do clima de disputas que havia entre as diversas escolas judaicas e que entre eles não haviam nenhum consenso.

V – 26 Disse-lhe Jesus: “Que está escrito na lei? Como é que lês?”.

Jesus devolve a pergunta para Seu interpelador que imediatamente responde, ufanando-se para si e para os que o rodeiam, a demonstração de que é um profundo conhecedor da lei.

V – 27 Respondeu ele: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu pensamento e a teu próximo como a ti mesmo”.

O doutor da lei responde à questão fundindo dois textos: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças”(Dt 6,5) e “Amarás a teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19,18). Nos paralelos de Mateus e Marcos é Jesus quem dá tal resposta.

V – 28 Falou-lhe Jesus: “Respondeste bem: faz isto e viverá”.

A resposta de Jesus não só pretendia dar um fim à discussão como também mostrar para o escriba que não bastava conhecer a lei para herdar a vida eterna. Era preciso antes de tudo, vivê-la. A lei para Jesus não aponta unicamente para o que devemos fazer – essa é uma interpretação legalista da lei – mas para o que devemos ser. O doutor da lei quando fez a pergunta a Jesus, tinha na sua cabeça somente esse aspecto legalista: “o que devo fazer...”

V – 29 Mas ele querendo justificar-se perguntou a Jesus: “E quem é o meu próximo?”.

O doutor da lei não se contentou com a resposta de Jesus. Ele estava ali para desacreditá-lo e iria até o fim no seu propósito. Sua mente fica procurando outra questão para intimidar Jesus. É quando pergunta sobre quem é o próximo do qual fala o mandamento. Essa era outra questão que estava em aberto e que era motivo também de controvérsia. Para muitos judeus, escribas e fariseus, o próximo era justamente aquele que não pertencia ao judaísmo e que praticava a lei, por isso, detestavam os pecadores e pagãos.

V – 30 Jesus então contou: “Um homem descia de Jerusalém a Jericó e caiu nas mãos de ladrões, que o despojaram; e depois de o terem maltratado com muitos ferimentos, retiraram-se, deixando-o meio morto”.

Vinte e sete quilômetros separavam Jericó de Jerusalém. A estrada era toda descendente, cerca de mil e quarenta metros. Por ser uma cidade considerada “turística” era comumente visitada, o que tornou suas estradas bastante propícias aos assaltos. Isso era tão evidente que ela ficou conhecida como “caminho sangüinário”. Eis o porquê da cena que nos é mostrada logo no início da parábola.

V – 31 Por acaso desceu pelo mesmo caminho um sacerdote, e vendo-o passou longe.

O sacerdote era uma figura proeminente no judaísmo. Descendentes de Aarão foram designados pelo próprio Deus para cuidarem do serviço do Santuário e do altar. Eram os únicos que poderiam aproximar-se do Santo dos Santos (Nn 18,1-19).

Era de se esperar, portanto, desse sacerdote que continuamente vive na presença de Deus que, movido por uma enorme compaixão, socorreria aquele pobre homem que ofegante jazia como semimorto à beira do caminho. Entretanto, não é o que acontece. Diz o texto que vendo-o, ele se desvia e passa ao lado. Um detalhe importante que não pode passar despercebido é que ele também “descia”, ou seja, não estava indo exercer suas funções sacerdotais já que essas, ele exercia em Jerusalém que estava situada no alto. Provavelmente estava indo regozijar-se nas termas de Jericó.

V – 32 Igualmente um levita, chegando aquele lugar, viu-se e passou também adiante.

Os levitas, assim como os sacerdotes, eram homens descendentes da tribo de Levi, designados para auxiliarem os sacerdotes no serviço do templo. Cuidavam do tabernáculo, dos sacrifícios, etc (Nm 18,21-32).

Imaginemos, quem sabe, alguns fariseus e doutores que escutavam Jesus, conjeturarem: “Esse agora vai ajudar, pois é um homem de Deus”. A mesma cena, porém, acontece; vê a dramática situação daquele homem a gemer e apressa o passo para ir adiante.

V – 33 Mas um samaritano que ia de viagem, chegou perto dele, vendo-o, moveu-se de compaixão.

Um samaritano! A simples pronúncia desse nome já seria suficiente para deixar os ouvintes de Jesus espantados. Não é à toa que Jesus utilizou-se da imagem do samaritano para ensinar quem verdadeiramente é o próximo. Os judeus odiavam os samaritanos. Acusavam-nos de impuros e apóstatas por terem se misturados com outros povos, por não adorarem a Deus em Jerusalém, mas no Garizim e por não aceitarem os profetas. O próximo é aquele dos quais os judeus não estavam próximos.

O clima era de total silêncio e apreensão. Todos estavam atônitos, esperavam tudo, menos isso. Uma vez mais Jesus cala os doutores da lei. Eles não podiam acreditar no que ouviam. Chegaram ali para “desmascarar” Jesus e acabaram sendo por Ele, desmascarados. Se não bastasse um samaritano ser o “herói” da história, suas consciências os acusavam mais ainda porque aquele homem que o sacerdote e o levita não ajudou, provavelmente era um dos seus: um judeu.

Que belo gesto do samaritano. Diz o texto que ele, como os outros dois da parábola o vê, só que longe de repetir a atitude deles, se compadece, ou seja, se coloca no lugar dele, sente suas dores, seus sofrimentos, a situação de abandono em que se encontra, condenado a morrer.

A compaixão nos torna próximos de quem há poucos minutos antes, não passava para nós de um estranho.

V – 34 Aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho; colocou-o sobre a sua própria montaria e levou-o a uma hospedaria e tratou dele.

Aproximando-se, ou melhor, fazendo-se próximo. Aparentemente parece uma equivalência de palavras, mas se bem notarmos, a ação de se fazer próximo revela um desejo interior da pessoa de não esperar que os outros se aproximem, mas que ela tome a decisão de primeiro aproximar-se. Tornar-se próximo é a primeira ação de quem ama. A segunda é a de tocar, como também nos ensina o bom samaritano. Ele toca em cada uma de suas feridas que, àquelas alturas já deveriam ter se tornado uma crosta misturada com areia e pedras do caminho. Com o vinho ele desinfeta-as e com o azeite alivia as inflamações. O bom samaritano nos ensina que não precisamos ser médicos, nem assistentes sociais e nem mesmo especialistas em nada para fazermos o bem. Para a maioria desses profissionais, a vida dos que sofrem é um meio de trabalho, de ganhar dinheiro, até de enriquecer-se; para nós, porém, é a finalidade última. Basta nos

aproximarmos e tocarmos o outro que sofre. O amor à vida não pode esperar o excesso de burocracias que dificultam até mesmo uma vaga num hospital para um pobre que está morrendo. O bom samaritano nos impulsiona a termos pressa. Uma vida pode ser salva até mesmo por um simples curativo; por uma gratuita aproximação. Não é um lugar, mas é o amor que nos faz próximos do outro.

Falo com propriedade dessa parábola, não só teoricamente, mas como alguém que recebeu na alma o carisma de ser samaritano. Esse é o texto evangélico inspirador de nossa pequena Fraternidade. Através dele descobrimos que para fazer o bem não precisamos de muitas estruturas: Hospitais, asilos, creches, escolas, centros comunitários. Basta paramos em qualquer esquina, rua, praça, viaduto, até mesmo dentro de um ônibus, no farol, em frente a nossa casa. Movermos os lábios para cima desenhando um sorriso e nos aproximarmos, que sempre terá alguém necessitando com urgência de nós. Nos diz Madre Teresa de Calcutá que a pior das doenças é a indiferença.

Apesar de todo o cuidado e atenção, o samaritano percebe que a situação daquele homem é bastante grave e que precisará de maiores cuidados. Esquecendo-se de si mesmo e das suas ocupações, coloca-o em sua montaria e o leva consigo.

O samaritano vê a vida daquele homem como a sua finalidade última, por isso, é capaz de deixar em segundo plano os seus interesses particulares, até suas próprias comodidades, pois ao colocar o homem sobre o seu cavalo, tudo indica que ele foi a pé, correndo perigo, pois, indo num ritmo mais lento ele poderia também ser assaltado.

V – 35 No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo-lhe: “Trata dele e quanto gastares a mais, na volta te pagarei”.

O samaritano mesmo cansado – pois tivera que andar a pé desde o lugar onde socorrera o homem ferido e que com certeza não era perto da cidade, pois não aparecera nenhum guarda para prender os assaltantes - passa a noite acordado cuidando de suas feridas, vendo-o delirar de febre e generalizada dor. O estrago que lhe fizeram era grande; diz o texto no versículo 30 que eram vários ladrões.

Por fim, o dia amanhece; passou a febre e ele já voltou à sua consciência. Ficara espantado por saber de tudo o que aquele bom homem fizera por ele e mais ainda quando viu que se tratava de um samaritano. Sua cura não tinha sido somente do corpo, mas, também da alma, pois pudera experimentar que o amor ao próximo está acima de todas as diferenças.

A impressão que nos dá é que seu amor não tem fim. Decerto, a medida do amor é não ter medida. Paga as despesas, dando além do que gastara e ainda dá a garantia de pagar as que forem contraídas durante a sua ausência. Com isso, espantara também o dono da hospedaria que provavelmente já o conhecia – por esse motivo é que confia na sua palavra – e sabia que aquele homem ferido não era nenhum conhecido seu. Eis aí o extremo do amor sem medida que é com o qual Deus nos ama, origem do nosso carisma e da razão de ser de nossa pequena Fraternidade. Amar quem não conhecemos, com quem não temos nenhum tipo de parentesco, nem laços sanguíneos, nem de amizade. A parábola do bom samaritano nos empurra para um amor que não tem motivações

humanas: te amo porque é meu filho, minha esposa, meu sobrinho; te amo porque é meu melhor amigo; te amo porque somos membros da mesma comunidade. O verdadeiro amor ama porque ama. Não para cumprir um dever, uma lei, uma norma como pensava o doutor da lei. O amor faz o bem sem olhar a quem.

V – 36 “Qual destes três parece ter sido próximo daquele que caiu nas mãos de ladrões?”.

A pergunta de Jesus inverte a situação. Aquele doutor foi ter com Jesus, para que com todo o seu conhecimento na lei, poder desmascará-lo, acusá-lo de heresia. Agora é Jesus que o desmascara e o faz rever a interpretação legalista que faz da lei.

V – 37 Respondeu o doutor: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”. Então Jesus lhe disse: “Vai tu e faze o mesmo”.

Imaginemos a cara que aquele doutor da lei fizera antes de responder a Jesus. Deve ter olhado para um lado e para o outro, para ver se algum dos seus colegas poderia lhe ajudar, mas o que viu foi cada um baixando a cabeça. Não lhe restava outra saída a não ser responder. Sua resposta o desmascarara, pois ao admitir que foi aquele que usou de misericórdia, não pronuncia o nome samaritano. Sabia agora quem era o seu próximo, mas nem por isso, estava disposto a “se fazer próximo” e amá-lo. Sem dúvida ele também agiria como o sacerdote e o levita da parábola. Jesus é claro, sabe disso e é por isso que diz: “vai e faze o mesmo”.

O Homem Rico Lc 12,13-31

¹³Disse-lhe então alguém do meio do povo: “Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança”. ¹⁴Jesus respondeu-lhe: “Meu amigo, quem me constituiu juiz ou árbitro entre vós?” ¹⁵E disse então ao povo: Guardai-vos escrupulosamente de toda a avareza, porque a vida de um homem, ainda que ele esteja na abundância, não depende de suas riquezas”.

¹⁶E propôs-lhe esta parábola: “Havia um homem rico cujos campos produziam muito. ¹⁷E ele refletia consigo: Que farei? Porque não tenho onde recolher a minha colheita. ¹⁸Disse então ele: Farei o seguinte: derrubarei os meus celeiros e construirei maiores; neles recolherei toda a minha colheita e os meus bens. ¹⁹E direi à minha alma: ó minha alma, tens muitos bens em depósito para muitíssimos anos; descansa, come, bebe e regala-te. ²⁰Deus, porém, lhe disse: Insensato! Nesta noite ainda exigirão de ti a tua alma. E as coisas que ajuntastes, de quem serão? ²¹Assim acontece ao homem que entesoura para si mesmo e não é rico para Deus”.

V – 13 Disse-lhe então alguém do meio do povo: “Mestre, diz a meu irmão que reparta comigo a herança”.

É provável que a pessoa que fala do meio da multidão seja um irmão, o mais novo, que diante da morte do pai pede que o irmão mais velho que ficou com a herança, dê logo a sua parte. Podemos conjecturar que o irmão mais velho ainda não tenha dado, por achar o mais novo muito irresponsável ou ainda que tendo repartido a herança, o mais novo não tivesse concordado com a parte que lhe tenha sido oferecida.

V – 14 Jesus respondeu-lhe: “Homem, quem me constituiu juiz ou árbitro entre vós?”

A resposta de Jesus tem por base as seguintes explicações:

- De que Jesus não era como os rabinos e escribas que além de regularem o cumprimento da religião, resolviam também os problemas civis, éticos e criminais.
- De que Jesus não era a imagem do Messias legislador que Israel esperava.

V – 15 E disse então ao povo: Guardai-vos escrupulosamente de toda a avareza, porque a vida de um homem, ainda que ele esteja na abundância, não depende de suas riquezas”.

Jesus ao mesmo tempo que responde àquele homem que reconhece como sendo avarento, aproveita também para ensinar a toda multidão que lhe rodeia.

Esse versículo serve de introdução para a parábola que Ele vai contar, assim como, de sua própria conclusão: a vida de uma pessoa, ao contrário do que muitos pensam, não pode ser medida e nem depende das riquezas, dinheiro ou bens que possui.

As riquezas podem comprar mansões, carros importados, viagens, grifes, cirurgias plásticas, mas não pode comprar a vida, nem essa e nem a outra que virá. A riqueza tem sido uma das grandes causas da perda dessa vida e da eterna.

V – 16 E propôs-lhes esta parábola: “Havia um homem rico cujos campos produziam muito”.

Isso demonstra que aquele homem enriqueceu de forma legítima, como se diz por aí; trabalhando honestamente. Não é à toa que Jesus escolhe justamente a imagem de um bom rico. Com isso, Ele quer nos dizer que não é somente a riqueza fruto da cobiça que leva à perdição, mas, também aquela que considerava legítima, do ponto de vista humano.

V – 17 E ele reflete consigo: “Que farei? Porque não tenho onde recolher a minha colheita!”.

Com certeza poderíamos objetivar o que acima fora dito de que, até mesmo a riqueza adquirida honestamente levaria à perdição. Dá a impressão de que basta ser rico para já ser excluído do paraíso. Poderíamos responder tal questão com a famosa passagem, de Mt 19,24, mas vamos deixar que o próprio rico da parábola responda para nós.

Quando o versículo nos diz que o rico refletia consigo mesmo, ele está querendo dizer que o rico estava “martelando a cabeça” para saber o que poderia fazer para aumentar suas posses e seus bens. Toda sua preocupação girava em torno do que fazer para enriquecer ainda mais.

Notemos que seu diálogo é na verdade um monólogo – consigo mesmo. Anos de “trabalho pesado” para enriquecer tornaram-no egoísta. Não conseguiu pensar em ninguém a não ser em si mesmo; nem sequer passou por sua cabeça que poderia distribuir, nem que fosse o excedente para os pobres. Sabia que a riqueza lhe proporcionaria todo tipo de conforto e prazer e se a aumentasse, poderia ter o mundo aos seus pés.

É nessa mentalidade ilimitada do ter mais e mais, que reside a condenação de não poucos ricos.

V – 18 Disse, então, ele: “Farei o seguinte: derrubarei os meus celeiros e construirei maiores; neles recolherei toda a minha colheita e os meus bens”.

Por quatro vezes ele pronuncia o pronome possessivo ‘meu/minha’. De fato, aquele homem achava que tudo o que tinha conseguido fora atribuído a ele mesmo, e que isso dava-lhe o direito de ser o “dono de tudo”. Precisava aumentar suas riquezas, expandir seus negócios a qualquer custo.

V – 19 “E direi à minha alma: Ó minha alma, tens muitos bens em depósito para muitíssimos anos; descansa, come, bebe e regala-te”.

Aqui o rico deixa transparecer a mais tola das ideias, a de que suas riquezas poderiam trazer a felicidade a sua alma e que poderia viver muitos anos como se a vida também fosse uma propriedade sua, que ele a controlaria como fazia com os seus bens. É certo que o dinheiro traz essa falsa ilusão. As pessoas que estão tão presas aos bens materiais – mansões, roupas, joias, carros, dinheiro, etc – sentem uma enorme dificuldade em pensar nas coisas celestiais. Suas mentes não aprenderam a abstrair, sair de si e das coisas que as cercam. Só sabem adquirir, investir e possuir.

V – 20 Deus, porém, lhe disse: “Insensatos! Nessa noite ainda exigirão de ti a tua alma. E as coisas que ajustastes de quem serão?”.

Alguns traduzem *ατμορ* (atmor) do grego, por louco, entretanto, a palavra insensato está mais de acordo com o contexto da parábola.

Quando Deus se dirige àquele homem rico, ele está em seu perfeito juízo. Era possuidor de uma perspicaz inteligência, pois de outro modo não poderia ter enriquecido. Não! Verdadeiramente ele não era louco, o que lhe faltou, foi sensatez.

- Gastara sua vida pensando como enriquecer cada vez mais;
- Considerava-se o único responsável por tudo o que tinha adquirido;
- Achava que, por ter conseguido tudo honestamente, isso lhe dava o direito de acumular sem jamais dividir;

- Pensava que quanto mais bens possuísse, mais feliz seria;
- Preso aos “bens dessa vida”, “se esquecera” de que era um ser finito e que um dia iria morrer.

V – 21 Assim acontece ao homem que entesoura para si mesmo e não é rico para Deus.

Para Jesus é impossível que alguém que só pense unicamente no seu próprio bem-estar, que só viva para ter mais e muitas vezes a custa de quem nada tem, cuja única preocupação é o possuir ilimitadamente sem nada repartir, tenha parte no seu Reino.

Na continuação do capítulo, dos versículos 22 ao 34, Jesus aprofundará ainda mais esse tema ao dirigir-se aos seus discípulos. Vale a pena lê-lo por completo.

A Figueira Estéril

Lc 13,6-9

⁶Disse-lhes também esta comparação: “Um homem havia plantado uma figueira na sua vinha, e, indo buscar fruto, não o achou. ⁷Disse ao viticultor: eis que três anos há que venho procurando fruto nesta figueira e não o acho. Corta-a: para que ainda ocupa inutilmente o terreno? ⁸Mas o viticultor respondeu: “Senhor, deixa-a ainda este ano; eu lhe cavarei em redor e lhe deitarei adubo.

⁹Talvez depois disto dê frutos. Caso contrário, cortá-la-ás”.

V – 6 E passou a narrar esta parábola: “Um homem havia plantado uma figueira na sua vinha e indo buscar fruto não o achou”.

Em outra parábola Jesus comparou Israel a uma vinha (Mt 21,33-41). Aqui, Ele a compara a uma figueira que deveria produzir abundantes e saborosos frutos, pois, já estava passando do tempo.

V – 7 Disse ao viticultor: eis que três anos há que venho procurando fruto nesta figueira e não o acho. Corta-a: para que ainda ocupa inutilmente o terreno?

Indignado pela improdutividade daquela figueira o proprietário chamou o viticultor e pede que ele a corte, pois, ela além de estar ocupando inutilmente a terra, está ocupando o lugar de uma outra que poderia aí ser plantada e produzir frutos. A figueira não fora plantada para produzir somente folhas e fazer sombra; fora plantada para produzir frutos comestíveis. Se não o faz, para nada serviria.

O dono da figueira é Deus, o viticultor é Jesus. Os três anos são uma alusão aos anos da vida pública de Jesus em que Ele tentou, de todas as maneiras, fazer com que Israel produzisse os frutos para os quais fora escolhida.

Podemos notar que a figueira fora plantada há mais tempo. A esperança do dono era de que, com esse novo viticultor, ela pudesse ir para frente. Como Israel, com o qual Deus

fizera desde muito tempo uma aliança, para quem havia enviado os patriarcas, os juízes, os profetas e nada de se “endireitar”, por fim enviou seu próprio Filho com a esperança de que, com Ele as coisas mudariam.

V – 8 Mas o viticultor respondeu: “Senhor, deixa-a ainda este ano; eu lhe cavarei em redor e lhe deitarei adubo”.

Ninguém estaria mais interessado que a figueira desse fruto que o próprio viticultor. Afinal, era ele que todos os dias pessoalmente cuidava dela.

Cavar ao redor da planta para colocar adubo é uma prática bastante usada até hoje, e é de supor que esta teria sido a primeira coisa que o viticultor fizera quando fora ali trabalhar.

É de se concluir, portanto, que esse tempo que ele pedia, expressa mais o seu cuidado pela figueira do que a possibilidade dela frutificar.

V – 9 “talvez depois disto dê frutos. Caso contrário, cortá-la-ás”.

Esse “talvez” usado pelo viticultor reflete bem o que acabamos de dizer acima. Não é de se estranhar essa atitude de Jesus. Ele é assim. Mesmo quando não há nenhuma possibilidade e todas as tentativas já foram feitas, mesmo assim Ele continua acreditando, insistindo, fazendo o impossível para que no tempo certo, produzamos frutos.

Por fim, o viticultor lidando com a possibilidade de que a figueira não frutifique, deixa a cargo do próprio dono o seu corte. O julgamento final será feito pelo próprio Pai.

A Ovelha Perdida

Lc 15,1-7

¹Aproximavam-se de Jesus os publicanos e os pecadores para ouvi-lo. ²Os fariseus e os escribas murmuravam: “Este homem recebe e come com pessoas de má vida!”

³Então lhes propôs a seguinte parábola: ⁴“Quem de vós que, tendo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la? ⁵E depois de encontrá-la, a põe nos ombros cheio de júbilo, ⁶e, voltando para casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: regozijai-vos comigo, achei a minha ovelha que se havia perdido. ⁷Digo-vos que assim haverá maior júbilo no céu por um só pecador que fizer penitência do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento”.

V - 1 Os coletores de impostos e os pecadores se aproximavam dele para ouvi-lo.

Se assim o faziam é porque se sentiam acolhidos. Atomizados e excluídos de seu mundo, o que mais um pecador deseja, é poder ter a chance de recomeçar. Sabemos por outros textos (Mt 21,31), que cobradores de impostos (publicanos) e os pecadores (entre eles destacamos as prostitutas) eram pessoas abominadas pelos fariseus. Estes negavam

até mesmo a possibilidade de se arrependerem. Imaginem a raiva que não sentiam ao vê Jesus lhes dizendo que estes chegariam primeiro no Reino dos céus.

V – 2 E os fariseus e os escribas murmuravam dizendo: “Este homem recebe pecadores e come com eles”.

Este versículo deixa bem claro quais são os destinatários da missão de Jesus: os pecadores, os pobres, os leprosos, os doentes, os contaminados. Todos aqueles que a “lei” não permitia nenhum tipo de aproximação, eram os que Jesus mais se relacionava, conforme nos ensinam os textos evangélicos. Por causa de tal atitude, Seu ministério foi alvo de ferrenhas críticas e perseguições violentas.

A parábola da ovelha perdida demonstra assim como tantas outras, que “o perdido” tem valor inestimável para Jesus.

V – 3 Então Ele lhes disse essa parábola.

V – 4 Quem de vós que, tendo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la?

A primeira coisa que aqui destacamos é o número considerável de ovelhas. O que nos leva a afirmar que o proprietário de tal rebanho é um homem abastado. Uma ovelha que se perdesse poderia até passar despercebida, por ser o rebanho tão numeroso. Poderíamos ainda colocar a questão de outro modo: Já que eram tantas, que falta faria uma que se extraviasse? Não seria de grande prejuízo.

Assim, como a relação diária do pastor com suas ovelhas fez com que ele as conhecesse uma por uma, assim também é a relação de Deus para conosco. Não somos apenas “números”. Ele nos conhece a cada um pelo nome. Somos filhos bem amados, únicos para Deus. O Seu desejo é que nenhum de nós se perca. Seu cuidado para conosco é tão grande que como o pastor da parábola, Ele deixa as noventa e nove e sai a procura da única que se perdesse. É interessante notar que, o pastor larga as noventa e nove sozinhas no deserto. A reação do pastor quando, ao final da tarde, no momento de guardar as ovelhas no aprisco, percebe que uma está faltando; é de perder a cabeça. Imaginemos a aflição do pastor contando: 96, 97, 98, 99...??? *“Não pode Ser! Esta faltando uma! O que aconteceu? E foi justamente a Naná, a mais teimosa de todas”.*

Tomado por um impulso, ele deixa as noventa e nove no deserto, já quase noite, sozinhas, a mercê do lobo e de roubos e vai salvar a que se perdesse. Poderíamos nos perguntar o que levou tal ovelha a se extraviar. Sabemos que diferente dos outros animais como o boi, cavalos, etc, a ovelha segue o pastor para o lugar onde devem pastar. Por isso, dificilmente uma se perderia. Com isso, Jesus quer mostrar que a ovelha poderia se extraviar unicamente porque assim quisera.

É o que acontece conosco. Somos aquela ovelha que um dia resolveu caminhar sozinha. As razões para isso são muitas: decepções sofridas, autossuficiência, sedução, ignorância.

Para o pastor não é fundamental a razão, o porquê da ovelha ter se desviado do rebanho. Para ele não importa porque nos desviamos do caminho. Como o pastor, o essencial é nos resgatar; é resgatar a ovelha.

Como dissemos, a noite já chegara e o pastor incansável procura sua ovelha de um lado para o outro. Por sua cabeça passa um turbilhão de ideias: Será que já está morta? Fora devorada por um lobo ou caíra no precipício? Ele, porém, não desiste e grita cada vez mais forte: - “Naná! Naná!”. De repente, escuta um barulho bem longe, quase inaudível. Ele conhecia aquela voz. Era Naná, finalmente a encontrara.

V – 5 E achando-a, coloca-a sobre os ombros, cheio de alegria.

Para mim, esse é um dos mais belos versículos bíblicos. Ele nos revela o que Deus é capaz de fazer por amor a nós.

Imaginemos a cena:

O pastor encontra a ovelha; ela está cansada e ele também. Caíra numa fenda entre as rochas e, de tanto se debater está machucada e ensanguentada. Apressadamente ele desce até ela e com todo cuidado a retira do buraco e a coloca sobre os ombros.

Da mesma forma Deus age conosco. Deus se abaixa até onde nós estamos; nos abismos, lamaçais, até mesmo no inferno e com toda delicadeza nos retira. Como o pastor, Ele não nos acusa, jogando os erros em nossa cara. No mínimo pensávamos que Ele nos colocaria em Seus braços, mas para nossa surpresa ele nos coloca nos ombros, mostrando assim que aquele que um dia descera aos abismos do pecado, agora como lâmpada colocada no alto, (Mt 5,15) brilha para que todos vejam e se admirem: “Mas esse não era fulano, que só vivia nos botecos enchendo a cara? Essa não era cicrana que saía com todos os homens da vila? Esse não era beltrano que traía sua esposa?”.

Digo-vos que o maior espetáculo que podemos oferecer ao mundo é a nossa conversão. O Reino e a Igreja urgem por almas convertidas que possam ser no mundo um sinal visível da infinita misericórdia de Deus.

V – 6 De volta a casa, reúne seus amigos e vizinhos e lhes diz: “Alegrai-vos comigo, pois eu reencontrei a minha ovelha que estava perdida”.

Se no versículo quatro, o que predomina é a alegria do pastor, neste versículo predomina a alegria dos vizinhos. De fato, o céu faz festa por uma alma que outrora estivera perdida. Não esqueçamos que, diferente de nossas festas que são momentâneas, a festa no céu é eterna e se assim o é, o céu comemora ainda hoje, com a mesma intensidade a nossa volta para os ombros do Bom Pastor.

Que bela cena! O pastor conduzindo a ovelha, não para o “curral” mas para sua própria casa como nos diz o versículo acima; “*de volta para casa*”. É Deus que nos leva para sua própria habitação, para junto de si e aí nos trata com todo cuidado e carinho. Só nos manda de volta ao rebanho, quando tem certeza que já estamos curados.

Outro detalhe é o pronome possessivo com o qual o pastor se refere à ovelha: “minha”, o que demonstra como são fortes os laços que nos unem a Deus. Mesmo quando

estamos “perdidos” não deixamos de pertencer a Ele. Somos Seus! Foi Ele quem nos fez e Seu amor por nós é persistente mesmo quando dEle nos distanciamos.

Dizia o grande doutor da Igreja Santo Agostinho: *“Fizeste-nos Senhor para vós e nosso coração está inquieto enquanto não repousar em vós”*.

V- 7 Digo-vos que assim haverá maior alegria no céu por um só pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.

No grego a palavra para arrependimento é *μετανόια* (*metanóia*). É a junção de duas palavras no grego “*meta*” = além e “*nous*” = ideias. Arrepende-se é portanto, ir além das ideias, romper com os conceitos que tenho como certos e verdadeiro. É uma mudança total de mentalidade.

No decorrer de nossas vidas, vamos armazenando informações sobre o mundo que nos cerca, sobre as pessoas com as quais convivemos e sobre nós mesmos. Essas informações acumuladas vão formando os nossos princípios, através dos quais julgamos as coisas. Esse processo é feito inconscientemente, nem nos damos conta. Nunca nos perguntamos por que gostamos de algumas coisas e de outras não; de praticarmos algumas determinadas ações e outras não; de conceituarmos certas coisas como boas e outras não; simplesmente escolhemos umas coisas e outras não. se parássemos um pouco para refletir, perceberíamos que se assim agimos é por causa desses princípios que ao longo da vida fomos acumulando.

Jesus sabia disso e por isso mesmo, várias vezes nos convida ao arrependimento, uma mudança de mentalidade daqueles princípios adquiridos e dogmatizados por nós como sendo únicos. A verdadeira conversão supõe uma nova maneira de pensar, de ver o mundo, os outros e nós mesmos. Sobre o prisma do Evangelho, Jesus pode nos ajudar a realizar isso, à medida que permitimos que Sua Palavra penetre em nós.

A Moeda Perdida

Lc 15,8-10

⁸Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas e perdendo uma delas, não acende a lâmpada, varre a casa e a busca diligentemente, até encontrá-la? ⁹E tendo-a encontrado, reúne as amigas e vizinhas, dizendo: Regozijai-vos comigo, achei a dracma que tinha perdido. ¹⁰Digo-vos que haverá júbilo entre os anjos de Deus por um só pecador que se arrependa”.

V – 8 “Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas e perdendo uma delas, não acende a lâmpada, varre a casa e a busca diligentemente, até encontrá-la?”.

Um dracma (moeda grega) equivaleria a um denário. Como vimos na parábola dos operários da vinha (Mt 20,1-15), um denário era o que se recebia durante todo um dia de trabalho. Geralmente era pago aos homens; as mulheres, as poucas que podiam trabalhar

ou conseguiam trabalho, com certeza ganhariam menos. As dez moedas que aquela mulher possuía era fruto suado e pesaroso de muito tempo de serviço e pela diligência com que sai à procura da moeda que se perdera, com certeza era tudo o que tinha. Sabia do valor que representava cada moeda e das duras penas que tivera que passar para ganhá-las.

Imaginemos a angústia que sentiu quando, ao conferir a economia de toda a sua vida, se deu conta que faltava uma moeda. A primeira atitude foi de se jogar ao chão e apalpar com as mãos o piso de barro, para procurar seu dracma perdido. Entre o pó e a pouca luz ela continuava sua busca. Nada conseguindo, acende uma candeia a fim de enxergar melhor, pois, a luz que entrava pela porta não era suficiente.

Esse detalhe atesta para o fato de que as casas dos pobres na Palestina geralmente não tinham janelas. De posse da vassoura, ela varre cuidadosamente centímetro por centímetro de sua casa até encontrá-la.

V – 9 E tendo-a encontrado, reúne as amigas e vizinhas, dizendo: “Regozijai-vos comigo, achei a dracma que tinha perdido”.

A alegria daquela mulher é tão grande que ela, não podendo contê-la só para si, reúne as amigas para compartilhá-la. Não esqueçamos que essa parábola foi contada para os fariseus, a fim de demonstrar para eles, o quanto os pecadores e publicanos eram queridos por Deus. Aquela moeda, mesmo perdida em meio ao pó, continuava sendo valiosa assim como o pecador que apesar da sujeira na qual se encontra é precioso aos olhos de Deus.

O valor da moeda se dava pelo fato de trazer impressa a imagem do Imperador, assim também é o homem, que mesmo com todos os pecados que carrega, jamais conseguirá eliminar o selo que traz de sua pertença a Deus.

Somos de Deus, pertencemos a Ele, quer queiramos ou não, quer pequemos ou não. Nada, absolutamente nada poderá mudar isso.

V – 10 “Digo-vos que haverá júbilo entre os anjos de Deus por um só pecador que se arrependa”.

A alegria por uma vida perdida que fora encontrada alegra tanto a terra como o céu. Uma vida, um só pecador é suficiente para fazer com que o céu, que já é uma eterna alegria, rejubile-se ainda mais. Que poder tem uma conversão! Ela é capaz de unir num único brado céus e terras, anjos e homens, santos e fiéis... O que você está esperando?

O Filho Pródigo **Lc 15,11-32**

¹¹Disse também: “Um homem tinha dois filhos. ¹²O mais moço disse a seu pai. Meu pai, dá-me a parte da herança que me toca. O pai então repartiu entre eles os haveres.

¹³Poucos dias depois, ajuntando tudo o que lhe pertencia, partiu o filho mais moço para um país muito distante, e lá dissipou a sua fortuna, vivendo dissolutamente.

¹⁴Depois de ter esbanjado tudo, sobreveio àquela região uma grande fome e ele começou a passar penúria. ¹⁵Foi pôr-se ao serviço de um dos habitantes daquela região, que o mandou para os seus campos guardar os porcos. ¹⁶Desejava ele fartar-se das vagens que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava.

¹⁷Entrou então em si e refletiu: “Quantos empregados há na casa de meu pai que têm pão em abundância...e eu, aqui, estou a morrer de fome! ¹⁸Levantar-me-ei e irei a meu pai, e dir-lhe-ei: Meu pai, pequei contra o céu e contra ti; ¹⁹já não sou digno de ser chamado teu filho. Trata-me como a um dos teus empregados”. ²⁰Levantou-se, pois, e foi ter com seu pai. Estava ainda longe, quando seu pai o viu e, movido de compaixão correu-lhe ao encontro, lançou-se lhe ao pescoço e o beijou. ²¹O filho lhe disse, então: “Meu pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho”. ²²Mas o pai falou aos servos: “Trazei-me depressa a melhor veste e vesti-lha, ponde-lhe um anel no dedo e calçado nos pés. ²³Trazei também um novilho gordo e matai-o; comamos e façamos festa. ²⁴Este meu filho estava morto e reviveu; tinha se perdido e foi achado”. E começaram a festa.

²⁵O filho mais velho estava no campo. Ao voltar e aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças. ²⁶Chamou um servo e perguntou-lhe o que havia. ²⁷Ele lhe explicou: “Voltou teu irmão. E teu pai mandou matar um novilho gordo porque o reencontrou são e salvo”. ²⁸Encolerizou-se ele e não queria entrar, mas seu pai saiu e insistiu com ele. ²⁹Ele, então, respondeu ao pai: “Há tantos anos te sirvo sem jamais transgredir ordem alguma tua, e nunca me destes um cabrito para festejar com meus amigos. ³⁰E agora que voltou este teu filho, que gastou os teus bens com as meretrizes, logo lhe mandaste matar um novilho gordo!”. ³¹Explicou-lhe o pai: “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. ³²Convinha, porém, fazermos festa, pois este teu irmão estava morto, e reviveu; tinha se perdido e foi achado”.

Estamos diante de uma das mais conhecidas parábolas bíblicas: a do filho que resolveu tomar sua parte na herança, deixar seu pai e botar o pé na estrada. Pelas atitudes que o filho teve, essa estória ficou conhecida como a parábola do filho pródigo.

Ela está em profunda continuidade com as parábolas da ovelha e da moeda perdida. O tema aqui é o mesmo; o grande amor de Deus por aqueles que são marcados pelo pecado.

Sua estrutura se divide em duas situações: a do filho pródigo propriamente dita – versículos 11-24 e a do filho mais velho – versículos 25-32.

V – 11 Disse também: “Um homem tinha dois filhos”.

Um mais velho e um mais moço. O mais velho é o tipo do filho responsável e obediente, enquanto que o mais moço é do tipo inconsequente e aventureiro.

Dois filhos, totalmente diferentes um do outro, embora tenham recebido do pai a mesma educação e o mesmo amor.

V – 12 O mais moço disse a seu pai: “Pai, dai a parte da herança que me toca. O pai então repartiu entre eles os seus haveres”.

Segundo a lei, o filho mais velho, por ser o primogênito deveria receber “uma porção dupla de todos os bens” do pai (Dt 21,17), ficando o restante, um terço no caso, para o filho mais novo. Entretanto, a herança só poderia ser repartida por ocasião da morte do pai: *“Somente no fim de tua vida, no momento da morte, distribuirás a tua herança”*(Eclo 33,24). Recomendava-se que enquanto o pai fosse vivo, jamais deveria repartir os seus bens, para que depois não se arrependesse e nem tampouco visse os filhos suarem seu nome (Eclo 33,20ss).

Ninguém poderia negar o fato de que o filho mais novo tinha por direito à herança do pai: não tinha, porém, direito de exigí-la enquanto seu pai ainda vivesse. O pai, diante de um filho rebelde, poderia até levá-lo ao tribunal da cidade que o condenaria a morte por apedrejamento, como se prescreve na lei (Dt 21,18-21). Dessa forma, era o pai quem possuía o direito, se o filho contra ele se rebelasse. Não é o que o pai faz aqui. Sem interpor-se, ele reparte sua herança com os filhos. No grego é muito forte a atitude do pai. A palavra “haveres”, os bens que o pai reparte é *Βιον* (Βίον) que significa vida, ou seja, o pai estava entregando mais que uma herança, estava entregando a sua própria vida, como Deus faz conosco.

V – 13 Poucos dias depois, ajuntando tudo o que lhe pertencia, partiu o filho mais moço para um país muito distante, e lá dissipou a sua fortuna, vivendo dissolutamente.

Os “poucos dias” é o tempo necessário para pegar o que lhe fora dado em herança e vender. O filho transparece aqui, aquilo que é bem próprio de muitos dos nossos jovens: o desejo de prematuramente ser o dono do próprio nariz e fazer o que bem deseja sem ter ninguém por perto que lhe possa impor limites ou fazê-lo refletir sobre seus atos. É por isso, que vai para bem longe do pai; um país distante e ao que tudo indica uma grande cidade da época, onde pudesse esbanjar com “liberdade” sua herança. A acusação do irmão mais velho, versículo 30 evidencia bem isso.

Imaginemos aquele jovem ainda imaturo, vislumbrando-se com o que a “cidade grande” poderia oferecer. Mal sabia que para os “novos” amigos e amigas que fizera, não passava de um brinquete, do qual eles deveriam aproveitar a grana; um jovem caipira perdido na cidade.

V – 14 Depois de ter esbanjado tudo, sobreveio àquela região uma grande fome e ele começou a passar penúria.

Nada mais lhe restara; nem dinheiro, nem luxo, nem luxúria, nem bebidas, jogos e diversão, muitos menos os “novos amiguinhos” que tinha encontrado. Chegou ao fundo do poço, como se costuma dizer e, como se não bastasse a trágica situação pessoal em que se encontrava, toda a região é assolada por uma grande fome.

V -15 Foi pôr-se à serviço de um dos habitantes daquela região, que o mandou para os campos guardar os porcos.

Assolado por todos os lados, aquele jovem sai à procura de trabalho. Deixa a cidade e vai para os campos, ou melhor, para os chiqueiros cuidar de porcos. Nada mais vil para um judeu que considerava tal ocupação a mais degradante de todas. Na lei judaica, era maldito quem criava porcos.

V – 16 Desejava ele fartar-se das vagens que os porcos comiam, mas ninguém lhes dava.

Estas vagens eram conhecidas pelo nome de alfarrobas e eram encontradas por toda parte na Palestina. Por serem doces, os animais as comiam sem nenhuma dificuldade. Com certeza, o jovem era explorado e maltratado naquele serviço. Não ganhava praticamente nada, pois, nem sequer podia comprar comida para se alimentar, o que o levou a se desesperar e querer comer até mesmo as alfarrobas dos porcos.

É dramático o ponto ao qual chegou: faminto, explorado, sem amigos e longe da terra, disputando a “lavagem” dos porcos. Mais baixo que o “chiqueiro” esse jovem não poderia chegar.

V – 17 Entrou então em si e refletiu: “Quantos empregados há na casa de meu pai que têm pão em abundância e eu aqui estou a morrer de fome”.

O jovem estava não só fora de sua casa, como estava fora de si mesmo. Ao voltar para si, começa o caminho da volta. Como costume dizer para os jovens que chorando pedem ajuda para sair das drogas e de uma vida afundada em erros: “Quem chegou ao fundo, não resta outra coisa a fazer, a não ser subir”. É isso que faz o filho mais novo: começa a subir.

Interessante percebermos, que antes mesmo de reconhecer a sua própria situação, a primeira coisa que faz o filho, é reconhecer o quanto seu pai é bom.

Lembro-me de uma canção inspirada neste episódio que consegue captar muito bem o que queremos dizer. A canção começa assim: *“hoje parei pra pensar em minha vida, e bem forte lembrei de meu pai”*. Na mente do filho, vem a imagem do pai e de sua maneira carinhosa de tratar a todos, inclusive os empregados, que tinham pão em fartura, alimento sagrado para os judeus. Ao olhar para si, se dá conta da miserável situação em que se encontra e sabe que tudo isso aconteceu porque se distanciou do seu pai.

V – 18 Levantar-me-ei e irei a meu pai e dir-lhe-ei: “Pai, pequei contra o céu e contra ti”.

Custou, mas agora ele entendia que não existe lugar melhor no mundo que a casa do pai. A isso, chamamos de conversão. Mudar de vida não é “avançar para frente” para o desconhecido. Mudar de vida é “voltar para trás”, fazer a curva, o caminho de volta. O

pecado nos distancia de Deus, enquanto a graça da conversão nos aproxima d'Ele novamente. Ela começa não no coração como pensamos: “não é suficiente apenas desejar mudar”; ela começa na cabeça como uma mudança de mentalidade e, por conseguinte, com uma determinação que é o que faz o filho ao decidir-se: “levantar, voltar e falar”; três verbos que indicam movimento.

O filho, sabendo da gravidade de seus atos “ensaia um discurso” para dizer a seu pai como se esse não soubesse antecipadamente o que lhe acontecera. A sua fala demonstra consciência dos erros que ele cometera. Em primeiro lugar reconhece que pecou contra o céu. Ao abandonar o pai, abandona também Deus, a religião e seus mandamentos; misturou-se com os pagãos. Em segundo lugar, que ofendera profundamente o seu pai, matando-o ainda em vida. Não esqueçamos que ele reivindicou a herança enquanto o pai ainda estava vivo; desonrou-lhe o nome durante o tempo que ficou fora; não deu ao pai sequer uma notícia para dizer como estava.

V – 19 “Já não sou digno de ser chamado teu filho. Trata-me como um dos teus empregados”.

A caída em si fora profunda, como profunda fora sua queda. Mesmo reconhecendo quão bom era o seu pai e o quanto o amava, não se importaria em ser tratado como um dos empregados, pois, sabia que da maneira com que o pai trata os seus serviçais, seria melhor que sua atual situação.

Por tudo o que tinha feito, sabia que já não era mais digno de ser considerado seu filho: “Pois todo aquele que abandona seu pai era tido como infame” (Eclo 3,18). Não importava! Para ficar perto de seu pai, o único lugar onde poderia ser feliz, estava disposto a ser tratado como um mero empregado. Contentar-se-ia em receber do pai o mesmo carinho que ele o via dar a seus empregados.

V – 20 Levantou-se, pois, e foi ter com seu pai. Estava ainda longe, quando seu pai o viu e, movido de compaixão correu-lhe ao encontro, lançou-se lhe ao pescoço e o beijou.

Essa cena é digna de fundo musical. Quando tentamos imaginar esse encontro, a impressão que temos é que vai faltar ar aos nossos pulmões.

Quando foi embora de casa, seu coração era só alegria: dinheiro no bolso para gastar à vontade, um mundo à frente para desbravar, gente nova, baladas, diversões e prazer. Sai correndo não vendo a hora de sumir dali; a poeira mal se agarrava às suas sandálias. Agora a coisa mudou: mal consegue tirar os pés descalços do chão. Cabisbaixo, vem se arrastando, contando passo por passo. No coração o medo de ser rejeitado; na cabeça o seu “discurso” que vinha repetindo incansavelmente durante todo o percurso. Sem dúvidas, a volta é sempre mais difícil, sobretudo, porque ela pressupõe admitir algo que não gostamos muito: o de reconhecer que estávamos errados e de que precisamos mudar.

Estava ainda longe quando o pai o avistou, ou melhor, o reconheceu mesmo estando ele tão desfigurado: magro, barbudo, sujo e rasgado. É a atitude de Deus que reconhece seus filhos mesmo quando estão desfigurados pelo pecado.

Tudo indica, que o pai todos os dias, por diversas vezes, costumava olhar para a estrada, na esperança de ver o seu filho voltando para casa. Quantas vezes seu olhar não se perdeu no horizonte, tentando imaginar o que lhe teria acontecido. Era então que as lágrimas corriam-lhe pelo rosto. Todos os dias o Pai do céu espera a humanidade sofrida voltar para Ele.

O pai não consegue conter-se. Suas entranhas estremecem e, movido de compaixão esquece a idade já avançada, quebra o protocolo da tradição judaica de que é o pai quem aguarda estático pelos cumprimentos do filho e corre ao seu encontro. A compaixão cria em nós o sentimento de urgência, não dá para ficar parado diante dos sofrimentos dos outros.

Do latim “*com-passio*”, a palavra compaixão significa “sofrer com”. Ao se colocar no lugar do filho, o pai sentiu que o que seu filho mais precisava nesse momento era estar nos seus braços outra vez. Deus age assim conosco. No menor movimento que fazemos para voltar para Ele novamente, Ele já sai apressadamente ao nosso encontro.

Se bem notarmos, o pai faz tudo àquilo que o filho deveria fazer. Não só corre ao encontro, mas também como uma criança se joga no pescoço do filho e começa a beijá-lo. É importante lembrarmos, que o pai é movido pela compaixão. Faz o que o filho deveria fazer porque se colocou no lugar dele, sentiu suas dores, por isso, não poderia ter outro tipo de comportamento. O mesmo faz Deus quando decidimos voltar. Ele volta a ser criança, Divino infante como O chamava Santa Terezinha.

O beijo ou o ósculo da paz, como era chamado entre os judeus, era um antigo costume que se fazia para acolher uma pessoa muito querida em casa. O beijo do pai falou por ele: “Filho, você é bem-vindo em casa”.

V – 21 O filho lhe disse então: “Pai, pequei contra o céu e contra ti, já não sou digno ser chamado teu filho”.

Aquele belo e comovente discurso que o filho preparara, quem sabe até com a intenção de ser aceito pelo menos como um dos empregados, foi interrompido. O pai sabia que em momentos como esse, as palavras seriam desnecessárias. O fato de o filho estar ali, já dizia tudo, assim como o beijo com o qual fora recebido. O certo é que, nada do que o filho lhe dissesse influenciaria no amor e na atitude que para com ele demonstrara.

V – 22 Mas o pai falou aos servos: “Trazei-me depressa a melhor veste e vesti-lha e ponde-lhe um anel no dedo e calçado nos pés”.

O pai não permite que haja mais perda de tempo para com o seu filho. É como a graça de Deus que age de forma imediata. O filho precisava experimentar que ele continuava sendo filho. Essa é uma das mais belas experiências que Deus faz conosco. Mesmo conhecendo nossos pecados e o que somos capazes de fazer, ele não nos trata como empregados, mas como filhos.

Dá-lhe nova veste, conforme o texto, “a melhor”. Era uma veste comprida de tecido muito fino, usada por pessoas muito importantes e em ocasiões especiais.

Dá-lhe um anel de ouro demonstrando assim, que ele ainda tem parte na herança. Esse foi o gesto que o faraó fez com José quando o colocou à frente de todo o Egito (Gn 4,40-46).

Dá-lhe sandália, ou seja, devolve-lhe a liberdade que tinha perdido quando do mundo se tornou escravo.

Era proibido que os escravos usassem qualquer coisa para calçarem os pés, por isso, o pai apressa para lhe calçar, demonstrando assim que agora ele é um homem livre. Aquele filho que um dia abandonara seu pai porque queria ser livre, descobriu depois de ter sido escravizado pelas paixões, que a verdadeira liberdade só poderia ser encontrada junto do pai. Só em Deus podemos ser realmente livres: *“É para que sejamos homens livres que Cristo nos libertou”* (Gal 5,1).

Com isso, o pai demonstrou para seu filho que ele era muito importante (vestes), que ainda tinha direito à sua herança (o anel) e agora sim ele era livre (as sandálias).

V – 23 “Trazei também o novilho gordo e matai-o; comamos e façamos uma festa”.

Se no versículo anterior o pai demonstrara a seu filho quanto ele o amara e que por isso, já estava perdoado, agora com o abate do novilho cevado reservado provavelmente para a festa da Páscoa, ele demonstra que o céu também já o fizera. Não esqueçamos que isso era o desejo mais profundo do coração do filho; ser perdoado por seu pai e pelo céu.

A alegria é geral. O pai convida a todos para se regozijarem com ele, pois seu filho voltara. A atitude do pai é igual a do pastor quando encontra sua ovelha perdida e a da mulher quando encontra sua moeda.

V – 24 “Este meu filho estava morto e reviveu; tinha se perdido, e foi achado. E começou a festa”.

Eis aí o grande motivo da festa: a passagem da morte para a vida. A ocasião merecia um grande banquete e que o cordeiro engordado fosse abatido. O pai não foi imprudente quando mandou matá-lo. Verdadeiramente, aquela era uma Páscoa.

V – 25 O filho mais velho estava no campo. Ao voltar e aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças.

Começa aqui a segunda parte da parábola, que poderia muito bem ser chamada de: parábola do **segundo filho pródigo (confirmar com padre)**. Diferente do primeiro, esse não estava voltando para casa das suas aventuras, estava voltando do campo, do seu trabalho, que já nos mostra o quanto era extremamente responsável. Ao aproximar da casa estranhou a cena que via à sua frente: “Música! Dança! Mas desde que meu irmão foi-se embora, nessa casa só há tristeza?”.

V – 26 Chamou um servo e perguntou-lhe o que havia. “O que está acontecendo aqui? Qual o motivo de toda essa bagunça?”.

As interpelações do filho mais velho lembra em muito os fariseus, que apegados à lei não conseguiam enxergar a gratuidade de Deus.

V – 27 Ele lhe explicou: “Voltou teu irmão. E teu pai mandou matar um novilho gordo, porque o reencontrou são e salvo”.

Imaginemos com que alegria aquele empregado deu essa notícia. Poderia ter dito: “Fulano voltou”, mas não. Disse: “O teu irmão; carne da tua carne, sangue do teu sangue”. Eis o motivo da festa.

V – 28 Encolerizou-se ele e não queria entrar, mas seu pai saiu e insistiu com ele.

Poderíamos até entender a atitude desse filho se sua indignação fosse momentânea, mas ao que tudo indica a sua reação era a manifestação daquilo que ele realmente era. Diante do pai e dos outros, ele apresentava ser o perfeito: trabalhador, disciplinado, cumpridor da lei. Jamais dera nenhum motivo de escândalo, entretanto, amor, misericórdia, perdão, gratuidade eram coisas que não tinham lugar em seu coração.

O pai tem como ele a mesma atitude que teve para com o filho mais moço; sai, vai ao seu encontro e com todo o seu amor pede que ele entre e partilhe com ele, com o seu irmão e todos os outros da alegria da festa.

V – 29 Ele, então, respondeu ao pai: “Há tantos anos te sirvo sem jamais transgredir ordem alguma tua, e nunca me destes um cabrito para festejar com meus amigos”.

Tomado pela raiva, o filho aproveita da situação para descarregar em cima do pai todo o seu rancor de anos. Seu argumento é baseado no serviço que prestara ao pai incansavelmente e na sua total obediência, não no amor. “É mais fácil obedecer do que amar”.

Suas palavras são duras e insensíveis. Ao acusar o pai de nunca ter lhe dado nem sequer um cabrito (considerado para os judeus como um animal medonho) o filho revelava a lei que o regia interiormente: a da retribuição. Essa era a mentalidade farisaica, que a bênção era adquirida somente pelo cumprimento formal da lei e dos seus inúmeros preceitos. Por isso é que ele se revolta contra o pai, pois na sua cabeça era ele quem deveria ser o alvo das atenções de seu pai e não seu irmão mais novo que fez justamente o contrário.

O filho mais velho sabia cumprir a lei, mas não sabia o que era ser filho, prova disso, é que nem uma vez sequer dirige-se a seu pai chamando-o de pai. Diferente do mais novo para quem, não obstante o que fizera, os laços da filiação persistiram. O pai continuava sendo o seu pai.

V – 30 “E agora que voltou teu filho, que gastou os teus bens com as meretrizes, logo lhe mandaste matar um novilho gordo!”.

A raiva do filho toma agora proporções gigantescas. Ele joga na cara do pai o pecado do filho mais novo, coisa que o pai em nenhum momento fez. O filho mais velho assumiu para si o papel de juiz e acusador. Era a imagem que os fariseus tinham de Deus. Um juiz implacável que pune todos aqueles que desacatarem suas leis. Sua arrogância chega ao extremo. Quando se refere ao seu irmão mais novo diz “teu filho”, como quem quer dizer “não meu irmão”. Por fim revela também o que pensa do pai: “que gastou teus bens”. Em outras palavras: “E que agora acolhes porque não passas de um patético e covarde pai”.

V- 31 Explicou-lhe o pai: “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu”.

Diante de tais acusações, a reação do pai poderia ter sido violenta, contudo, sua reação é tranquila e segura. Com toda a calma do mundo e usando do mesmo tom de voz, sempre amorosa, ele tenta responder às acusações do filho.

Responde a primeira: de que o pai nada lhe dera, nem sequer um cabrito pelos seus anos de trabalho, dizendo que não poderia dar aquilo que já lhe dera. “Tudo o que é meu é teu”.

V – 32 “Convinha, porém, fazermos festa, pois este teu irmão estava morto e reviveu; tinha se perdido e foi achado”.

Responde a segunda: de que o filho mais novo gastara toda a sua herança levando uma vida desordenada dizendo: “Não há outra coisa a fazer quando alguém nasce para uma nova vida, que não seja se alegrar”.

A resposta do pai, saída da boca de Jesus, evidencia que Deus age para com os pecadores com misericórdia e não como eles, que negavam toda e qualquer possibilidade de um pecador, como é o caso dos publicanos e prostitutas, se arrepender e mudar de vida.

A resposta para a pergunta se o filho mais velho entrou na ou não festa é dada pela sua própria maneira de proceder.

O Administrador Infiel

Lc 16,1-13

¹Jesus disse também aos seus discípulos: “Havia um homem rico que tinha um administrador. Este lhe foi denunciado de ter dissipado os seus bens. ²Ele chamou o administrador e lhe disse: Que é que ouço dizer de ti? Presta conta da tua administração, pois já não poderá administrar meus bens. ³O administrador refletiu então consigo: Que farei, visto que meu patrão me tira o emprego? Lavar a terra? Não o posso. Mendigar?Tenho vergonha. ⁴Já sei o que fazer, para que haja quem me

receba em sua casa, quando eu for despedido do emprego. ⁵Chamou, pois, separadamente a cada um dos devedores de seu patrão e perguntou ao primeiro: Quanto deves ao meu patrão? ⁶Ele respondeu: Cem medidas de azeite. Disse-lhe: Toma tua conta, senta-te depressa e escreve: cinquenta.⁷Depois perguntou ao outro: Tu, quanto deves? Respondeu: Cem medidas de trigo. Disse-lhe o administrador: Toma os teus papéis e escreve : oitenta. ⁸E o proprietário admirou a astúcia do administrador, porque os filhos deste mundo são mais prudentes do que os filhos da luz no trato com seus semelhantes. ⁹Eu vos digo: fazei-vos amigos com a riqueza injusta, para que, no dia em que ela vos faltar, eles vos recebam nos tabernáculos eternos.

¹⁰Aquele que é fiel nas coisas pequenas será também nas coisas grandes. E quem é injusto nas coisas pequenas, sê-lo-á também nas grandes. ¹¹Se, pois, não tiverdes sido fiéis nas riquezas injustas, quem vos confiará as verdadeiras? ¹²E se não fostes fiéis no alheio, quem vos dará o que é vosso? ¹³Nenhum servo pode servir a dois senhores: ou há de odiar a um e amar o outro, ou há de aderir a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro”.

V – 1 Jesus disse também aos seus discípulos: “Havia um homem rico que tinha um administrador. Este lhe foi denunciado de estar dissipando os seus bens”.

O administrador era a pessoa de maior confiança do homem rico. Por suas mãos passavam todos os seus bens: negócios, dinheiro e também as responsabilidades menores como as provisões da casa, os empregados, etc. Com o passar do tempo aquele administrador passou a usar como se fossem seus, os bens que lhe tinham sido confiados e por isso foi denunciado.

V – 2 Ele chamou o administrador e lhe disse: “Que é que ouço dizer de ti? Presta conta da tua administração, pois não poderás administrar meus bens”.

A pergunta do dono dos bens revela não só o quanto ele está aborrecido, mas também o quanto está perplexo. Aquele administrador era um home de confiança, seu braço direito, tinha tudo o que precisava e nada lhe faltava. Por isso, ele não conseguia entender o porquê da sua atitude tão mesquinha. Ele já não era mais digno da sua confiança e a única coisa a fazer, era despedi-lo.

V – 3 O administrador refletiu então consigo: “Que farei, visto que meu patrão me tira o emprego? Lavar a terra? Não o posso. Mendigar?Tenho vergonha”.

O administrador cai em si e se dá conta de que a sua situação é delicada. De uma hora para outra, perdeu todas as suas regalias e comodidades. Desesperado, busca saídas.

A primeira que vem em sua mente é a de trabalhar no campo, arando aterra, plantando e fazendo tudo o que essa ocupação exige, mas logo se conscientiza que não teria forças nem tampouco disposição para isso. Acostumado sempre a mandar, não conseguiria se ver como “peão”.

A segunda possibilidade seria de pedir esmolas, mas essa fora refutada de imediato. O que não pensariam as pessoas que sempre o viram esbanjar dinheiro comprando do bom e do melhor, esmolando pelas ruas? Não! isso seria vergonhoso demais para ele.

V – 4 “Já sei o que fazer, para que haja quem me receba em sua casa, quando eu for despedido do emprego”.

A vida que levava em torno de mentiras e extorsões acostumou sua mente a arquitetar planos cada vez mais astuciosos.

Aqui cabe bem o ditado popular que diz que “O costume do cachimbo deixa a pessoa com a boca torta”. Aquele homem já estava tão acostumado com a vida que levava, que não conseguiu diante de tal incidente buscar uma saída honesta. A lei do mais fácil era que o regia.

Seu plano era o seguinte: fraudar as dívidas daqueles que deviam para seu patrão, reduzindo-as bem abaixo do que realmente eram. Conhecedor que era da situação, pois fora ele durante anos o encarregado, imaginava que seu patrão jamais saberia do ocorrido. Por outro lado, isso favorecia bastante os devedores que saíam lucrando em muito e ao mesmo tempo lhe favorecia também, haja visto que tais devedores por terem aceito sua proposta, ficariam a sua mercê.

V – 5 Chamou, pois, separadamente a cada um dos devedores de seu patrão e perguntou ao primeiro: “Quanto deves ao meu patrão?”.

O administrador é tão preciso no seu plano que chama os devedores um por um, separadamente. Queria com isso evitar que a presença de todos pudesse inibir um ao outro de aceitar a “falcatura”. Esses devedores tinham uma “imagem a zelar” e não desejariam correr o risco de que os outros os conhecessem como realmente eram em seus negócios.

V – 6 Ele respondeu: “Cem medidas de azeite. Disse-lhe: Toma tua conta, senta-te depressa e escreve cinquenta”.

O clima aqui é de tensão e pressa, tanto para o administrador como para o devedor. É o que geralmente se passa quando se tem a consciência de estar fazendo algo errado.

A proposta do administrador era algo tentador. Reduzir pela metade uma dívida que chegaria a três mil e trezentos litros de azeite (o que equivaleria cem medidas), era uma “tentação” que não podia ser negada tão facilmente e o devedor sabia muito bem o quanto lucraria.

V – 7 Depois perguntou ao outro: “Tu, quanto deves? Respondeu: Cem medidas de trigo. Disse-lhe o administrador: Toma os teus papéis e escreve oitenta”.

Uma vez mais aparece aqui a mente ardilosa do administrador. Para realizar os seus planos com maior garantia, ele altera “os descontos” a fim de que seu patrão não

pudesse desconfiar de absolutamente nada. Tudo foi pensado nos mínimos detalhes. Para aquele administrador que já fora apanhado uma vez, todo o cuidado era pouco. Cem medidas de trigo, “cenos” em grego equivaleria a mais de trinta e seis mil litros de trigo. Vinte medidas que se tirasse já implicava numa boa margem de lucro. Sem pensar duas vezes no assunto, o devedor escreve oitenta na sua conta.

V – 8 E o proprietário admirou a astúcia do administrador, porque os filhos deste mundo são mais prudentes do que os filhos da luz no trato com seus semelhantes.

Tudo indica que o administrador mais uma vez foi pego nos seus negócios fraudulentos. Sua astúcia foi tão grande e bem elaborada que causa no proprietário, uma reação de admiração. Não que ele de forma alguma tenha concordado com o que o seu administrador fizera, mas do esforço que empregara para tal finalidade.

A partir daqui, pelo menos seis conclusões são tiradas. A razão disso, quem sabe se deva a preocupação que o evangelista São Lucas tinha de que a resposta de Jesus não fosse bem compreendida.

O que Jesus quis dizer quando usou a expressão: “Porque os filhos deste mundo são mais prudentes que os filhos da luz?”.

Para entendermos bem tal declaração, façamos uso do seguinte exemplo. Quem está num quarto escuro terá muito mais facilidade em ver por uma pequena “brecha” o que se passa fora à luz do dia, do que quem está do lado de fora ver o que se passa dentro do quarto escuro. Isso é lógica.

Para Jesus, aqueles que estão acostumados a viver nas trevas, conhecem muito bem suas próprias atitudes: mentira, astúcia, sagacidade, roubos, corrupções, etc, como as atitudes dos que vivem na luz: mansidão, amor, respeito, verdade, etc, para quem, estes não passam de “tolos bonzinhos”, fáceis de serem enganados.

Os filhos da luz no que se refere aos “assuntos deste mundo” estarão em desvantagem por não se misturarem com as obras das trevas e nem tampouco sentir necessidades de delas fazerem uso. Para os filhos das trevas, todos são considerados objetos para obter vantagens, enquanto que para os filhos da luz todos são considerados como irmãos.

V – 9 Eu vos digo: fazei-vos amigos com a riqueza injusta, para que, no dia em que ela vos faltar, eles vos recebam nos tabernáculos eternos.

Aparentemente o versículo nos dá a impressão que Jesus pede que se faça amigos usando riqueza, fruto da ganância e da injustiça. Sendo assim, não estaria Jesus se contradizendo daquilo que disse acerca da riqueza, como por exemplo, na parábola do rico e do Lázaro? Não é esse o sentido específico da palavra. A tradução mais literal do versículo nos ajudará a entender melhor o que Jesus disse: *Fazei para vós mesmos amigos, mediante o mamom da injustiça*. O termo mamom, no grego, designava o deus das riquezas para os caldeus. O que Jesus está querendo dizer é que a riqueza que quase sempre está associada à perdição e a corrupção deve ser colocada à serviço da humanidade, sobretudo, do pobres os quais um dia, serão responsáveis pela entrada dos que assim procedem no céu.

Portanto, a conclusão que Jesus tira dessa parábola está em perfeita harmonia com os demais ensinamentos acerca do pobre como critério de salvação para todos e mais ainda, para os ricos.

V – 10 Aquele que é fiel nas coisas pequenas será também fiel nas coisas grandes. E quem é injusto nas coisas pequenas, sê-lo-á também nas grandes.

As três conclusões que seguem são mais gerais e todas elas vem em forma de sentenças equivalentes.

A desse versículo mostra que a fidelidade deve ser um valor que está acima da quantidade. Quer seja no pouco, quer seja no muito devemos ser fiéis.

V – 11 Se pois, não tiverdes sido fiéis nas riquezas injustas, quem vos confiará as verdadeiras?

Ou seja, se a pessoa não foi capaz de administrar nem os bens materiais que julga serem seus, mas que de fato não são, como lembrará a parábola do homem rico, não lhe será confiada àquela que é a verdadeira riqueza: a vida eterna junto de Deus. Com isso, Jesus nos diz que não somos mais que simples administradores e muitas vezes como esse da parábola – infiel. De outra forma Jesus já falara disso anteriormente: “...*fazei para vós bolsas que não gastam, um inesgotável tesouro nos céus, aonde não chega o ladrão e a traça não destrói*” (Lc 12,33).

V – 12 E se não fostes fiéis no alheio, quem vos dará o que é vosso?

É uma explicação da sentença anterior. A única coisa que é nossa por direito é o Céu, que nos foi dado pela morte de Nosso Senhor Jesus Cristo na cruz. Mas, se não conseguimos lidar com o que é nosso, com o que é alheio faríamos um verdadeiro desastre.

V – 13 Nenhum servo pode servir a dois senhores: Ou há de odiar a um e amar a outro ou há de aderir a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro.

A lei física nos diz que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar ao tempo. Do ponto de vista da ciência, portanto, isso é algo constatável. A colocação de Jesus, porém, ganha algumas nuances a mais.

A palavra grega para servir é a mesma palavra que se usa para designar um escravo *δουλον (doulon)*. Assim sendo, a tradução seria ainda mais forte. Nenhum servo pode escravizar-se a dois senhores, isto é, servir com a mesma prontidão com a qual um escravo serve, a dois senhores. Ao dizer isso, Jesus está afirmando que se é verdade que um escravo faz a vontade de seu senhor de forma incondicional, sem jamais reclamar, ao colocar-se diante do Senhor que é bastante exigente e de *mamom* (dinheiro) que oferece todos os tipos de facilidades, o servo com toda certeza escolherá mamom.

O servo no início até se esforçou por conciliar seus serviços a seus dois senhores, só que com o passar do tempo começou a reclamar de um dizendo: *“Tua vontade é muito exigente para mim e não creio que preciso fazer tudo isso. Parece que nunca está satisfeito...”*, enquanto que ao outro só dispensa elogios: *“Este sim é bom! Nunca me cobra e nunca me obriga a nada, me deixa fazer tudo o que tenho vontade”*. Não é sem razão, que Jesus termina dizendo que não se pode servir a Deus e ao dinheiro.

O Rico e Lázaro

Lc 16,19-31

¹⁹Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho finíssimo, e que todos os dias se banqueteava e se regalava. ²⁰Havia também um mendigo, por nome Lázaro, todo coberto de chagas, que estava deitado à porta do rico. ²¹Ele avidamente desejava matar a fome com as migalhas que caíam da mesa do rico... Até os cães iam lambê-lo as chagas. ²²Ora, aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado.

²³“Estando ele nos tormentos do inferno, levantou-se os olhos e viu, ao longe, Abraão e Lázaro no seu seio. ²⁴Gritou, então: Pai Abraão, compadece-te de mim e manda Lázaro que molhe em água a ponta de seu dedo, a fim de me refrescar a língua, pois sou cruelmente atormentado nestas chamas. ²⁵Abraão, porém, replicou: Filho, lembra-te de que recebestes teus bens em vida, mas Lázaro, males; por isso ele agora aqui é consolado, mas tu estás em tormento. ²⁶Além de tudo, há entre nós e vós um grande abismo, de maneira que, os que querem passar daqui para vós, não o podem, nem os de lá passar para cá. ²⁷O rico disse: Rogo-te então, pai, que mandes Lázaro à casa de meu pai pois tenho cinco irmãos, ²⁸para lhes testemunhar, que não aconteça virem também eles parar neste lugar de tormentos. ²⁹Abraão respondeu: Eles lá tem Moisés e os profetas; ouça-nos! ³⁰O rico replicou: Não, pai Abraão, mas se for a eles algum dos mortos, arrepender-se-ão. ³¹Abraão respondeu-lhe: Se não ouvirem a Moisés e aos profetas, tampouco se deixarão convencer, ainda que ressuscite algum dos mortos”.

V – 19 “Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho finíssimo, e que todos os dias se banqueteava e se regalava.

Temos aqui a fotografia do rico. Vestia-se de púrpura e linho finíssimo. Tecidos extremamente caros. O primeiro por ter uma tintura que nunca desbotava, retirada de um espécime marinho que recebia o mesmo nome e o segundo que era importado do Egito, destacava-se pela sua maciez e suavidade em contato com o corpo. Dele se diz ainda que fartava-se de seus banquetes e de todos os prazeres que o dinheiro podia lhe dar.

O objetivo da parábola do rico e de Lázaro não é procurar explicar verdades acerca da vida futura, ainda que indiretamente o faça. O tema central é o uso inapropriado das riquezas, sobretudo, no que se refere ao abandono no qual os pobres se encontram.

Uma vez mais Jesus nos lembra que a pobreza é critério de entrada no céu. Com isso, os Evangelhos não querem dizer que basta ser pobre para ir para o céu e nem tampouco ser rico para ir para o inferno. O que os Evangelhos querem dizer é que a pobreza gera uma atitude de maior abandono em Deus, enquanto que a riqueza gera no ser humano, a falsa impressão de que a pessoa tudo pode e que basta a si mesma, como vimos na parábola do homem rico (Lc 12,13-21).

Essa parábola é o sermão da montanha dito de outro jeito. Lázaro é a figura do pobre que passa fome, sofre, chora e que será por Deus bem-aventurado, enquanto o rico da parábola é o mesmo de quem Jesus diz: *“Ai de vós ricos, porque tendes a vossa consolação! Ai de vós que estais fartos, porque vireis a ter fome! Ai de vós que agora rides, porque gemereis e chorareis!”* (Lc 6,20-26).

Assim como no sermão da montanha, na parábola há uma inversão de lugar.

V – 20 Havia também um mendigo, por nome Lázaro, todo coberto de chagas, que estava deitado à porta do rico.

A situação do pobre difere da do rico. É dramática. Seu corpo está coberto por chagas, numa tradução mais detalhada podemos dizer úlceras. Não podendo caminhar como os outros mendigos, ficava parado à porta da casa do rico na esperança de que esse pudesse lhe dar algo para comer. Pelo mau cheiro que exalava de suas feridas, com certeza, não poucas vezes fora de lá expulso, assim como de outras casas.

Essa é a primeira parábola em que uma pessoa é apresentada pelo nome, por isso, é que muitos dizem que provavelmente tal personagem existira de fato. Tudo indica, porém, que o nome fora usado por causa daquilo que ele queria dizer: Lázaro é a tradução grega do nome hebraico Eleazar, que significa “Deus ajuda” ou “Deus é ajudador”. Isso confirma o que dissemos nas notas introdutórias da parábola, de que o pobre vive unicamente à mercê da ajuda de Deus. Esse pobre nos faz lembrar das centenas de milhares de Lázaros que vivem a esmolar em cada canto de nossas cidades e se antes fugíamos deles por medo e para não sermos molestados, hoje passamos simplesmente adiante, porque já estamos acostumados a vê-los se confundindo com a arquitetura local das praças, viadutos, escadas, chafarizes e às portas de nossas casas.

V – 21 Ele avidamente desejava matar a fome com as migalhas que caíam da mesa do rico, e os próprios cães vinham lamber-lhes as chagas.

Sabemos que o costume da época era comer segurando o alimento com as próprias mãos, as quais seriam lavadas após a refeição. Os ricos, porém, tinham a estranha mania de limpar as mãos com os miolos dos pães à medida que iam comendo. É isso que são as migalhas com as quais Lázaro se alimentava quando jogadas fora. Aqui, quem sabe um esclarecimento é necessário. A piedade acostumou associar à imagem de Lázaro, alguns cãesinhos que parecem bastante amigáveis. Não é, porém, o que o texto quer dizer. Primeiro que Lázaro tinha que disputar as migalhas com os cães. Segundo que a cena dos cães lambendo as feridas não seria assim tão desejável por ele. Os cães eram considerados pelos judeus como animais imundos (1Rs 21,19; 22-38, 2Sm 3,8; 9,8) por

isso, é que eles apelidavam os pagãos por esse nome (Mt 7,27). Terceiro que os cães dos quais fala a parábola não seriam cães domésticos como aparece em (Mc 7,27-28) *Kananion* = cãezinhos, mas *kane*s = cães indomesticados, criados nas ruas.

V – 22 Ora, aconteceu que o mendigo morreu e foi levado pelos anjos ao reino de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado.

Duas mortes com dois fins diferentes. Todos os povos sempre deram um grande destaque ao sepultamento, sejam eles ricos ou pobres. O importante é que o morto fosse enterrado. Para o povo judeu seria estigma de maldição deixar um cadáver sem ser sepultado. O texto aqui só fala do sepultamento do rico e quem sabe isso se dê pelo fato de que ele teve um enterro digno, com todas as pompas que merecia. Do pobre Lázaro não se fala nada o que é de se esperar, pois, quem se atreveria tocar num corpo purulento e fétido? Se não teve enterro digno, nem cortejo, nem carpideiras como o rico. Os próprios anjos é que vieram ao seu encontro e o levaram para o seio de Abraão. Era a expressão usada pelos judeus para indicar o lugar para onde iriam os justos, os verdadeiros filhos de Abraão.

A partir do versículo seguinte temos uma inversão de papéis.

V – 23 E estando ele nos tormentos do inferno, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro em seu seio.

A palavra inferno é a tradução literal do grego “hades” que por sua vez é a tradução do hebraico Sheol. Seria uma espécie de submundo para onde iriam as almas dos ímpios. Sem entrar na questão de como seria o inferno e o céu, o autor bíblico quer mostrar apenas que o inferno é um estado de tormentos, privações e sofrimentos. Enquanto que o céu é o estar mergulhado nas entranhas (seio) de Deus.

V – 24 Gritou então: “Pai Abraão, compadece-te de mim e manda Lázaro que molhe em água a ponta de seu dedo, a fim de me refrescar a língua, pois, sou cruelmente atormentado nessas chamas”.

O rico que antes se fartara das mais deliciosas iguarias e bebidas clama agora por uma minúscula gota de água. Quem outrora fora acostumado a mandar, pois tinha diversos serviçais a seu comando, suplica agora por um modesto favor. Quem antes se deleitava no conforto de sua bela casa, é agora cruelmente atormentado pelas chamas. Por isso, é que clama por água, pois a água é a fonte da vida existente em abundância no paraíso (Gn 2,10-14).

V – 25 Abraão, porém, replicou: “Filho, lembra-te de que recebestes teus bens em vida, mas Lázaro, males; por isso ele agora aqui é consolado, mas tu estás em tormento”.

Os motivos pelos quais o rico é atormentado e Lázaro consolado não se dão pelo simples fato de um ter recebido abundância de bens e o outro de males. A fala de Abraão, apesar de ser colocada em tais termos, revela o que Jesus pensava da riqueza e da pobreza. Se a primeira não fosse colocada à disposição da segunda se tornaria causa de condenação.

V – 26 “Além de tudo, há entre nós e vós um grande abismo, de maneira que, os que querem passar daqui para vós, não o podem, nem os de lá passar para cá”.

Se o pedido do rico fora negado num primeiro momento, por uma questão de justiça - pois recebera o que merecia – nesse versículo ele é refutado, porque há uma impossibilidade abismal de qualquer tipo de contato. Diferente do outro mundo onde bons e maus se misturavam, aqui a distinção é bastante clara, cada qual vai para o lugar que lhe fora reservado: *“Feliz o justo, para ele o bem; ele comerá o fruto de suas obras. Ai dos ímpios, para ele o mal; porque ele será tratado segundo as suas obras”* (Is 3,10-11).

V – 27 O rico disse: “Rogo-te então pai, que mandes Lázaro à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos”.

A parábola agora se reverte em duras críticas aos judeus, que pensavam que pelo fato de serem “filhos de Abraão” lhes estariam garantido o paraíso. A súplica do rico por seus irmãos é a amarga consciência dessa verdade.

V – 28 “Para lhes testemunhar, que não aconteça virem também eles, parar neste lugar de tormentos”.

Em outras palavras é como se o rico pedisse a Lázaro que dissesse aos seus irmãos: “Façam o bem, ajudem os pobres, repartam vossas riquezas, não confiem que basta ser filho de Abraão e o paraíso vos será dado automaticamente”.

V – 29 Abraão respondeu: “Eles lá tem Moisés e os profetas: ouçam-nos”.

Era como se Abraão dissesse: O que você me pede eles já têm: a lei e a profecia; é só ouvi-los. Abraão lembra aqui o primeiro mandamento que foi dado a Israel: *“Ouve ó Israel, as leis e os preceitos que hoje te proclamo aos teus ouvidos: aprendei-os e praticai-os cuidadosamente”* (Dt 5,1).

Se o rico tivesse colocado em prática os preceitos do Senhor, nada disso lhe teria acontecido. Da mesma forma, acontecerá com seus irmãos se não atentarem para o que Moisés falou, como por exemplo, no que tange a riqueza: *“Não suceda que depois de teres comido à saciedade, de teres construído e habitado formosas casas, de teres visto multiplicar teus bois e tuas ovelhas e aumentar a tua prata, o teu ouro e os teus bens, teu coração se eleve e te esqueças de teu Deus”* (Dt 8,12-14).

- Aos desvalidos: O Senhor vosso Deus não faz distinção de pessoas nem aceita presentes (que não faz nada em troca de algo). Ele faz justiça ao órfão e à viúva e ama o estrangeiro, ao qual dá alimento e vestuário” (Dt 10,17-18).
- Falou pela boca dos profetas: “Cessai de fazer o mal, aprendei a fazer o bem. Respeitai o direito, protegei o oprimido” (Is 1,17).
- “Se deres o teu pão ao faminto, se alimentares os pobres, tua luz levantar-se-á na escuridão e tua noite resplandecerá como o dia pleno” (Is 58,10).

V – 30 O rico replicou: “Não, pai Abraão; mas se for a eles algum dos mortos, arrepender-se-ão”.

Importante lembrarmos aqui do outro Lázaro, amigo íntimo de Jesus que mesmo tendo “voltado à vida” não conseguia convencer a todos da vida nova inaugurada por Jesus. Diante desse fato, muitos tentaram ainda matá-Lo (Jo 12,10-11).

V – 31 Abraão respondeu-lhe: “Se não ouvirem a Moisés e aos profetas tampouco se deixarão convencer, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos”.

Esse último versículo refere-se sem dúvida nenhuma à ressurreição do próprio Jesus, que fora rejeitado por muitos, sobretudo, pelos poderosos e sábios deste mundo.

O Juiz Iníquo

Lc 18,1-8

¹*Propôs-lhes Jesus uma parábola para mostrar que é necessário orar sempre sem jamais deixar de fazê-lo.* ²*Havia em certa cidade um juiz que não temia a Deus, nem respeitava pessoa alguma.* ³*Na mesma cidade vivia também uma viúva que vinha com frequência à sua presença para lhe dizer-lhe: “Faze-me justiça contra o meu adversário”.* ⁴*Ele, porém, por muito tempo não o quis. Por fim, refletiu consigo: “Eu não temo a Deus nem respeito os homens; ⁵ todavia, porque esta viúva me importuna, far-lhe-ei justiça, senão ela não cessará de me molestar”.*

⁶*Prosseguiu o Senhor: “Ouvís o que diz este juiz injusto? ⁷ Por acaso não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que estão clamando por ele dia e noite? Porventura tardará em socorrê-los?*

⁸*Digo-vos que em breve lhes fará justiça. Mas, quando vier o Filho do homem, acaso achará fé sobre a terra?”.*

V – 1 Propôs-lhes Jesus uma parábola para mostrar que é necessário orar sempre sem jamais deixar de fazê-lo

O versículo primeiro nos introduz no sentido geral da parábola, que é a necessidade de rezar sem desfalecer, ou conforme uma tradução mais literal do grego, *sem ceder ao mal*. O mal aqui deve ser entendido não só como uma tentação maligna, mas, sobretudo como uma atitude de covardia diante das perseguições e do desânimo diante das tribulações.

V – 2 “Havia em certa cidade um juiz que não temia a Deus, nem respeitava pessoa alguma”.

Se assim o é, então esse juiz reinava absoluto. Não temendo a Deus, nem respeitando os outros, o que valia era sua palavra. Por certo, suas decisões eram sempre injustas, pois, havia eliminado duas grandes referências de seu julgamento: Deus e a vida.

Quando assim agimos, nos restará a certeza de que tudo o que fizemos, por mais que nos traga proveito próprio jamais trará a felicidade. Afinal, que tipo de vida restará para quem eliminou Deus e os seus semelhantes?

V -3 Na mesma cidade vivia também uma viúva que vinha com frequência à sua presença para lhe dizer-lhe: “Faze-me justiça contra o meu adversário”.

A viúva, juntamente com o órfão e o estrangeiro eram considerados os pobres dentre os pobres. A viúva da parábola busca auxílio no juiz porque com certeza não só perdera seu marido, como também já não tem mais filhos ou parentes próximos. Está sozinha a mercê da exploração dos outros. Vítima indefesa, não encontrou ajuda entre os que se consideravam “comissários de Deus”. Pelo contrário, esses eram os primeiros a explorá-las e deles já dizia Jesus: *“Ai de vós escribas e fariseus hipócritas! Devorais as casas das viúvas fingindo fazer longas orações. Por isso sereis castigados com muito maior vigor”* (Mt 23,14).

Essa pobre viúva, dia e noite vinha àquele juiz iníquo suplicar que lhe julgasse a sua causa. Não pede que o juiz elimine seu adversário, mas somente que lhe defenda e proteja de uma vez por todas das mãos do seu adversário.

V – 4 “Ele, porém, por muito tempo não o quis. Por fim, refletiu consigo: Eu não temo a Deus nem respeito os homens”.

Se esse juiz fosse temente a Deus e defensor da vida, sobretudo, lá onde ela parece estar mais vulnerável, com certeza já teria solucionado o grave problema dessa pobre viúva. Por muito tempo, entretanto, baseado unicamente na sua má vontade e nos seus caprichos, permitiu que ela sofresse sozinha todo tipo de injustiça, exploração, molestamentos, acusações, violência verbal e até mesmo física.

V – 5 “Todavia, porque esta viúva me importuna, far-lhe-ei justiça, senão ela não cessará de me molestar”.

A sentença dada em favor da viúva não é fruto da bondade do juiz nem tampouco da “justiça que tarda mas não falha” mas, unicamente da determinação insistente daquela mulher.

Essa parábola não visa mostrar Deus como um juiz implacável, que só responda nossos clamores quando já estamos “nas últimas”. Ao contrário, ela quer nos mostrar que, se

mesmo um juiz iníquo e perverso é capaz de fazer uma ação boa (não que ele tenha feito objetivando isso), quanto mais Deus que é Pai e só deseja o bem de seus filhos.

É claro que você poderia replicar dizendo: “Puxa! Há tanto tempo que eu peço algo a Deus e não obtenho resposta nenhuma”. Se Deus “tarda” pode ter a certeza que não é porque age como o juiz iníquo. As razões humanas que poderíamos dar seriam muitas: “Deus tarda porque está preparando algo melhor para você; demora porque está disciplinando tua oração; ou quem sabe porque espera que você não venha atrás só do milagre, mas busque com todas as tuas forças o ‘dono dos milagres’, Ele próprio”. Poderíamos buscar resposta nos santos, para os quais os sofrimentos não sanados eram já, a resposta de Deus para uma alma.

- *“Sofrer constantemente por Jesus Cristo para logo sermos santos”* (São Francisco de Sales).

- *“Dor e amor crescem em idêntica proporção”* (Santa Catarina).

- *“Jesus quando quer purificar uma alma usa dos instrumentos que deseja, inclusive os sofrimentos”* (Santa Faustina).

- *“O caminho da cruz é o que Deus reserva aos seus escolhidos: quanto mais o ama, mais os sobrecarrega de tribulações”* (Santa Tereza de Jesus).

O certo diletos filhos e filhas, é que só a Deus compete saber o porque e o quando responder. A nós cabe sem cessar, sem cansar, sem vacilar, sem desanimar, orar, suplicar, clamar e acreditar que Ele agirá, disso é o que nos fala os versículos seguintes.

V – 6 Prossegui o Senhor: “Ouvís o que diz este juiz injusto?”.

A partir desse versículo a parábola ganha um sentido bem específico. Ela se torna conforto e esperança para os cristãos que, em meio às perseguições, torturas, prisões e mortes, clamavam para que Deus viesse sem demora socorrê-los. É o grito dos mártires que sobe aos céus clamando por justiça.

V- 7 “Por acaso não fará Deus justiça aos seus escolhidos que estão clamando por Ele dia e noite? Porventura tardará em socorrê-los?”.

As perguntas já contêm as próprias respostas. Não! Deus não ficará indiferente aos milhares de filhos seus que são condenados às mortes mais horrendas. Não esqueçamos que Lucas ao escrever seu Evangelho, tinha como pano de fundo o martírio de centenas de cristãos condenados à morte quer pelas autoridades judaicas, quer pelos tribunais romanos. Deus agirá! O sangue que rega a terra será justificado. Quanto mais ele jorra, mais filhos e filhas nascerão para a Igreja. Mesmo em meio à dor e aos duzentos anos de perseguições e mortes, os primeiros cristãos foram testemunhas oculares da verdade.

V – 8 “Digo-vos: Em breve lhes fará justiça. Mas, quando vier o Filho do homem, acaso achará fé sobre a terra?”.

A referência aqui é a parousia. Os primeiros cristãos esperavam a segunda vinda de Jesus muito em breve, como nós também a esperamos e professamos. Quando, não

sabemos e nem precisamos sabê-lo. Deixemo-la reservada à Deus. Compete a nós somente, repetir a atitude da viúva; uma fé inabalável que mesmo não sabendo se o juiz agiria ou quando agiria a seu favor, não desanimou. Mas tornou-se ainda mais insistente. É essa fé que Jesus quer encontrar, quando da sua segunda vinda.

O Fariseu e o Publicano

Lc 18,9-14

⁹Jesus lhes disse ainda esta parábola a respeito de alguns que se vangloriavam como se fossem justos, e desprezavam os outros: ¹⁰“Subiram dois homens ao templo para orar. Um era fariseu; o outro, publicano. ¹¹O fariseu, em pé, orava no seu interior desta forma: Graças te dou, ó Deus que não sou como os demais homens: ladrões, injustos e adúlteros; nem como o publicano que está ali. ¹²Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de todos os meus lucros. ¹³O publicano, porém, mantendo-se à distancia, não ousava sequer levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador! ¹⁴Digo-vos: Este voltou justificado, e não o outro. Pois todo o que se exaltar será humilhado, e quem se humilhar será exaltado”.

V- 9 Jesus lhes disse ainda esta parábola a respeito de alguns que se vangloriavam como se fossem justos, e desprezavam os outros.

Tanto essa parábola como a outra anterior começam, antecipando como num preâmbulo, para quem será dirigida e o assunto que tratará. Se fizéssemos uma tradução literal, perceberíamos que esse versículo ganharia mais força ainda no que concerne aos destinatários da parábola. Vejamos como ele ficaria: *“Jesus disse ainda essa parábola contra alguns que, crendo que eram justos desprezavam como sendo nada o resto”*. Forte não é mesmo? Era assim que se consideravam os fariseus, como a mais alta expressão de perfeição, ao contrário dos publicanos aos quais tinham como uma das piores espécies de pecadores, vedando-lhes, mesmo a possibilidade de conversão.

V -10 “Subiram dois homens ao templo para orar. Um era fariseu e o outro, publicano”.

Um só lugar, dois homens totalmente diferentes entre si. Um não sai do templo, o outro mal aparecia. Um orava diariamente, o outro nunca o fazia. Se não bastasse tudo isso, a maiorias dos publicanos, geralmente judeus a serviço do Império Romano eram ladrões, fraudulentos. Para enriquecerem usavam dos subornos, chantagens e até mesmo assassinatos. Com razão, eram tão odiados e desprezados.

V – 11 O fariseu, em pé, orava no seu interior desta forma: “Graças te dou, ó Deus, que não sou como os demais homens: ladrões, injustos e adúlteros; nem como o publicano que está ali”.

Em grego a oração começa assim: “*O Theos Eukaristo..*” “Ó Deus, uma ação de graças te dou...”. Aí se encontra a palavra Eucaristia, ação de graças, que assim para nós tornou-se naquela última ceia um sacramento. Jesus se dá em verdadeira comida e verdadeira bebida e, com os seus discípulos, faz uma ação de graças.

Tudo isso, para dizer que a ação de graças que o fariseu prestava a Deus jamais seria ouvida. Ele não só orava de pé, como na sua oração se colocava acima dos homens, e entre esses os mais miseráveis. A sua ação de graças contraria a de Jesus, que naquele gesto se dava a toda a humanidade pecadora; a dele não passava de autossuficiência egoística. Dá a entender que o fariseu ao rezar, tinha na mente o publicano que estava a seu lado e quem não passava de um ladrão, um injusto e um adúltero. Sua “ação de graças” se dava à custa das misérias do outro.

V – 12 “Jejuo duas vezes na semana e pago o dízimo de todos os meus lucros”.

O fariseu continua a sua “ação de graças”, agora referindo-se a lei. Tanto o jejum como o dízimo eram exigências que a lei mosaica fazia a todos os judeus.

O jejum (cf. Lv 16,29-31) deveria ser feito uma vez por ano, salvo em algumas datas nacionais. Os fariseus para mostrarem o quanto eram devotos e “penitentes” jejuavam até duas vezes por semana.

O dízimo, outra prática exigida pela lei (Dt 14,22-24), deveria ser tirada das colheitas e dos rebanhos. Os fariseus, para demonstrarem o quanto eram “justos” pagavam também o dízimo de outras ervas que naturalmente nasciam em suas terras.

Como se pode ver, estavam mais preocupados com a exterioridade da religião do que com as práticas da misericórdia, da verdadeira justiça e conversão de vida.

V – 13 O publicano, porém, mantendo-se à distancia, não ousava sequer levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: “Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador!”.

Por achar-se tão indigno, o publicano nem sequer ousou se aproximar do outro que estava mais no centro da sinagoga. Ele manteve-se à distância, como faziam aqueles que eram considerados indignos (Mc 3,1-6). Nem sequer teve coragem de levantar os olhos, como era comum aos judeus quando rezavam. Batia fortemente no peito como era praxe fazer, ao perder alguém muito querido. Isso já demonstrava o quanto reconhecia-se pesaroso pelo tipo de vida que levava. Ao abrir os lábios deixa sair a oração que mais agrada a Deus diante da qual ele se “desmonta”: “Ó Deus, tem piedade de mim que sou pecador”. No grego aparece o artigo definido τὸ “o”. O publicano não só reconhecia como sendo um pecador, mas “o pecador”. Diferente do fariseu que se achava “o melhor” dentre os homens, o publicano se achava “o pior” dentre eles.

V - 14 “Digo-vos: Este voltou justificado, e não o outro. Pois todo o que se exaltar será humilhado, e quem se humilhar será exaltado”.

O fariseu procurou justificar o quanto era bom apontando os defeitos do publicano. Ao agir assim, não só quis estar acima do restante dos homens, como quis assumir o papel

do próprio Deus a quem é unicamente reservado o direito de julgar. O publicano não acusou e nem culpou ninguém. Ao se assumir como um grande e miserável pecador pode experimentar em sua vida a misericórdia de Deus.

A parábola termina com um dos princípios mais usados por Jesus e que por ser tão óbvio dispensa qualquer comentário.

Fraternidade O Caminho

A Fraternidade O Caminho é uma comunidade formada por **sacerdotes**???, religiosos e leigos que, seguindo o apelo do Mestre: “*Vem e segue-me*”, deixaram tudo para estar com Ele a serviço dos pequeninos do Reino.

Vivem em pequenas comunidades chamadas *Fratérnitas*, palavra latina que significa fraternidade. Adotam o estilo de uma vida simples, marcada pelo amor apaixonante à *Dama Pobreza*. Desta forma, buscam aproximar-se ao máximo do estilo de vida dos pobres, a quem servem: “*Se não formos pobres, como poderemos entender os pobres...*”.

Como creem em uma vida consagrada aberta a todos, e de maneira particular aos pobres, o Carisma adotado pela Fraternidade pede que suas casas sejam *as casas dos pobres*. Ao lado deles, compartilham a vida comunitária; as tarefas diárias, a oração, a mesa da comida e da Eucaristia. Costumam dizer que é prazeroso poder escutar da boca de um irmão que vive nas ruas: “aqui eu me sinto em casa”. Os irmãos da Fraternidade O caminho oferecem casa aos pobres, que retribuem dando-lhes o Reino dos Céus (Mt 25).

No dia-a-dia dividem momentos de oração comunitária e pessoa: adoração, reparação, intercessão e o Divino Sacrifício do Altar; as tarefas da casa (lavar, passar, limpar, cozinhar...); as formações (espiritualidade, liturgia, Sagrada Escritura, relacionamento humano-afetivo, vida dos santos, doutrina da Igreja, arte sacra); os trabalhos manuais (ícones, terços, artesanatos em geral, horta...) e as missões (nas cadeias, FEBEM, menores em situação de marginalidade, mulheres em situação de prostituição, idosos, doentes, moradores de rua, dependentes químicos, pregações, retiros...).

Capa Final

Esta obra nasceu da necessidade das pessoas que pouco conhecem ou têm dúvidas do rico conteúdo da Bíblia. As parábolas são apresentadas na íntegra e depois explicadas “versículo por versículo”, de modo que proporcionem conhecimento e esclarecimentos aos leitores. Muitas vezes, a ideia não deve ser interpretada ao “pé da letra”, pois necessita que sejam conhecidas as “entrelinhas”.